

Marchemos Resolutos Para a Guerra

Luis Gonzaga Vieira

Luiz Gonzaga Vieira

MARCHEMOS RESOLUTOS PARA A GUERRA

Para

YVONE

"TERRIVELMENTE, eis exatamente
o que eu queria dizer
a todos e a mim, apenas isto:
terrivelmente."

(Campos de Carvalho)

- O que você acha desse meu vestido?

- Bacana! Muito bacana!

- Fica com as costas de fora mas tá bem tapadinho na frente. Com sapato branco fica espetacular. Só não sei se o Lamartine vai achar ruim. (Lamartine era o namorado da Maria Lize.)

- Bacana!

- Mamãe tava falando que não sabe como é que a gente tem coragem de usar um vestido desse.

- Não! Tá bacana! Mamãe é do século passado! Liga não!

- Depois, com esse calor.

- É.

Aqui no caso a idade não adiantava muito, ou por outra, havia uma idade média, digamos entre 15 até 40 anos. De preferência, uma idade que estivesse entre os 20 e os 30 anos embora, se fosse pra viver junto, Renato preferisse moça entre os 30 e os 35 anos, pois Renato estava com 36 anos (faria 37 em julho). As condições seriam as de sempre, desde quando Renato era criança e gostava (inocentemente) de ficar passando a mão na perna da mãe, das irmãs e das visitas, inocência que obviamente desapareceu com a idade e com a consciência do mundo. PARA OLHAR E FICAR EXCITADO o tipo de mulher seria aquele cujo padrão de beleza era reconhecido até mesmo nos concursos internacionais, em que pesem certas diferenças marcantes das mulheres orientais, por exemplo, e em que pese todo mundo saber que qualquer homem goza com qualquer mulher física ou mental.

Ela comprou cueca pro marido mas o marido não gostou da cueca então ela mesma é que acabou usando as cuecas do marido.

A altura não importava muito, embora Renato preferisse mulher da altura dele em tudo, na base de 1,80m mais ou menos. As morenas o atraíam mais, embora ele nada tivesse contra qualquer tipo de cor, nem contra as amarelas e vermelhas.

Talvez por ser careca (não sabe), ele gostava dos cabelos curtos de Jean Seberg, e também gostava do formato da boca e do rosto de Jean Seberg, e também gostava que Jean Seberg gostasse de um escritor como marido, amante ou simplesmente amigo. Jean Seberg pode ser uma especialíssima exceção para o gosto de Renato, pois Jean Seberg era loira e com sardinhas no rosto: talvez se tenha dado um peso maior aos cabelos curtos de Jean Seberg, mesmo quando ela usava cabelos compridos, pois a Jean Seberg de Renato é aquela que está no filme Acrossado, de Godard. As morenas atraíam Renato, mas ele se sentia atraído por qualquer mulher que estivesse na frente dele, contanto naturalmente que tivessem os ingredientes necessários e impressionassem bem.

- Mas a Ivone é preta.

- Não. Não tou falando apenas de amigas. Tou falando dessas que a gente tara com elas, mesmo que nem saibam que a gente existe, nem tomem conhecimento da gente.

- Um negócio platônico.

- Bem. Enquanto elas não quiserem nada com a gente, o negócio fica só em Platão. Mas, com um pouco de paciência, a gente pode chegar até Sade e Henry Miller.

- Oba!

Uma morena de cabelos curtos e rosto nem muito gordo nem muito magro, sem pintura ou sem exagero, sem anéis e sem brincos, e com microssaia, e os seios grandes, sem serem volumosos.

- Viu o que o Polanski falava da mulher dele quando a mulher deu de mamar prum cachorrinho? Uma porção de negócios sobre a vida. A vida é isso mesmo, porra!

O corpo sob as medidas certas ou aproximadas de miss mas, por favor, não usando sapato de salto alto em hipótese alguma e muito menos desfilando em passarela. Renato fazia questão absoluta de uma coisa: as coxas. Sem dúvida. As coxas teriam que ser cheias e bem contornadas, mas sem exagero, e que

houvesse um equilíbrio entre as coxas e o resto do corpo. Outra coisa: as mãos teriam que ser espirituais como as de uma pianista, mas teriam que ser totalmente de carne. Porque, pra Renato, o que há de espiritual nas pessoas está na carne.

- Mulher desse jeito é ideia, não é mulher.

Renato aguentou a gozação calado. Mas pensou que toda mulher é uma aproximação de mulher, assim como todo homem é um projeto de homem. E viu que tudo isso era espécie de teatro, cujo ato principal estava na cama e, principalmente, na conjugação entre um sexo e outro.

Roberto:

- A literatura atrapalha a literatura da gente.

- A gente aprende mais na cama do que num livro.

Renato falava em Jean Seberg porque, realmente, ele sempre esteve fixado nessa imagem, naquele modo de rir de Jean Seberg que era como um chamamento, um grito. Não se pensava tanto em atração puramente sexual, mas em atração existencial, porque Jean Seberg sugeria todo um tipo de vida, o modo de um homem se comportar decentemente diante da mulher, ou um sonho de amor, mas sem aqueles acordes românticos da peça de Lizst. Acima de tudo, a mulher teria que gostar de ser mulher e lutar, de um modo ou de outro, para se impor no mundo dos machos, não havendo sintomas de patriarcado nem de matriarcado, mas de seres humanos. E também, a mulher teria que ensinar aos machos que eles não são tão importantes como pensam, e a mulher precisaria forçosamente de grande dose de paciência e piedade para tratar com os machos, pois os machos não eram culpados de serem machos, eram apenas ingênuos.

- Vem almoçar, meu filho.

Não gosta de mulher gorda não tanto por motivos estéticos mas porque o coração das pessoas gordas tem que trabalhar mais. Também não gosta dessas barrigas flácidas que costuma observar na piscina ou na praia, mas acha espetacular a posição do umbigo no meio da barriga. Espetacular também é ver

como a calcinha se ajusta perfeitamente na bunda da moça. Não gosta de sutiã porque sutiã dá impressão de um negócio artificial demais: sutiã é uma espécie de afronta contra os seios. Diferente da calcinha, que enriquece a bunda e a buceta da moça, valoriza, sugestiona. Acima de tudo, porém, há as ondulações do corpo feminino, porra! as curvas, as retas, os acidentes de percurso, a mata virgem ou deflorada. Põe-se então o problema fundamental: o corpo feminino é desejável e estético ou sou eu que sinto desejo e estesia diante de um corpo feminino? Ou seriam as duas coisas ao mesmo tempo?

A atriz norte-americana Jean Seberg casou-se, em Las Vegas, com o diretor de cinema Dennis Perry. É o terceiro marido dela. A notícia foi dada por seus pais, que moram em Marshaltown, Estado de Iowa. Antes, Jean Seberg foi casada com o advogado François Moreuil e com o escritor e diplomata Romain Gray, todos dois franceses. Jean Seberg e seu novo marido seguiram para a França depois da cerimônia, realizada numa capela protestante.

Jean Seberg seria uma imagem tão real como a presença de uma pessoa na frente do espelho. Jean Seberg existia, aí estava todo o fato. Mas, com a mesma tristeza com que fumava o último cigarro do maço, assim Renato sentia a distância que o separava de Jean Seberg. Isto não quer dizer que Renato pedia a presença da grande artista, pois Renato queria que ela apenas existisse e que continuasse a ser Jean Seberg. Não se trata aqui de inspiração, mas de simples explicação de motivos.

- Qual o veneno que você prefere? (Um artista oferecia bebida para o outro e, como em todo filme norte-americano, a bebida era uísque com gelo. O artista ficava brincando com o copo na mão e depois deixava o copo vazio na mesinha.)

Era espécie de Mona Lisa, a imperfeição mais perfeita que se conhece, a contingência mais absoluta, sempre olhando pra mim em qualquer posição que eu estivesse. Já falei naquele

modo Seberg de rir, toda aquela insinuação. Pois é desse jeito que Renato via as mulheres morenas, chegando perto delas e reconhecendo é deste modo que eu pensava. Logo depois retraía-se, pois ele não queria encontrar ninguém, ele queria apenas procurar, ou seja, ele queria realmente encontrar mas não deixando nunca de procurar, que a procura, ou seja o encontro, que o encontro seja a procura, se e que vocês estão me entendendo, sim, vocês estão me entendendo, é claro. E, por favor, não pensem na sofia dos gregos, pois o problema aqui não é filo-sofia, são as palavras. É verdade que prefiro as morenas, mas posso gostar de outras cores, conforme as circunstâncias.

No fundo, bem no fundo (como diziam todos que argumentavam e não admitiam réplica) no fundo nada realmente importava, e o que importava realmente era a presença da mulher, não importando as ideias que eu fazia da mulher. A mulher era escolhida de acordo com a tentação do momento e não, de acordo com um ideal de perfeição - perfeição eram as circunstâncias, os jogos de momento. No fundo, era assim que Renato encarava as mulheres, mesmo quando falasse em cor, altura, ondulações etc. Era assim que Renato via Jean Seberg andar pelo passeio da avenida sem ao menos desconfiar que Renato olhava pra ela: então era como se o asfalto ficasse batendo no peito dele, então ele abaixava a cabeça contrariado e ia encontrar-se com a irmã gêmea de Jean Seberg - mas não era a mesma coisa - mas a irmã gêmea de Jean Seberg estava presente e Jean Seberg, além de casada, morava em Paris e, se não morava em Paris, morava num lugar qualquer bem longe.

Conheci Jean Seberg na última sessão de um cinema de bairro. Nunca fui de atacar as pessoas diretamente mas, por coincidência ou por qualquer outro motivo, ela veio e sentou perto de mim, ao mesmo tempo em que eu vim e sentei perto dela, tudo maquinal, como se a cena já tivesse sido ensaiada muitas vezes. Ficamos um perto do outro, mas sem falar nada,

como dois namorados que haviam brigado. Pra dizer a verdade, só notei que era realmente Jean Seberg quando os dois saímos juntos do cinema e ficamos esperando um táxi ali perto do posto de gasolina. Me apresentei e ela me disse o nome: era a primeira vez que a gente falava um com o outro. Ela recitou: entre a dor e o nada, eu prefiro a dor. E riu, quer dizer, ameaçou. Porque Jean Seberg não ria, não gargalhava, apenas contraía os lábios, duas covinhas ameaçavam aparecer no rosto, e os olhos dela riam mais que os lábios. As sardas no rosto faziam com que ficasse mais atraente. Cabelos bem curtos, e os lábios tremendamente sensuais, combinando com as narinas que inchavam como se estivesse gozando. Todo aquele jeito e olhar era mais do que convite, era uma imposição. O corpo não muito cheio, mas bem feito, com as ondulações essenciais, os seios não muito grandes, durinhos como se fossem de menina. Porque Jean Seberg estava com 30 anos e trabalhava em jornal e televisão, usava microssaia e era mais baixa que Renato, muitas vezes não usava sutiã e também não gostava de usar meia nem pintura nem enfeites, apenas um sombreado no rosto e nos lábios carnudos.

Renato e Jean Seberg costumavam encontrar-se de vez em quando, por acaso, apesar de Renato gostar muito dela e ela nunca ter ligado muito pra Renato, desse jeito. Ela não ligava muito pra Renato porque já estava comprometida com um francês que Renato não conhecia nem estava interessado em conhecer. Foi no Canal 12 da TV Mundo que apresentei Jean Seberg pra Diana Davis (lá na TV preferiam chamar Diana Davis de Ângela Davis, diziam que assim ficava melhor). Foi esquisito o modo como as duas se olharam, como se soubessem o que cada uma pensava a respeito das coisas e das pessoas. De qualquer modo se cumprimentaram como mulheres civilizadas e uma beijou o rosto da outra como velhas amigas e, ainda por cima, riram uma pra outra. Jean Seberg era loira, Diana Davis era preta. Na mesa do barzinho, ali perto da TV Mundo, estavam Jean Seberg,

a irmã gêmea que também se chamava Jean Seberg, Diana Davis e eu. Pediram chope, eu pedi cerveja e uns salgadinhos.

Pra dizer a verdade, Jean Seberg só ligava diretamente para aquelas coisas e pessoas que ficavam perto dela e que, de uma forma ou de outra, a afetavam. Tinha suas ideias sobre o mundo, mas não avançava muito no assunto, como Diana Davis. Porque Diana Davis, além de ser trabalhadora de vida rotineira, também costumava tomar posições diante dos acontecimentos políticos, defendendo os oprimidos, gritando contra as ditaduras e a favor da liberdade. Como preta, defendia os negros, exigia que lhes fossem garantidos os direitos, mesmo correndo o risco de ser presa ou morta. Jean Seberg discordava de muita coisa e era avançada mais nessa parte que chamam de existencial, compreende? não se preocupando com as questões políticas e sociais, embora lamentasse as guerras e injustiças, como qualquer pessoa sensível. A irmã gêmea de Jean Seberg não falava nada, parecia muda, aprovava ou desaprovava as coisas apenas com a cabeça ou com os olhos que riam. Era uma cópia da irmã, embora tivesse o corpo mais bem feito e desejável. Enquanto Diana Davis trocava ideias, eu passava a mão nas coxas de Jean Seberg e ela apenas olhava pro meu lado e ria com os olhos. Só levou um pequeno choque quando toquei o dedo em sua castanha suada, ela fechou as pernas prendendo minha mão e me olhando séria. Diana Davis e Jean Seberg falavam sobre o massacre na China, e agora a irmã de Jean Seberg apertava minha mão em sua microssaia e, pelo decote, eu percebia os seios dela tremendo. Deixamos Jean Seberg e Diana Davis conversando e saímos pra pegar um táxi: eu a deixei em casa do namorado, que também era francês. Senti uma depressão tremenda e um vazio desgraçado. Pra me consolar, fiquei pensando onde é que Jean Seberg e Diana Davis iriam parar com toda aquela discussão complicada sobre a vida, o amor, o trabalho da mulher, a emancipação, coisas assim.

Quando voltei pro barzinho, as duas já haviam saído. Procurei na TV, e Diana Davis também não estava mais lá.

Liza era outra, artista, mexia com teatro e cinema. Nunca se encontrou com Diana Davis ou com Jean Seberg e a irmã, provavelmente nem sabe que as três existem, da mesma forma como as três nem sabem que Liza existe - ou apenas uma ouviu falar da outra. Filha de italianos, rodou o mundo, apesar de seus 28 anos bem novos ainda. Liza era especial e não tinha nenhuma "qualidade" daquelas que Renato via na mulher ideal ou idealizada, vá lá. O problema é que Liza tinha um jeito próprio de falar, de rir, de gesticular com as mãos e os dedos, de morder os lábios inferiores ou ficar séria e preocupada, um jeito assim entre mocinha e adulta, e também com uma despreocupação até certo ponto calculada, de artista. Liza nunca foi bonita, ela ia ficando bonita à medida que a gente ia vendo, convivendo - a beleza vinha de dentro, sério mesmo, uma sensação quase que física dessa beleza. Os lábios com batom vermelho que não espantava mas que, à primeira vista, parecia agredir. Os olhos pretos e arregalados: com a pintura às vezes exagerada, os olhos ficavam mais arregalados - porque o riso de Liza vinha principalmente dos olhos. Os cabelos também eram bem pretos, curtos, com franjinha na testa. Mesmo com tudo isso, Liza ainda se movimentava com naturalidade, tudo nela tremendamente espontâneo, ou então muito bem ensaiado, não sei direito. E essa espontaneidade é que excitava Renato, ao mesmo tempo em que criava certa melancolia. Porque Liza sempre passou muitas dificuldades, a mãe morreram, o pai estava inválido, e ela se ajeitava sozinha, não se lamentava, mas o riso dela era triste, e ela ficava esperando cartas do pai, cartas que não vinham nunca, então ela dizia que o pai estava ocupado, não podia escrever. Como mulher que vivia a própria vida, sempre tropeçava na estupidez desses caras que, além de não terem dinheiro, ainda queriam dormir com ela na base do amor. De primeiro pensei que Liza

tinha visto alguma coisa de exótico em mim, mas depois notei que eu é que me sentia bem junto com ela, atraído por ela, e ela sabia que sempre podia contar comigo, que realmente eu era amigo dela. Mas ela nunca quis nada comigo porque, segundo ela mesma dizia, eu era muito sério e pensava demais. De fato, nasci na pequena burguesia e vivo nela até hoje, nunca tive que enfrentar coisa alguma, só tive que enfrentar esse negócio abstrato chamado "visão de mundo". Então, a vida de Liza e a minha vida eram um verdadeiro contraste e, às vezes, eu até me sentia ridículo, abafado, deslocado. E eu bem que gostaria que Liza me amasse, mas a grande verdade é que eu tinha medo da vida dela, ela estava muito na minha frente, muito acima de mim e, fazendo os cálculos, eu era um sujeito tremendamente bem comportado, embora dando sempre a entender que topava tudo. O corpo de Liza era magro, mas bem feito, branco. E a única vez, que estive com ela, ela e eu estávamos bêbados, e dormimos ali mesmo no chão da sala. Liza ficou pregada bem na minha frente e ela foi tudo que eu podia pensar a respeito de mulher e ternura. Pelo menos, foi uma tentativa. E é difícil esquecer uma pessoa quando ela vem e deixa a gente marcado para sempre - e então a gente carrega essa cicatriz durante a vida toda, e acaba morrendo com ela.

Vejam o caso de Jane Fonda, por exemplo.

Chegarei Belo Horizonte dia 5 às quatro e trinta pouco esperar rodoviária Ivone.

Conheceu Ivone em 1965, quando acabava de fazer o curso de jornalismo na Faculdade, quando Ivone ficava mais olhando do que fazendo alguma coisa. Conheceu melhor Ivone em 1968, quando trabalhava no mesmo jornal que ela, quando Ivone sempre convidava Renato pra passear. Conheceu muito bem Ivone em 1970, quando trabalhava em outro jornal, quando Ivone vinha na casa de Renato e ficava horas no quarto dele ou quando Renato ia na pensão onde Ivone morava. E continuou conhecendo Ivone em 1982, quando esperava desesperadamente que o amor surgisse como por milagre, quando Ivone já falava em casamento e filhos e havia mudado pra Juiz de Fora dar aula. Em 1992 os dois já estavam casados no civil. E queriam assistir a passagem do século juntos.

Os dentes pulando da boca, mas isso não tinha importância. O corpo bonito, a bunda de bom tamanho e os seios meio caídos.

- Ela é ótima!

Ivone era ótima e delirava com Renato:

- Às vezes fico sem saber porque é que eu gosto tanto de você.

- É aquela da rodoviária? perguntou Roberto.

- Aquela quem?

- Aquela que tava na rodoviária aquele dia. Ela é ótima aquela menina.

- Não é aquela não. Tou falando da Ivone, aquela marronzinha que trabalhou no jornal do Cota, lembra?

- A da rodoviária é melhor.

- A da rodoviária foi colega de Faculdade, minha amiga. Ivone tinha coxas excelentes e sabia disso. Caçoou com as cuecas de Renato, então Renato comprou cuecas novas e desodorante.

- Você passa o carnaval no Rio comigo?

- Você passa a semana santa em Juiz de Fora comigo?

- Se eu for pra França, você vai comigo? (Ivone estudava francês para ganhar bolsa de estudo.)

- É a idade. Não tenho mais disposição pra brincar no carnaval. Quando tenho dinheiro, fico só bebendo com os amigos e vendo a bagunça.

A mãe exclamou rindo:

Mas você é muito moço ainda!

(e Renato sabia que não era tão moço assim, embora ainda não fosse velho, mas sabia que a mãe tinha 68 anos e por isso achava que o filho era moço, da mesma forma como Luis Márcio achava Renato já meio velhinho, porque Luis Márcio tinha só 20 anos e Renato estava com 36, ia fazer 37 em julho)

- Casa comigo!

Renato apenas olhava, um pedaço de riso no canto dos lábios. (Os lábios eram um pouco tortos do lado esquerdo, olhou no espelho, é, é do lado esquerdo mesmo.)

- Esse seu risinho é irônico é reticente toda vida, falou Aparecida.

Depois de ter encontrado Renato várias vezes, observou:

- Você não percebeu como é que nós dois estamos encontrando sempre?

Muito juízo, disse Ivone quando se despediu de Renato na rodoviária.

- Sua namorada?

- Minha amiga.

- Você com esse negócio de amiga!

- Não tem esses compromissos de namoro, entende? A gente se encontra por acaso, é isso. E ela sabe que não adianta pensar em casamento nem em filhos.

Sempre usava calça comprida, espécie de defesa que era mais convenção do que qualquer outra coisa.

Tomaram banho juntos, mas com aquela cerimônia e ritual todo de um tirando a roupa do outro antes de entrar no chuveiro. Depois ela veste a calcinha e a camisola. Depois

Renato enfia a cueca. Quando chegam na cama de solteiro (foram lentos, em procissão, do chuveiro até a cama), deitam na cama. E Ivone tira a calcinha e camisola, e Renato tira a cueca.

Ele explicava:

- Quero uma coisa no nível das palavras, explorar as palavras o máximo, vejo que posso fazer com as palavras e o que as palavras podem fazer por mim.

- Disse!

De vez em quando Ivone dizia:

É chato gostar de intelectual! (Ela estava xingando Renato de intelectual.)

- Coucher avec toi.

- Hem?

A família morava no sul de Minas. Vários irmãos. Pai e mãe vivos. O pai tinha casa de comércio, a mãe teve 10 filhos. O pai era racionalista cristão, a mãe era protestante, os filhos indiferentes.

- Meu irmão falou que se você não casar comigo ele te mata. Ivone fazia todos os jogos possíveis para ver se conseguia laçar Renato. Mas Renato era o tipo do sujeito escorregadio (quiabo), nunca dizia que sim nem que não.

Até certo ponto era o tipo da mulher evoluída, quer dizer, uma mulher que procurava viver a própria vida do jeito que queria, comportava-se do modo como achava melhor, embora estivesse preocupada com casamento e filhos. Não era de frescura, e lutava pelo que queria. Só que essa luta a tornava insistente e perseverante, esperando sempre alguma decisão mais concreta de Renato, mesmo sabendo que seria problemático esperar alguma coisa concreta de Renato. Mas ela insistia sempre porque gostava muito de Renato, mas Renato se considerava apenas amigo.

Formou-se em jornalismo na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais. Depois trabalhou algum tempo em jornal, mas ela não servia para jornalista porque

procedia como mulher tradicional que não se esforça de jeito nenhum. Muito diferente de Helga, por exemplo, que era moça, ativa, esperta, inquieta, curiosa e que não queria ficar só fazendo coisinhas de mulher em jornal, modas, entrevistar madames, não, Helga queria mexer seriamente com jornal. Mas em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, não havia jornal sério e, pior ainda, ninguém encarava seriamente a mulher. Então Helga largou tudo e disse que ia para a Alemanha, mas acabou mudando pra São Paulo, depois voltou pra Belo Horizonte e foi estudar Psicologia. (As morenas me perdoam, mas Helga era loira. Tânia, amiga de Helga, era morena e alta, um riso enigmático nos olhos.)

Trabalhou também como professora primária e em publicidade. Em Juiz de Fora era professora de nível universitário, coisa mais segura, ganhava bem, ia aprender dirigir e comprar um carro.

- Casa comigo que eu te sustento.

Henrique:

- Puta merda! Hoje eu saí com uma menina e ela pagou tudo pra mim, gastou um bom dinheiro comigo. Eu tava sem nada!

As mãos de Ivone são bonitas, e ela gosta de andar descalço.

- Não gosto de discutir esse troço de racismo. Mas te garanto o seguinte: nunca pensei na cor da Ivone, quando tou com ela só penso que tou perto de uma mulher que não fica fazendo pose.

- Mas casar com ela você não casa, né?

- Não caso com ninguém. A Ethel é loira e eu não me casei com ela. Vai me dizer que tenho racismo com loira?

Só não gostaria de ter filhos meio brancos meio pretos, preferia crianças morenas ou bronzeadas - será que isso é racismo ou simples gosto pessoal? Aliás, Renato não queria saber de filhos de nenhuma cor, muito menos cor de leite.

Ninguém vai tomar conta de mim porque vou acabar é apodrecendo num canto, ou fazendo uma loucura qualquer.

Para Leila:

- Mas como é que você ficou bonita com esse nariz!

Leila havia feito operação plástica no nariz, engordou um pouco, formada em jornalismo, trabalhava havia quatro anos na Rádio Inconfidência e queria agora alugar um apartamento no centro da cidade pra ela e a mãe.

- Não sabe não?

- Você vai ter que procurar um pouco, né?

Pensava nessas mulheres com quem contraiu amizade ou um sentimento maior. Ethel, por exemplo, amava Renato mas Renato era apenas grande amigo dela, só isso. Havia Mônica, sem dúvida, a única por quem Renato se apaixonou, mas ela não sabia de nada, apesar dos anos que passaram juntos na Faculdade, horas e horas os dois conversando sobre literatura, vida, Simone de Beauvoir, Sartre. Sebastiana (não se espantem com o nome!) e Cláudia foram coisas mais rápidas. Logo que saiu do seminário, aos 20 anos de idade, houve a iniciação com Helena e Ana, principalmente Helena. Houve casos esporádicos, é verdade, casos de que Renato ficava curado apenas em um mês.

Carlos:

- Espetacular essa Mônica Viti hem?

- Também acho. Deliro com ela. Por causa dela é que fiquei gostando desse nome de Mônica.

- Você chupava ela?

- Essa é daquela que a gente começava lambendo o passeio!

- Você já chupou buceta?

- Não.

- Não sabe o que tá perdendo!

- Eu é que vou dirigir a peça do Gogol. Você vai assistir, tá?

- Tá.

- Eu mesmo tou fazendo tudo, Diabo! Não tem ninguém pra ajudar. A gente não pode confiar nos outros caras.

- Você já casou, Leila?

- O Renato não quer casar comigo!

Havia Mônica, sem dúvida. Não sabe se é presunção, acha que não, mas Mônica gostava de Renato, sempre procurando encontrar-se com ele, e Renato gostava muito de Mônica, mas nunca disse pra ela, acho que ela nunca soube, Renato tinha medo de gostar dos outros. A primeira vez que se encontrou com ela foi quando estava fazendo exame médico pra arrumar os papéis da Faculdade; estavam ela e uma amiga, Renato bateu um papo e conversava sobre cinema. Pode ser impressão, mas Renato gostava realmente de Mônica e, quanto mais gostava, mais se retraía, espantado de gostar tanto assim de uma pessoa. E Mônica estava alegre, ria, expandia-se, mas Renato me dia cada gesto, procurava conversar assuntos impessoais, por mais que Mônica tentasse penetrar no mundo e nos sentimentos daquele cara.

Conversava muito com Mônica e, no entanto, nunca soube onde ela nasceu, onde morava, só sabia que gostava muito de conversar com ela, já que não tinha coragem de ir além, quer dizer, estava triste porque era a primeira vez que ficava apaixonado assim por uma pessoa. Por incrível que pareça, não sabia nem mesmo o nome dela, por isso é que a chamava de Mônica. Pelo fato de nunca ter falado o nome dela, talvez ela pensasse que ele não se interessava por ela, mas acontecia justamente o contrário, gostava tanto dela que ficava inibido. Depois também, o senso crítico era grande demais e, ao mesmo tempo em que se apaixonara por ela, pensava que, passados alguns anos de convivência, todo encanto e novidade murchariam logo. Naquele tempo, Mônica era tudo de bom que havia e representava também todo o pessimismo dele. Não queria que ela o decepcionasse nem queria decepcioná-la, por isso fixou Mônica num dado instante da vida, embora o coração acelerasse

quando ainda se encontravam na rua por acaso: ele absolutamente sem saber o que ela está pensando e, portanto, sem poder colocar-se no lugar dela. Se nada aconteceu entre os dois é porque ele, unicamente ele, se omitiu com medo, procurando curtir sozinho essa paixão que foi inútil, pois não houve correspondência.

Às vezes pensava rindo que estava colecionando um arco-íris de muitas cores, pois Ivone era preta, Ethel era uma loira esbranquiçada, Aparecida era ruiva e Mônica estava no meio-termo entre morena e loira, com maior tendência para o loiro. Renato tinha sua teoria das cores, mas isso não queria dizer que as coisas funcionassem na prática, daí talvez a razão do arco-íris (e, aqui, não há motivo algum para se pensar em poligamia). Mônica, por exemplo, era loira amorenada ou morena aloirada (como preferirem) e, no entanto, Renato gostava muito de Mônica. (Renato sempre teve medo de falar em amor, por isso falava em gostar, ser amigo.) Mônica era mais baixa que Renato, gordinha sem exagero, não me lembro a idade, o livro Situations-II de Sartre no braço, porque ela fazia Letras na Faculdade, naquele tempo em que se discutia muito sobre literatura e participação política. Renato gostava das pernas e das coxas de Mônica como eram as pernas e as coxas dela, embora os seios fossem pequenos e de vez em quando ela aparecesse de sutiã preto. E o rosto! Aquele modo de rir, os olhos dela, a falha no dente dando uma entonação especial ao sorriso dela. E Renato já nem sabe se está falando nela ou no amor que ela provocava nele.

Mônica foi a única por quem Renato se apaixonou (até aquele momento), e ela nunca soube disso ou, se percebeu, nunca tocou no assunto, pelo contrário, foi se afastando à medida que Renato não se decidia, chegando mesmo a sair logo de perto de Renato, evitando prolongar qualquer coisa. Então Renato ficava como que sentindo aquele bloco que afundava maciamente, o corpo como que paralisado no ar, impotente

diante de qualquer gesto. E como Mônica era pessoa lúcida, ela procedia agora sem levar em consideração a existência ou inexistência de Renato, o que era um comportamento mais do que razoável, não se podia negar. Então, durante vários anos, Renato ainda sentia Mônica dentro dele, aquele sentimento confuso de alegria, amor, fixação e indiferença. E como Renato sofria de boa dose de masoquismo, padecia a imagem de Mônica até que outra imagem viesse substituí-la, ou melhor, até que outra imagem viesse criar um mundo novo, como sempre acontece, aliás.

De vez em quando Ivone é que telefonava lá de Juiz de Fora, ou escrevia raramente porque Renato quase nunca respondia. Em Juiz de Fora, junto com ela, estavam mais três colegas no mesmo apartamento: Edina, Branca e Diana, a despesa do mês era dividida pelas quatro, todas elas professoras.

Aos 33 anos ela é professora universitária, já leu tudo de Shakespeare, adora sair de motocicleta e se tornou um ídolo das feministas ao publicar A Eunuco, um best-seller mundial. Germaine G., além de tudo, é bonita e, para ela, "os próximos 10 anos representarão o triunfo de todas as reivindicações dos oprimidos". Desinibida, brilhante, intelectual e esportiva, Germaine traz, além de suas teses em favor da mulher, um primeiro lugar na Universidade de Melbourne e o título de Ph.D. (doutora em filosofia) da Universidade de Cambridge.

Em Ivone o bom era que ela sabia tomar iniciativas, embora fazendo ainda certo jogo inicial amoroso de quem quer mas que recua um pouco, obedecendo certas cerimônias e rituais costumeiros. Renato não podia falar muito porque sempre foi um cara sem iniciativa, geralmente esperava que as circunstâncias o ajudassem. Geralmente Renato se colocava em determinadas situações para que tais e tais coisas acontecessem, mas a iniciativa sempre vinha da moça. Renato se desculpava pensando no comodismo dele e também pensando que nunca tivera iniciativa porque nunca amou realmente ninguém. (Nem Mônica?)

Mas nem isso era uma coisa certa, porque a prática não havia confirmado nada: pois ele só poderia saber se tinha iniciativa se fizesse gestos para confirmar. Renato se achava um cara interiorizado e tímido, embora sempre dando a impressão de ser calmo e seguro de si. Ivone era mais expansiva, e deveria ter lá seus problemas íntimos: pelo menos lutava pelo que queria, chegando até mesmo a ficar chata com tanta insistência.

- Sua mãe até que demorou pra desconfiar.

A mãe de Renato não queria que ele e Ivone ficassem fechados no quarto aquele tempo todo, e reclamou com o filho, e o filho falou com a moça que teriam de se virar de outro modo, mas Renato não sugeriu nenhum outro modo.

Ivone nunca foi de usar muitos enfeites, ela usava tudo sem exagero, sabia se arrumar sem recorrer a essas tapeações das mulheres. Um anel no dedo de vez em quando, batom da cor dos lábios, esmalte na unha dos pés e das mãos. Tinha furado a orelha quando pequena, mas raramente usava brinco. As roupas simples, mas bem ajeitadas no corpo, quer dizer, ela sabia ser simples e sem exagero. Quando não estava de calça comprida, usava minissaia. E Renato gostava da minissaia de Ivone porque Ivone tinha ótimas coxas. Os cabelos encarapinhados, mas ela ajeitava bem os cabelos curtos. Ou deixava crescer e alisava. O que Renato achava besta era esse ritual todo antes do amor, de tal modo que acabava prolongando ainda mais o negócio. Depois, havia o problema dela estar apaixonada por Renato e Renato sentir apenas amizade por ela, era chato isso, embora seja melhor ficar com uma amiga do que com uma puta desconhecida. Não tinha nada contra as putas, só achava ruim ver como eram exploradas. Numa das pouquíssimas vezes em que Renato foi à zona, ele tinha bebido um tanto e foi lá passar o tempo, andando à toa. Acabou indo pra cama com uma piranha depois da trepada ele perguntou o preço. Puta merda! Quer dizer que a coitada fica com qualquer um só por isso? Aquilo deu uma pontada em Renato e, como tinha bebido um tanto, deu

vontade de chorar. Então Renato deu mais dinheiro pra ela, e a coitada quase que beijou a mão de Renato de tão agradecida. Puta merda! Por tão pouco ela ficou alegre. Renato desceu a escada e foi embora devagarinho, pensando lá dentro de si mesmo porra! essa putaria é legalizada e tudo, todo mundo tolera tranquilamente a putaria, também faço o jogo, no entanto ainda têm coragem de falar em moral, bons costumes, bons sentimentos, o caralho! Era isso. Quando Renato queria se deprimir, bastava ir à zona e ficar observando o comércio das mulheres. Tomar no cu! Ficam falando em amor e decência no meio desse inferno desgraçado. Cacete!

Amava Renato e queria que Renato fosse pai dos filhos dela. Os dentes também eram um pouco saídos pra frente e ela não fechava a boca - tem um nome científico pra isso, a Ivone falou, eu esqueci o nome. Fez uma operação perto do ouvido, ficou a marca da operação. Ivone não gostava de dentista, tinha medo. Renato delirava com avião a jato mais do que com literatura, mas preferia ouvir música, qualquer música. Deu um livro de Bertrand Russell pra Ivone e falou que era pra ler, Ivone caçoou com Renato.

- Fica conversando em literatura e, pronto, não acontece nada. Porra!

- Não marco encontro por telefone.

- Eu marco. Um dia desses uma dona marcou encontro comigo no cemitério, sério mesmo. Eu topei. Cheguei lá, a dona era feia pra burro, baixotinha, toda de preto, um livro de Henry Miller no braço. Nós dois ficamos lá, eu de costa pro cemitério. Não tinha assunto pra conversar com a dona então tirei o livro do braço dela, ela fez aquelas frescuras todas, que não podia, ah que isso! Quando me despedi dela, ela falou que morava no cemitério e entrou lá pra dentro. Eu hem!

A mala estava pesada. Toda vez que Renato ia buscar Ivone na rodoviária, tinha que carregar a mala dela, pesada toda vida, Ivone ria.

- Tem ferro aqui dentro?

Quando vinha a Belo Horizonte, costumava dormir na casa de Edina, que morava com a tia solteira. A televisão ligada no Canal 4, novela o tempo todo. Havia três isqueiros cheios de tocos de cigarro com filtro, a tia de Edina fumava muito, o apartamento limpo apesar da nicotina. O problema não era tanto acostumar-se com a dor, mas saber que meu corpo não podia cair fora. Geralmente Ivone não reclamava, muito diferente da Ethel que passou o tempo todo lamentando as próprias dores. Aquela calça comprida que Ivone usava foi o pai dela que fez. Ela ficaria contente se eu me casasse com ela, e eu ficaria muito contente se ela fosse outra pessoa e eu não me chamasse Renato. Gostava de contar piadas. Mas Renato só contava as que ela já estava cansada de saber.

- Conhece a do padre?

- E aquela do coelhinho?

- A do Joãzinho você conhece, né?

- E aquela do papagaio que deu em cima da galinha e então o galo falou pra galinha encostar no muro que o papagaio não podia fazer nada mas a galinha falou que o papagaio tava querendo era chupar?

- A do capitão gancho você conhece, é claro. Manjadíssima. Ivone ficava escutando, braços cruzados, mas você precisa renovar seu estoque de piadas, eu é que contei tudo pra você.

Carta sem efeito venha neste fim semana passaremos juntos voltaremos juntos domingo Belo Horizonte Ivone.

Sua análise da situação da mulher ainda é radical. Desde a publicação de seu livro O Segundo Sexo, nenhum autor se aprofundou mais, e você inspirou o atual movimento de libertação das mulheres. E hoje, após tantos anos, você continua ativa na luta de libertação das mulheres através de suas ideias. Continua, em Paris, marchando junto com as francesas comuns, assim como marcha com as mulheres comuns do mundo inteiro, sempre.

Sabia que Renato era apenas amigo e, mesmo assim, fazia tudo para que Renato a amasse. Como Renato não era de tapear os outros e não gostava de inspirar sentimentos em quem não estava interessado, Ivone sabia tudo de Renato. Você gosta de mim? Até hoje não consegui gostar de ninguém. E a Ethel? Foi um caso passageiro. E Mônica? Achava que Ivone era boa amiga mas, sempre que se encontrava com ela, pensava apenas em sacanagem e excitação, mas ela fazia o jogo, permitindo a coisa aos pedaços, querendo que Renato ficasse viciado com o corpo dela. Às vezes usava um coração no pescoço, e no coração estava gravado o nome de Renato, uma vez Aparecida caçou com Renato por causa disso. Aparecida também gostava de beber e sair com Renato, pelo menos dava essa impressão, de noite levava Aparecida em casa e tudo o mais, ela fungava bastante e ficava com um ar mais grave quando beijava, a boca da Aparecida maior que a de Ivone, todas as duas boas amigas. Um dia, quando encontrou Renato de mão dada com Aparecida, Edina não falou nada e nem mesmo cumprimentou, no mínimo deve ter pensado: que cara sacana! No entanto, Renato não era sacana, apenas tentava fazer tudo com a maior simplicidade e, se possível, sem magoar os outros. Aparecida, por exemplo, não era de ficar perguntando coisas, saía com Renato e não criava caso. Pior foi quando Renato estava acendendo o cigarro de Aparecida e então Mônica veio andando pelo mesmo passeio. Sabe o que aconteceu? Absolutamente nada. Mônica olhou rapidamente pra Renato, Renato olhou rapidamente pra Mônica, apenas isso.

A voz vinha lá do fundo, Renato não conseguia entender direito o que ela estava querendo, Renato já estava ficando com raiva do telefone.

- Sou-eu-a-Ivone.
- Eu sei que é você, pô...
- zzzrrrrzrzsssiinnnnn
- Quê?

Virou pro Clóvis e pro Felipe:

- Porra desse telefone!

- Alôôôô!

- Faaaaaala!

Desligaram.

Renato voltou pra máquina de escrever.

Dentro do Plano Nacional de Viação, a Amazônica representará a integração do Brasil com o aproveitamento das áreas até então desprovidas de todo recurso

Porra!

- Vou tomar um cafezinho. Tá muito calor aqui dentro. Alguém aceita?

No outro dia sonhou que Ivone vinha de Juiz de Fora mas o ônibus capotou e Ivone morreu no desastre. Muito sintomático isso! Freud explica.

Ivone engordava, mesmo fazendo regime. Mas Renato nunca passou dos 60 quilos, estava sempre entre 55 e 60, se a balança não estivesse estragada. É que nas farmácias todo mundo usava balança, então a balança não funcionava bem. O sapato e a roupa também aumentavam o peso. Por enquanto o coração funcionava normalmente, quer dizer, estava sempre na expectativa de amar alguém. Ou alguém ameaçá-lo com o amor, como Ivone.

Estou escrevendo para saber se você vem na Semana Santa. Se vier avise-me logo, pois já estamos próximos da dita cuja. Se não vier avise-me também porque: vou verter copiosas lágrimas. Penso que você deverá vir quinta, não? Em qualquer dos casos, não deixe de me avisar, por favor. Beijos. Ivone.

Não é bem fixação, mas um outro tipo de mundo, com noções diferentes. Embora não fosse de grandes dores, o mundo de Renato estava sempre contaminado, pus, saturação, indiferença. Mas Ivone era professora em Juiz de Fora, ganhava bem, pensava em casamento e filhos, tudo isso. Então nascia aquela vontade de gritar não para ser ouvido mas para ser definitivamente compreendido: EU NUNCA SOU O QUE VOCÊS ESTÃO PENSANDO. (Eles

estão pensando o quê? E o que é que eu sou? A única coisa que Renato poderia dizer era gritar Renato de Paiva Bueno, mais nada.) Então, quando saía na rua, via coxas desfilando com displicência, e o coração dele babava, e o pau crescia na cueca como pescoço de girafa. ELES NÃO SABEM COM QUEM ESTÃO TRATANDO. (E, por acaso, eu sei?!) Id ego superego tremiam palpitavam. Ivone era real, as outras eram ideais: a partir de Ivone é que sonhava com a realidade das outras. De Mônica, por exemplo.

A verdade é que nossas sociedades liberais e nossos sistemas democráticos são abomináveis. Vejam o caso de Jane Fonda, por exemplo. Ela é bela e rica, cheia de glória, contratos e dinheiro. Neste Ocidente maldito, os produtores de cinema a querem como estrela de seus filmes, os críticos lhe deram o grande prêmio de interpretação. Ah! Mas vocês não entendem essa forma de nazismo que é o capitalismo. E tempo de mudar o mundo, não há um minuto a perder. Mudar radicalmente a sociedade, na esperança de que a mudança seja feita com um mínimo de violência.

Era enorme a indiferença, tão grande como essa e-mo-ti-vi-da-de: a indiferença era o modo mais prático de dizer que tudo me importunava. A moça dizia: você é emotivo. E Renato reconhecia: sim, eu sou emotivo. Mas depois, como macho e patriarca, retrucava: o homem, para ser homem, tem que ser durão. De duro não havia nada em Renato, somente a ameaça, e as ameaças de Renato nunca explodiram, ele era apenas um rato que rugia. Mas, apesar de tudo, Ivone era mais uma senhora matrona do que uma mulher evoluída.

Então Renato pensava naquela mulher sem nome, 30 anos, morena, cabelos curtos, ótima, caridosa, inteligente, escritora ainda desconhecida, rica, linda, da sua altura, que não queria casamento nem filhos, que me achava bacana e simpático, mas que não queria ir pra cama comigo, não queria viver comigo, só queria ser minha amiga - e então eu oferecia

pra ela um pouco de minha constrangida amizade, falava na vida e nos livros, e ela deixava que eu pegasse na mão dela como se estivesse me oferecendo um osso limpo e bem fresquinho.

Havia Suzana também, poeta, 19 anos, dois livros publicados, lábios sensuais, não acreditava em casamento, as teorias eram evoluídas e arejadas, no fundo os sofrimentos eram os mesmos, problemas de amor vida e morte, uma influência marcante de Fernando Pessoa, mas isso não tem importância, ela sabia escrever. Era como se Renato tivesse tomado um avião há séculos e só agora se dirigisse para o aeroporto da Pampulha. Apesar de tudo, Mônica também pensava em casamento e filhos e, para ela, a cor era muito importante. Afinal, casamento e filhos não são assim essa tragédia, a julgar pelo modo como Renato pensava.

Pensando nessas meninas todas, Renato sentia que estava com 36 anos (faria 37 em julho) e, então, nascia uma desproporção enorme, como minhoca brotando do asfalto. Ivone, por exemplo, está me esperando em Juiz de Fora. É o que acontece: as pessoas estão sempre me esperando e eu espero que, com o tempo, elas desistam, até que eu encontre uma mulher tão cor de rosa que até se pareça com esse vermelho-escuro da rosa (ou da Rosa, a moça).

Ela não sabe que Renato é planetário, e já era tempo de saber. Ivone anda em terra firme (mais ou menos) e Renato nunca deixou o peso todo do corpo na terra firme, mesmo quando a terra está tremendo em outros países. Te amo, Renato. Sei disso. Te amo. Renato. Você me espanta.

Vivia espantado, e pouquíssima gente podia compreender esse espanto, nem Renato compreendia esse espanto, apenas sentia esse espanto, verificava esse espanto. Ivone tem um defeito grave: ela não se espanta, ou talvez sou eu que não percebo o espanto dela. Pretende comprar um carro pra poder ir e voltar da escola que fica longe da cidade. Edina também

pretende comprar um carro. É provável que apenas uma compre carro, não sei qual das duas.

meu coração vagabundo (com voz intimista Gal Costa canta no rádio)

As sensações, as vibrações, as entonações, coração trêmulo, as palpitações, o modo de olhar para o mundo (e o modo como o mundo me olha e me devora), as oscilações, os gestos indefinidos, as contrações no peito e na garganta, a descontinuidade, eu analisando o mundo e o mundo me analisando, as emoções, as sensações estranhas, os delírios de olhos abertos, o corpo mais ou menos moído, quarentão (faria 37 anos em julho), os dois últimos maços de cigarro, sonhou que estava com o bolso cheio de moedas, a toca dava neurose, algumas doses de esquizofrenia, choro de criança e murmúrio de água, a tempestade no aquário, as coisas fixas em evolução, os pensamentos conturbados de grandeza a curto ou a longo prazo, a consciência do mundo, essa doença de pensar e imaginar, as mulheres reais e imaginárias, o amor problemático, as afeições e afecções, a espontaneidade dos outros acusando minha contensão, aquele bolo na garganta, a fatalidade com que um dia passava atrás do outro, cada pessoa sustentando o próprio corpo, Sócrates Platão e Aristóteles.

Gostava de usar blusas leves e nunca usou sutiã preto. As calcinhas também eram sempre claras. Em geral, Renato demorava pra desabotoar a porra daquele sutiã complicado, mas Ivone resolvia logo o caso e ela mesma desabotoava, enquanto os dois ficavam se lambendo e se esfregando como macacos civilizados.

Depois aconteciam aquelas coisas todas que costumam acontecer quando um homem trepa em cima da mulher ou vice-versa, na cama, na porta de casa ou no sofá. Em tempo de calor os dois suavam muito, em tempo de frio também. O corpo de Ivone cheio de cabelinhos que saíam do peito cabeludo de Renato (ou de outro lugar qualquer). Depois os dois descansavam um pouco, enquanto comentavam os últimos

acontecimentos. Comumente Ivone pedia mais pílulas, e Renato brincava com os seios de Ivone ou delirava quando a buceta dela ficava mascando o pau dele. Ela repetia sempre: você nunca se entrega. E era verdade, Renato sempre mantinha certo isolamento até nessas horas, simplesmente porque não estava interessado nela como amante mas apenas como amiga, embora gostasse de masturbar com ela. Masturbação a dois, era isso, masturbação nós dois.

Na luta pela libertação da mulher, as negras sul-africanas têm dois fortes adversários: a cor e seu sexo. Apesar da dupla discriminação, afirma Débora B., as negras estão lutando para se libertarem de seu papel tradicional nas tribos e de sua capacidade apenas relativa perante a lei. No entanto, homem e mulher, não há muito a fazer para os africanos, neste país, quanto à segregação. Mas a opressão sofrida pelas outras mulheres é quase nada em comparação com o que nós sofremos. A mulher é humilhada por sua posição inferior perante a lei. Todas as transações precisam ser realizadas pelos homens; assim, uma mulher pode considerar seu filho de 16 anos um estranho, já que a casa deles está em nome do rapaz.

Às vezes passava uma temporada em silêncio mas, de repente, aparecia como veranico. Renato não sentia falta, ela se ajeitava como podia, e os dois se comunicavam assim à distância, na base de cartas e telegramas. Absolutamente não se podia prever qual seria o resultado de tudo isso, mesmo que o serviço de meteorologia fosse perfeito.

E a insinuação ficava no ar, os dois corpos se expunham, esperando que acontecesse este ou aquele tempo. Renato sabia perfeitamente que não estava interessado em nenhum tipo de futuro com Ivone, mas ela se obstinava, pensava em amor, casamento, filhos, essa coisa toda. Que pensasse. Pois Renato não pensava em nada. Só pensava que, quando velho, o corpo ia pedir asilo e misericórdia. Por isso, enquanto ainda se sentia moço e com forças, apressava o tempo, fazendo tudo aquilo que

faz um moço e com forças. Queria amor, mas teria nascido como incapaz de amar uma pessoa, entregar-se a ela. Quando pensava em Ivone, pensava muito nisso. Depois ficava como que medindo as diferenças entre Ivone e Suzana, por exemplo, Suzana que era uma menininha ainda muito nova e que tinha até horário pra chegar em casa. Ou pensava em Diana Davis, com todo aquele deslumbramento dela, também menina ainda. Mas Ivone tinha 26 anos e já estava livre da meninice pelo menos. E Renato era um "menino" de 36 anos (faria 37 em julho). Suzana tinha 18 aninhos ainda virgens, Diana Davis estava com 20.

É lógico que o animal ideal é a macaca, por ser aquela que biologicamente mais se aproxima da mulher.

Ficava em silêncio em Juiz de Fora e, talvez, isso poderia ser bom sinal, quer dizer, ela poderia ter achado alguém que gostasse realmente dela e que não ficasse atrapalhando como eu. Porque, além de ter parado de fumar assim sem mais nem menos, Renato agora boiava num vazio especial, uma coisa nova pra ele. Então pensava no silêncio de Ivone, naquela putinha de Viçosa ou de Teixeiras, não estou bem certo, nas moças formidáveis de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil e, acima de tudo, na minha velhice formidável, no meu desânimo formidável, e na máquina de escrever estragada.

O tempo era mais irremediável do que o sexo (era apenas uma frase solta). Mascava chiclete o tempo todo, pra divertir a boca.

A vida sexual ativa pode ajudar os homens a viver muito mais tempo e sem problemas cardíacos, "pois o ato sexual é um bom remédio para o coração. A tese foi publicada pelo médico Sheimann, na edição de abril de Fórum. "Uma noite saudável de ato sexual é o tranquilizante da natureza; reduz a tensão e cria um sentimento geral de alívio e bem-estar", afirmou o médico, lembrando que tanto quanto o nível de colesterol ou o excesso de peso, a tensão e a ansiedade também são fatores de doenças cardíacas. "Eu acredito que o melhor meio de um homem

se libertar da tensão é o ato sexual", acrescentou. O médico acha que o ato sexual não sobrecarrega o coração, pois o obriga a bombear mais sangue por um curto período de tempo para depois descansar.

Você porque nunca viu, mas essas mulheres são recalçadas toda vida, principalmente essas que posam de honestas, que não fazem isto nem aquilo, você precisa ver. Teve um chá de panela de uma amiga minha que só vendo, fizeram os troços mais doidos com a noiva, as senhoras mães de família estavam lá. Entra aquela mulherada toda numa sala da casa e a noiva é obrigada fazer o que as amigas mandam. Mandaram a noiva ficar peladinha, coitada! E nas paredes então! Pregaram tudo quanto é indecência na parede do quarto, essas coisas de sexo que chamam de indecente, compreende? Tinha um homem desenhado numa cartolina grande e, no lugar do sexo, puseram uma linguiça de verdade e duas batatas, depois obrigaram a noiva lamber e comer a linguiça. É isso que chamam de família cristã, essa hipocrisia toda, cada uma mais tarada que a outra, mas todas com aquela aparência de recatadas. Pior de tudo é que todo mundo ali era virgem, era o recalque das virgens, você precisava ver.

Pois bem: a casa não poderá ser alugada. Creio que teremos de encontrar outra solução, outra casa, sei lá. Fica esta solução por sua conta, se você quiser, é claro. Nem precisa dizer que é se você quiser, não é mesmo? Sei muito bem que tua liberdade é muito importante pra você. Bem, é só isso. Um abraço. Ivone.

Ela entrou para a polícia sem maiores pretensões, como simples funcionária burocrática. Mas agora, Bárbara H., morena de 27 anos e olhos claros, pode deixar sua escrivanhinha de lado para exercer novas funções que poderão levá-la a altos cargos no FBI. Depois pode ser assistente do diretor Patrick G., ela está recrutando mulheres para agentes da polícia secreta norte-americana. Com essa providência, o FBI ganha

novas condições para espionar o cidadão norte-americano, trabalho que fazia até aqui utilizando filmes, câmaras e microfones para vasculhar a vida privada de importantes figuras da política nacional.

- A Ivone esteve aqui em casa te procurando.

Benedita:

- Essa menina não aprende de jeito nenhum, é persistente.

A mãe de Renato sempre implicou com as moças que andavam com o filho, tinha ciúmes do filho, embora não fosse de brigar com o filho, era apenas de falar, cuidar bem, fazer tudo pelo filho, para que o filho se sentisse agradecido. Mas a mãe já sabia das ideias desse filho que não queria saber de casamento, mas de mulher consciente de si mesma, dona do próprio nariz.

E Renato passava com o mundo. As mulheres passavam, Renato fuzilava as mulheres, os olhos escondidos nos óculos escuros. O mundo era depressão, depravação, espetacular. As mulheres riam e passavam. Juiz de Fora, por exemplo: tem menos de 1 milhão de habitantes.

A moça me dizia:

- Casamento é a pior coisa que podia me ter acontecido. Casar não dá jeito. Tou desquitando.

os sagrados vínculos do matrimônio

- O Henrique também desquitou e já tá noivo de uma menina de 34 anos.

o que Deus uniu

a puta que pariu

E eu sem ninguém eu acredito em amor não acredito é em casamento eu não gosto de quem me abraça e eu não abraço a pessoa de quem eu gosto a televisão diz cascata.

Tentava alugar um apartamento pequeno no centro da cidade para quando as meninas ficassem contaminadas por ele

tu és sexo e sobre este sexo te edificarei as armas do inferno não prevalecerão sobre o sexo

- Alô!

- Alô.

- Não consegui te encontrar. Fui na tua casa, liguei três vezes aí pro jornal e não te encontrei.

- Você tá onde?

- Já tou de saída pra Juiz de Fora, vou com a Edina no carro dela. Quando é que você vai aparecer?

A voz desanimada e cansada.

- Tenho férias em julho.

Voz de quem estava quase desistindo.

- Bem. Já tou de saída. Tiau.

- Tiau.

- Te espero.

- Tá.

"Porque a mulher não era fria e nunca havia sido indiferente. Tornara-se doentiamente mudada por motivos graves: mágoa, ofensa, conflitos conjugais, ressentimento profundo e inevitável, um punhado de coisas negativas, desencadeadas pelo companheiro inepto".

Havia engordado sete quilos, pelo menos trepara na balança da farmácia e a balança acusou sete quilos a mais. O rosto cheio. Barriga crescendo por causa de comer muito e beber cerveja e cachaça. Agora ele só usava prato fundo. No sábado passado comera feijoada na casa da irmã, comeu na tigela porque não cabia tudo no prato fundo. Depois chegou em casa e ainda comeu arroz feijão salada de tomate e carne, depois foi dormir cedo com o estômago mais do que satisfeito.

Ivone continuava dormindo sozinha em Juiz de Fora, embora já fosse mulher de muita experiência, e embora ainda fizesse aquele jogo de mulher virgem. Ela queria casamento e filhos, e Renato não estava nem mesmo apaixonado. Renato queria mulher que o amasse e que ele amasse essa mulher, nada de esposa nem de filhos, muito menos cônjuge.

Poderia alugar um apartamento: mas, com que dinheiro? Todas as mulheres do mundo. Todas. As mulheres do mundo. Poderia.

Dava aula a semana inteira, até sábado. Era boa, não era feia, mas os pés e principalmente o dedão do pé era feio, inclusive o calcanhar de Aquiles. Os cabelinhos bem raspados nas axilas (ou sobaco, como quiserem). Não cheirava mal, cheirava mulher. Vão fazer gostoso? Vão fazer neném? Olha o pauzão dele! Vai? Quer na frente ou atrás? Quer que eu tire o sutiã procê mamar? Taradinho! Põe, bem, põe tudo! (A desgraçada quer depressa pra no perder freguês, porra!) Pega a toalha ali no canto pra mim, pega!

O amor

Você já passou da idade de casamento!

- Se você tiver um filho, seu filho terá um pai velho!

- Eu tava lendo um livro sobre velhice. Muito otimista o livro.

- Por que você não casa com a Ivone?

- Prefiro a velhice de Simone de Beauvoir!

No ano 2000. Falam tanta coisa do ano 2000, coitado! No ano 2000.

- Por que você não casa com a Ivone?

Quem será que gosta de mim e eu gosto dela? Ivone poderá aparecer no dia dos namorados. Seria bom, porque estarei sem dinheiro. Mas eu não sei se ela está tomando pílulas. Quando Ivone ficar velha, vai ficar com a bunda grande feito matrona. Não tem importância, porque meu pau estará murcho e a próstata ameaçada de câncer. Algum dia pode acontecer que eu não seja mais um sujeito inédito em livro, então vai ser engraçado.

- Porque a pílula trouxe uma liberdade muito grande pras mulheres. Existem os efeitos colaterais mas, mesmo assim, a pílula ainda é uma grande pedida tanto pras casadas como pras solteiras. Porque eu não tou pensando em filho de jeito nenhum. Botar filho num mundo desse? O movimento feminista

deve pensar que não é pra lutar contra o homem, mas é a mulher lutar a favor dela mesma, impor-se, afirmar-se. Porque no mundo ainda há mais mulheres do que homens. E o movimento feminista ainda quer acabar com os homens? Uai, filho! Desse jeito como é que a mamãe aqui vai fazer?

Diana Davis estava entusiasmada com suas ideias e preocupações sobre o mundo e sobre as pessoas, pensava fazer ainda muita coisa. Além do mais, fora absolvida por juízes brancos, e isso era muito importante, também porque continuaria lutando contra a opressão e contra o imperialismo.

E a quantas anda o aluguel do famigerado apartamento? Você poderia alugá-lo logo, porque vou ter agora uma semana de recesso. E aí eu iria para BH ao invés de ir para casa. Se o aluguel do apartamento se efetivar, peço-lhe que me arranje mais pílulas, pois estou apenas com duas caixas.

Ela continuava pensando em casamento e filhos, falava na família dela, nos irmãos menores, no trabalho em Juiz de Fora, nas amigas.

- Gosto de você não sei porquê!

Dez anos mais nova que Renato, e poderia procurar uma companhia mais nova e interessante, menos complicada, conforme ela mesma havia dito de Renato. No Rio, passou cinco dias no apartamento da irmã dela, aproveitando os feriados e o fim de semana. Tinha muita vontade de morar no Rio, sentia-se bem no Rio, a cidade fazia bem pra ele. Mas não queria trabalhar no Rio, queria apenas viver lá, não sabia de que jeito, com que renda, talvez ganhando numa loteria qualquer. O apartamento era pequeno, mas dava para acomodar Ivone, a irmã, a empregada e Renato: todos dormiam no mesmo quarto, Ivone dormia com Renato - o calor forte, mas o vento soprava bastante, assoviava. De manhã iam à praia, o apartamento era em Ipanema. Metiam de duas a três vezes por dia, no chão da sala, na cama, no banheiro. Como é que passa depressa! dizia Ivone. Você me escreve?

Amam-se uns aos outros. Trabalhadores do mundo, separai-vos. Armam-se uns aos outros. Deixai vir a mim as criancinhas de até 18 anos. Vamos? Adsum! O amor é uma coisa sublime na sessão das 10. Repetindo pela milionésima vez: tu, deorum hominumque tyrane, amor. Amo-te: que tens com isso? Love. Pasión. Amar a Deus sobre todas as coisas. Tou numa tara hoje! E agora, como é que faço? Deixa eu pôr só mais um pouquinho? Oui. Yes. Descarga elétrica, curto-circuito. Exercício de ioga. Je t'aime, moi non plus. Pelamordedeus. Ama et fac quod vis. Ó meu amor, pela primeira vez na minha vida eu consegui te devorar! Eu sonhei que tu estavas tão linda! (A música é muito antiga, do tempo em que eu era outro.) Amor à primeira, segunda, terceira, à quarta, quinta vista, ao infinito. Amo o amor que tenho por você, mas eu queria te amar, que você me amasse (mas não me amarrote). L'amour est bleu. Amor e morte. Por supuesto. Roma me tem amor. Caixinha de Pandora. Paz e Amor (Amor e Paz). Façamos o amor, não a guerra. Desamor. Paz e Bem, irmão! O coração bate, com creme dental Colgate. Ninguém me ama, ninguém me quer, ninguém me chama, de Baudelaire. Ele disse que jamais me deixará: tenho 16 anos e não posso esquecer-lo. (Então por que você não dá descarga?!) As saias devem deixar os joelhos de fora, conforme os conselhos de dona Simone, que é catedrática no assunto. O amor é joia rara, pérola clara. (Essa música era do meu tempo de menino.) Kai ta panta mataiotes.

"Quanto aos produtos cosméticos e de toucador, eles vêm ampliando sua área de consumo. Se antes esses artigos eram exclusivamente da mulher, hoje o homem os utiliza cada vez mais em escala maior, devido à mudança de uma série de padrões de comportamento. Cremes para a pele, óleos, adstringentes e outros artigos já deixaram, há algum tempo, o domínio exclusivo do público feminino, sendo de pleno consumo entre os homens. Isso reflete uma mudança de mentalidade, principalmente nas novas gerações".

- É terrível! confessava Auxiliadora. Dá um desânimo tremendo na gente. Você não pode ser consciente que te marcam. Se sento na mesa, reclamam que professora não pode ficar assim. Meus alunos são favelados, sentem uma falta tremenda de afetividade. Que isso, Henrique, já tou velha, tou com 24 anos. E mulher é pior ainda. Nós fomos educadas de modo errado e lá em casa, se eu fizer alguma coisa, é capaz de minha mãe e meu pai terem um ataque, meu pai sofre do coração. É uma chantagem desgraçada. E vocês homens também não têm educação nenhuma, dizem que são muito evoluídos, mas são uns irresponsáveis.

Difícilmente você encontrará mulher que seja dona do próprio nariz: elas estão sempre pensando em segurança, mas segurança que venha de outra pessoa e não delas mesmas. É uma fossa tudo isso. E a gente sofre essa coisa toda que enfiaram na cabeça da gente. E essa meninada de 15 a 20 anos também tá toda bitolada nesse negócio de família, mesmo que não estejam traumatizados. Tenho aparecido sempre por aqui, uma vez fui até lá na Editoria de Pesquisa, mas você não tava lá, o Henrique também não tava. Não sei o que vou fazer, não tou com vontade de seguir carreira nenhuma, e não gosto de dar aula também não. Tenho tendência pra coisas de arte, mas não sei ainda o que eu quero, vão ver.

São quatro coisas: três boas e uma mais ou menos. 1)- Comprei um disco muito bonito para você, vamos ver se vai gostar. 2)- Conforme for, teremos casa na praia, no fim do ano. 3)- Minha menstruação deveria ter vindo esta semana e, como não veio, suspeito de gravidez. Mas não se assuste (embora você nunca se assuste). Há uns comprimidos e injeções que podem ajudar a resolver o problema. 4)- ganhando mais, posso alugar um apartamento aqui e você viria nos fins de semana, quando desejasse. Que tal pensar sobre a ideia?

onde dois indivíduos aproximam-se, acoplam-se e trocam materiais microcelulares, separando-se logo depois.

QUERIDO

De vez em quando Ivone escrevia de Juiz de Fora ou mandava algum recorte de jornal. Mais frequentemente ficava calada. Mas persistia sempre. Lecy até havia dito que Renato era porco chauvinista por causa daquele tipo de relações dele com Ivone. Lecy explicou o que ela entendia por porco chauvinista e enquanto isso, o suor escorria da cara vermelha de Renato, então Renato pediu a Clóvis que ligasse o ventilador porque ali estava quente demais - e, enquanto isso, Lecy ofereceu o lençinho dela para que Renato enxugasse o suor da testa. Mas, meu anjo! explicava Lecy. E Lecy dizia: você tem idade pra ser meu pai! Ela veio dos Estados Unidos resolver o problema do divórcio dela, depois voltaria de novo pros Estados Unidos, mas tinha muita vontade de morar em Brasília. Renato dizia que é muito "perigoso" fazer confidências e propostas para um tipo de escritor como ele.

Considere carta sem efeito Não há problema Abs Ivone

Quero só ver se você fica me usando nas coisas que escreve.

E o Rio de Janeiro? Continua ainda em seus planos?

Juiz de Fora era a segunda cidade de Minas. Para dar maior ênfase, costumavam dizer Jôis de Fora, principalmente os locutores da rádio. Há centro da cidade, e os bairros geralmente ficam longe, como se fossem microscópicas cidades-satélites. É a maior avenida do mundo, mostrou o chofer. (Não falavam motorista, mas chofer.) Cidade bonita e bem arrumada, os filhos da terra gostam de defender a cidade e acham que a estatística errou, pois Juiz de Fora não tem só 500 mil habitantes: segundo eles, tem muito mais, quase igual Belo Horizonte. Mas é uma província. Porque apenas Rio e São Paulo não são província, embora também sejam provincianas.

Ivone morava na Rua Espírito Santo, 602, aptº 203. Junto com ela moravam agora três amigas, que também eram professoras de Artes Industriais. Ângela, Elby e Edina (que já estava lá)

eram as amigas que moravam no mesmo apartamento com Ivone, todas elas em idade crítica, quer dizer, ninguém mais era criança e ninguém podia perder tempo - se não encontrassem amor, pelo menos poderiam encontrar a pessoa mais conveniente. Então Renato pensava em si mesmo e sentia que não era assim uma pessoa realmente amada, era apenas o sujeito mais conveniente para Ivone, assim como o cara de Santa Catarina seria o mais conveniente para Elby.

- Você nunca pensou como é que te acho sexualmente?

Renato ficou olhando, não costumava pensar em perguntas incômodas sobre sexo. Gozava com qualquer mulher

os dois velhinhos tavam lá metendo e o velhinho começou gemer, então a velhinha perguntou: gozou, bem? E o velhinho respondeu: não, caguei

e, no seu egoísmo, não pensava muito diretamente no prazer da mulher, mas também queria que a mulher gozasse muito.

- Você não me satisfaz.

Então enfiava o dedo na buceta porque já tinha gozado e ela ainda continuava excitada.

te põe chifre

você se preocupe com os seus chifres que eu me preocupo com os meus, tá bem?

Ela também dizia:

- Gosto de você como homem. Te acho bonito.

Era muito incômodo quando uma pessoa estava apaixonada e a gente era apenas amigo dela - ou quando a gente está apaixonado e a fulana só admite amizade.

Fazia calor em Juiz de Fora. O bêbado era preto, inchado de tanto beber. Muito devagar contou o dinheiro e enfiou no bolso. Era uma figura conhecida de Ivone e das outras meninas, pois passava ali pela rua, geralmente de madrugada. Alto e bem nítido ele dizia a toda hora: EU SOU. E depois em tom mais baixo: Flamengo. Imediatamente depois, abaixando ainda mais o tom da voz, dizia: a puta que pariu vai tomar no cu.

Juiz de Fora é uma cidade divertida: não sei se é divertida, só quero dizer que me diverti bastante no feriado e fim de semana que passei por lá no apartamento de Ivone: eu dormia no sofá da sala e, em dois quartos, dormiam as quatro meninas. (Falo "meninas", mas é lógico que vocês já sabem que estou falando de moças maduras. Edina, por exemplo, comprou carro, não precisa ficar dependendo de ninguém pra voltar pra casa.)

Peguei o ônibus às 7h45 e cheguei em Juiz de Fora às 11h30. Cheguei e logo percebi uma coisa que parece mentira: esqueci o endereço de Ivone em casa, lá em Belo Horizonte, e só sabia que era na Rua Espírito Santo, mais nada. Em vez de telefonar para BH, dormi num hotel de terceira categoria, peguei o ônibus das oito e cheguei em Belo Horizonte depois do meio-dia. Deixei minha maleta na rodoviária e comprei passagem pras 3h30, de volta pra Juiz de Fora. Fui em casa, tomei banho, almocei, minha mãe e minha irmã riram da minha loucura, peguei o endereço da Ivone e fui embora de novo pra Juiz-de-Fora-a-manchester-mineira, cheguei lá depois das oito da noite. Ivone estava saindo pra ir ao cinema junto com Elby, ri muito quando contei tudo, aproveitei e fui ao cinema com elas - Edina, Ângela e o namorado tinham ido na outra sessão ver O Super Macho.

Arnold havia nascido em Joinvile, em Santa Catarina: Elby estava vendo se conseguia alguma coisa com ele, e ele também estava vendo se conseguia alguma com Elby. Alfredo namorava Ângela e também tinha carro, era professor e colega de Ângela. Edina saiu de carro com o rapazinho que trabalhava na Usiminas, mas Edina achou ruim porque pensavam que ela era nova. Não, dizia Edina, esse negócio de mexer com rapazinho não dá não. O Renato falou que vocês parecem muito mais moças, ninguém diz que vocês têm essa idade. Edina estava com 32, Elby com 29, Ângela com 28 (Renato faria 37 em julho). Edina olhou pra Ivone e avisou: e você que tome cuidado com o Renato

senão eu pego ele pra mim. A Ivone te falou que já sou um bom partido, Renato? Olha! Já tenho cama, guarda-roupa e geladeira. Renato brincou: o mínimo que se pode exigir da mulher é um apartamento mobiliado!

o mais amado, o mais conveniente

Auxiliadora:

- Não sei o que eu faço. Não posso ficar pensando senão não faço nada. Fechar o olho e fazer tudo no escuro. Mas você pensa demais, Renato! Vou dar uma casada, vou mesmo. Tem um cara em São Paulo que quer casar comigo, ele trabalha o dia inteiro e eu fico lá bebendo meus chopinhos. Não ligo pra ele não, mas preciso dar uma casada. Sou mesmo, eu sou virgem. Não gosto de ser mulher, acontece que até menstruação não aparece, vai ver que é de tanta raiva de ser mulher. Você quer casar comigo, Renato? Mas é casamento com cartório e tudo, não vai pensar que é na base da sacanagem não! Não sei o que eu faço. Detesto ser professora primária. Detesto tudo, poxa! Não sei o que eu vou fazer. A coisa que mais gosto na vida e a única coisa que me interessa é beber chapinho com os amigos, bater papo no bar, tudo isso. Mas não tem nada de sexo não, é só bater papo. Sou virgem, e não acho ruim ser virgem não. Tenho vaginite também, sabe? Se você quisesse casar comigo, eu topava. Não sei o que eu faço, gente! Também sou prognata, não aparece muito mas sou. Vão casar, Renato? Vê se resolve, homem!

Auxiliadora era bem branca, o vestido preto realçando a brancura da pele, ficava bem nela. Aliança de noiva no dedo, uma aliança que parecia entortar de tão fina que era. Auxiliadora não era noiva, usava aliança à toa, estava indecisa, também sentia falta de ternura e carinho - todo mundo padecia disso, uns mais, outros menos, e havia aqueles que não tinham consciência de coisa alguma. Renato batia máquina na redação, Auxiliadora veio e sentou na mesa perto dele, a microssaia mostrando as coxas brancas, os cabelos

aloirados e, à medida que bebia a pinguinha que Eugênio trouxe, mais falava e mais confusa se mostrava, dando uns gritinhos de vez em quando, levantando as mãos pra cima e passando as mãos nos cabelos.

- Ame sempre que puder, sempre.

o mais conveniente

Ela chupava e beijava, e Renato beijava as coxas dela e passava a língua nos arredores, os dois fungando como macacos impecavelmente civilizados.

35 quartos, todos com inquilinas. Hotel temporariamente fechado ao público. Na próxima segunda-feira, uma reunião dos quatro filhos de criação (dois homens e duas mulheres) decidirá qual a nova comandante de um dos mais conhecidos pontos boêmios da cidade. Motivo: Zélia, uma mulher gorda, morena e "muito caridosa", segundo suas inquilinas, morreu ontem tarde no Hospital Santa Terezinha por causa de um tiro que levou no lado esquerdo do peito.

Mas eu não sei o que eu faço, gente!

Ivone engordava, a bunda volumosa. É isso, Ivone só engordava na bunda. Ela dizia: pus esse vestido branco, ele é novo e você nem comentou! Já estava com papadas, e Renato percebeu que as pessoas vão envelhecendo bem perto da gente, depois então Renato olhou as próprias mãos e deu outra olhada no espelho pra conferir todo o tempo que havia passado. Maria Lice, minha irmã, é mais nova do que eu e está com as mãos enrugadas. Mas, também, só mexo com livros e Maria Lice mexe com esses negócios de cozinha, entende? Minha mãe até que é conservada, e ela já está com quase 70 anos old. Minha tia está morrendo de arteriosclerose.

Às vezes, Renato sentia uma vontade louca de gritar SOCORRO bem alto, pedindo ajuda num mundo onde toda ajuda é impossível. Era muito curioso ver coisas e pessoas existindo e murchando aos poucos - como se eu nada tivesse a ver com tudo isso. Talvez estivesse precisando acabar esse caso dele com

Ivone. Pois, afinal, não estava interessado em casar e ter filhos com ela, e os dois ficariam indefinidamente desse jeito, numa situação sempre pendente. Ivone precisava arrumar outro cara pra ela, e Renato procurava uma mulher por quem pudesse ficar realmente apaixonado. Pois, no fundo, Renato e Ivone estavam apenas se enganando. E agora Renato não sabia direito como acabar com essa enganação.

Alguma novidade a respeito do Rio? (Não, não havia novidade alguma a respeito do Rio e, principalmente, não havia novidade alguma.)

Às vezes olhava a mulher e ficava com nojo. O que estava acontecendo? Estava ficando viado? Não era bem assim. Renato continuava gostando de buceta e gozava com qualquer fêmea. Mas, às vezes, achava esquisitas as manifestações do corpo feminino: menstruo, enjoos, gravidez, toda essa porrada. Depois também, havia aquela falta de amor e afetividade, não conseguia ligar-se a ninguém, achava estranho viver ao lado de alguém, embora procurasse exatamente isso, alguém pra viver ao lado dele e suportá-lo. Havia aquela preocupação de gozar e fazer com que a mulher goze junto, satisfazer a mulher, já que qualquer mulher satisfaz qualquer homem. Ivone costumava repetir: você não me satisfaz. Mas acrescentava: gosto de você como homem. E Renato não entendia direito o jogo, ou não se preocupava com isso. Ivone estava apaixonada por Renato, e Renato era apenas amigo dela - isso deprimia. Também seria deprimente que Renato estivesse apaixonado pela moça, e a moça fosse apenas amiga dele. Porque, com Ivone, Renato gostava apenas de ficar excitado, estava interessado apenas no corpo dela.

Auxiliadora:

Sinceramente, mas não sinto assim essa atração sexual pelos amigos, olho todo mundo como amigo, beijo e abraço todo mundo igual faço com meu pai, entende?

- Entendo.

- Sei que tenho problemas de relacionamento com meu pai, olho todo homem como se fosse meu pai. Já fiz psicoterapia de grupo, tudo. Já fiz até psicodrama, que acho a coisa mais violenta, pelo menos pra mim. Sou uma pessoa muito confusa.

- Eu mesmo faço minha psicoterapia.

- Sou dependente de meu pai, entende? Acho que vou dar é uma casada.

O olho devia estar cansado, a cabeça parecia girar, as imagens não estavam fixas. Dormir era bom pra descansar, mas nem dormindo conseguia esquecer, nos sonhos ficava pensando e discutindo sozinho. Não tem importância, isso é sonho, é já que acaba. Na hora que acordasse, eu gostaria de lembrar de tudo o que estou sonhando agora. Sonho mais besta! Ainda bem que amanhã é sempre outro dia.

Compraria um carro e queria que Renato fosse passear com ela no nordeste, que Renato desse jeito de tirar férias em janeiro. O melhor jeito, talvez, seria não responder mais nenhuma carta, não atender telefone de Juiz de Fora, ir sumindo aos poucos, devagarinho, e depois então Renato explicaria que era bom parar com aquela brincadeira, os dois estavam apenas perdendo tempo, não adianta.

Favor enviar notícias Ivone CT 478 - 202 Ivone

- Enquanto a gente fica conversando só nós dois esse cara aí fica tomando nota e depois no próximo livro dele sai tudo escrito lá.

Renato riu.

- Não tem importância, pode contar.

A farmácia de Pedro ficava perto da rodoviária e, quando conversava com Renato e Roberto, sempre vinha com uns casos pitorescos, dizendo que era pai solteiro, que quando queria comover uma pessoa ele era mestre na técnica de chorar, mordida os lábios, ficava mexendo triste com a cabeça e a lágrima descia de verdade.

- Eu choro mesmo. Não é qualquer um que chora assim não.

- Nunca te vi bêbado, nunca te vi nesses barzinhos que a gente frequenta, você só gosta de bar caro.

- Quando era pequeno, nem roupa direito eu tinha.

Quem arrumava as pílulas pra Ivone era Pedro, preço da fábrica, ou oferta da casa.

- Tenho muito dinheiro. Tá precisando de algum emprestado? Eu empresto. Ganho bem. Trabalho só de manhã, não sou besta. Deixo minha mãe tomando conta da farmácia e saio com o carro.

- Meu querido!

- Não, eu não bebo.

- Não bebe, não fuma, não joga. Diabo! O que você faz então?

- O resto!

- Brinco muito com minha mãe, ela sabe de tudo.

Pedro era bem casado, a mulher formada em odontologia, tinham quatro filhos, Manoel era o filho mais velho, já com 19 anos.

Afrânio era escritor com vários livros publicados: além de ruim, tinha lá sua queda pra viado e vivia dando cantadas no Manoel e no Júnior. Estavam conversando sobre os livros do Júnior, que também era ficcionista, e Afrânio, em vez de entrar também na conversa, ficava dizendo:

- Mas ele é lindo!

- O Júnior é um dos escritores mais sérios do Brasil, garantia Roberto.

- Muito bom ele, Pedro concordava.

- Mas ele é lindo! dizia Afrânio.

- Porra! Nós estamos conversando sobre o livro do cara e você fica aí se babando, dizendo que o cara é lindo? Ninguém tá querendo saber se o cara é lindo não, porra!

- Mas ele é lindo, gente!

Pedro caçoava com Mário, porque Mário era quieto, do tipo envergonhado, ficava vermelho com qualquer coisinha. Mário também era casado, filhos crescidos, 50 anos de idade e um carro novo, escritor com vários livros publicados, Pedro punha a mão no ombro dele e começava falar besteira, Mário balançava a cabeça desaprovando.

- Sua concepção de vida é muito estranha pra mim, Pedro. Depois também, você já tem filho crescido, tá com 45 anos, não é mais criança não.

- Concepção de vida uma merda, Mário! Porra!

Em Belo Horizonte havia mais de 2 milhões de habitantes, todos escritores, ou pelo menos ameaçavam furiosamente.

Abraçava Roberto e Renato:

- Deliro com vocês dois!

De vez em quando saía pra passear em Ouro Preto, Sabará, Congonhas, lugares assim. Ou então, ia na Pampulha.

- Só tenho intimidade com vocês dois. O que tenho pra contar eu conto mesmo, não sei guardar segredo.

- Agora não posso, dizia Roberto. Preciso encontrar minha mulher, prometi chegar cedo em casa, tenho que pegar ela na casa da minha sogra.

Enquanto falava, a mão direita subia e descia várias vezes, em câmara lenta, passava a mão nos cabelos ralos (estava fazendo um corte pra cabelo em determinado dia do mês, diziam que era o melhor remédio pra não ficar careca), acendia

um cigarro atrás do outro, estava impressionado com a literatura e principalmente com a importância dos escritores latino-americanos que só foram descobertos pelos brasileiros recentemente.

- Esses latino-americanos são muito importantes.

- Já leu Juan Rulfo?

- E o Cabrera Infante?

- Mas no Brasil nós temos grandes caras também.

- Tirando Guimarães Rosa, o páreo é duro com os latino-americanos.

Entraram no Sifão e continuaram conversando sobre problemas literários. Pedro só tomava refrigerante, Roberto tomava chope e Renato tomava pinga com limão.

- Traz uns salgadinhos também, tá?

- Olha, não posso demorar muito não porque minha mulher tá me esperando, tenho que pegar ela na casa da minha sogra.

Roberto também era jornalista, mas não gostava de jornal, queria ficar só escrevendo. Procurava independência financeira, por isso mexia também com gado, carvão e banana, se tudo desse certo podia largar o jornal.

Pedro usava lentes grossas pra miopia, os cabelos já um tanto esbranquiçados, o rosto redondo, menor um pouco que Renato. Tinha um carro. O outro carro o filho Manoel tinha dado uma trombada, comprou um novo, depois vendeu o piano da filha (porque a filha não queria mais estudar piano) e vendeu um terreno que ele tinha perto da Praça Nova Iorque, onde Mário morava.

- Tenho muito dinheiro! (E batia a mão no pacote de dinheiro.)

- Vamos encontrar o Pedro lá na farmácia dele?

- Outro dia.

- Vamos hoje mesmo. É rápido. (Olhou no relógio.) Às oito e meia tenho que encontrar minha mulher, não posso demorar muito também não.

- Eu pelo menos acho a Marília uma pessoa bastante madura, Célio.

- É. Não tenho nada que reclamar dela não. Se tiver alguma coisa, é contra mim mesmo.

- Entreguei seu livro e o do Pedro pra Ruth ler, ela gostou mais de você.

- É rápido.

- Deixa pra outro dia. Hoje não posso. Tenho que fazer uns troços lá em casa.

Pedro dizia (rindo e abraçando Roberto e Renato):

- Tou felicíssimo hoje!

- Loucura total!

- Não. Vocês não vão me deixar sozinho não. Tenho uma porção de coisas pra contar.

- Mas minha mulher tá me esperando, explicava Roberto.

- Que nada! Você já tá atrasado mesmo!

Na farmácia:

- Tinjo o cabelo dessa cor porque cabelo branco fica parecendo que tá sujo. Gosto de cabelo branco, acho bonito, mas o meu não presta, precisa tingir.

E Roberto comentou com a mãe de Pedro:

- O cabelo da senhora tá bonito assim.

- Você acha?

- É sério. Tá bonito mesmo.

Pedro contou o pacote de dinheiro e quis dar algum pra mãe dele, mas a mãe falou que não precisava.

- Então leva pelo menos isso aqui pra senhora tomar condução. (A mãe pegou o dinheiro e foi embora.)

- Gosto muito de minha mulher, sou apaixonado por ela. Vocês viram como é que eu sou lá em casa, não foi? Deliro com meus meninos, gosto muito da minha família, gosto mesmo. Não largo eles de jeito nenhum.

A mulher de Pedro era Carminha. Três filhos homens e uma menina: Manoel, Antônio, Júlio e Marlene. A família era

protestante, mas não tocavam no assunto, e exteriormente Pedro não dava muita importância à religião, embora tivesse vícios de educação religiosa, certas fixações. A barriga razoável, mas ele não ligava. Gostava de roupas bonitas, mas geralmente usava camisa esporte, vestia simples. Muito amigo do Fábio, um escritor que foi com mulher e filhos dar aula nos Estados Unidos, já que Fábio fora demitido do cargo de professor universitário por motivos políticos.

Pedro já havia publicado três livros de ficção, mas ainda achava que não era escritor, sempre pedia a opinião de Roberto e de Renato e, se os dois fizessem alguma restrição, aceitava logo, ficava até chato.

- Mas você não pode ir aceitando as críticas da gente assim sem mais nem menos não!

- Mas vocês me ajudam muito.

- Tá certo. Mas, Diabo! Você tem autocrítica, não tem? Sabe quando é que o negócio tá bom ou tá ruim. É bom ouvir a opinião dos outros, mas tem de criticar a opinião deles também, porra!

Ela estava sempre rindo e mostrava os dentes brancos e certinhos. Os olhos esverdeados. Corpo bacaninha, pernas grossas mas sem exagero. Menina de uns 16 anos mais ou menos. Quando ria, uma covinha ficava brincando no rosto. O risinho malicioso dela parecia convite, ou intimação, não sei. Usava um avental verde. E trabalhava num bar-restaurante perto da farmácia de Pedro.

- Três cafezinhos.

- Como é que ela chama?

- Irani.

- É bonitinha.

- Uma coisa de doido essa menina!

Pedro:

- Olha aqui, Renato, o que eu queria te falar era o seguinte. Já escrevi pro Álvaro e o negócio do livro tá

encaminhado. Se quiser, até te mostro a carta que ele me escreveu. Agora você precisa ir lá no Rio conversar com ele, mostrar que tá interessado mesmo no negócio.

Pedro contou um pacote de notas e enfiou no bolso.

- Viu? Agora você precisa ir lá conversar com ele.

Mudou de óculos e ficou olhando pra Renato, que pediu um cigarro pra Roberto.

- Olha, tenho que ir embora, minha mulher tá me esperando.

- Vamos a pé mesmo?

- Não, vamos pegar um táxi. A não ser que o Pedro leve a gente no carro dele.

- Vocês me desculpam, mas não posso, sério mesmo, tou sozinho aqui na farmácia. Mas, se quiserem, pago o táxi.

- Que isso!

Roberto deu um tapinha nas costas de Pedro e riu.

- Viu como é que tava o Pedro? Sapato colorido, roupa nova, cabelo cortado, barba feita. Viu?

Pedro deu uma risada gorda:

- Puta merda! Não te conto nada. Mas o negócio tá bom toda vida pro meu lado.

E abraçava os amigos que batiam papo na Interlivros. Roberto disse rindo:

- Pus uísque no guaraná dele. Só quero ver. Ele não bebe.

- Ah, ele já desconfiou. Deu o copo dele pra Neide.

- Sou besta não. Vi logo que tinha posto uísque. Bebida me faz mal.

Não se encontravam sempre. Geralmente Roberto telefonava do jornal para a farmácia e marcavam encontro às seis horas da tarde mais ou menos, depois iam conversar no Sifão sobre literatura e mulher, era um bom modo de passar o tempo. Geralmente Pedro levava Roberto e Renato de carro pra casa e prometiam se encontrar outro dia qualquer.

escrever pros outros ou pra gente mesmo

Mas a literatura, comentava Renato,
Não aconteciam grandes coisas, em absoluto, mas transformavam as coisas pequenas em grandes acontecimentos, o que não deixava de ser compensação. Havia aquele problema que Pedro sempre colocava: quando acontecem grandes coisas com a gente, a gente não dá o devido peso a isso, a gente vê mais as grandes coisas que acontecem com os outros, principalmente se esses outros forem pessoas importantes. Renato também pensava desse jeito, Roberto não falou nada.

O que Renato procurava explicar era que a indiferença Roberto estava entusiasmado com literatura, ganhou prêmio nacional, ia publicar o primeiro livro, Pedro a gente nunca sabia, há pessoas que a gente nunca sabe.

O que os três

- Roberto taí?

- Saiu de férias.

- Onde?

- De férias.

- Volta logo?

- A! Daqui a um mês mais ou menos, não sei.

- Tá.

Trabalhavam o dia todo, ou enganavam o dia todo, Renato pelo menos enganava, Pedro se virava, o filho de Roberto nasceria nos próximos dias, depois de 10 anos de casado o filho nasceria. Renato não conhecia a mulher de Roberto, apesar de ter ido várias vezes na casa dele. A mulher ficava muito na casa da mãe dela, Roberto tinha grandes projetos literários. Renato também tinha projetos e sonhos, mas preferia não comentar. A diferença era exatamente esta: Roberto falava e se expandia com os amigos, Renato ficava calado. Pedro também tinha lá seus projetos, mas falava pouco em literatura, preferia mulher. Duas vezes por semana escrevia pra seu amigo Fábio nos Estados Unidos. Roberto às vezes ficava bravo, porra! vinha conversar sobre literatura e Pedro

falava de tudo, menos de literatura. Sobre literatura Roberto costumava conversar só com Renato, Júnior e Pedro. Vocês me ajudaram muito, dizia Roberto. E Renato sonhava com as glórias literárias, embora desse sempre impressão exatamente ao contrário, embora pensasse nessas glórias de modo espantado e curioso.

- O Pedro é gozado. Se a gente não telefona pra ele, ele não telefona pra gente.

- Vai ver que tá ocupado.

- Ocupado porra nenhuma! Cara tá rico.

- É temperamento dele.

-Você tá a fim de desculpar o cara hem?!

- Ele é amigo, não?

As circunstâncias é que faziam os amigos, e essas mesmas circunstâncias podiam criar os inimigos (inclusive os inimigos íntimos). As incompreensões e safadezas entre amigos, o equilíbrio numa corda bamba.

- Mas eu me sinto como pai dela, porra! Fico até com sentimento de culpa, Diabo! Ela, menina de tudo, 18 ou 19 anos, não sei, ela é muito criança. Depois também, sou muito bem casado, gosto da minha mulher, não quero me separar dela. Tudo muito lírico, porra!

- Você precisa ser igual o Pedro. Mais objetivo.

- Ela é muito menininha. O jeito dela olhar pra você. Foi pegar a borracha no chão e ela pensou que ele fosse pegar na perna dela, posso pegar no seu pé? As meninas da idade dela não gostam de companheiras que fazem poesia. A poesia dela é de gente de 26 anos, mas ela se comporta como menina. Vou te contar, esse jornal tá cheio de gente incestuosa, basta entrar saia que todo mundo fica doidão. Quando a moça fala no namorado dela, muitas vezes ela apenas está querendo chamar tua atenção pra ela, como quem diz: você não me topa? por que não tenta? Não é a Ethel não, é outra, a Mônica, havia um espaço entre um dente e outro, aquilo dava um toque especial

no sorriso dela, mas é que eu tava apaixonado, e ela não sabia, quando a gente tá apaixonado a gente ama tudo da pessoa.

- Vamos dar um pulo lá no Pedro?

- Tá chovendo demais hoje. Deixa pra outro dia.

- Então não vai embora não que eu tenho que te falar um negócio.

- Vamos tomar um cafezinho.

- Vamos. Aí você aproveita e me compra um maço de cigarro.

Tou sem dinheiro.

- Vai ver que ele nem leu o livro.

- É. Não vi nada assim de política no meio.

Roberto gostava de falar em literatura. Ângelo gostou muito de um conto de 10 linhas que escrevi. Quando Pedro some, ninguém encontra o cara.

- Foi assim que ele falou. Honesto e acima de qualquer suspeita.

- Uma frescura.

- Também acho.

No telefone:

- Olha, Renato, a notícia não é boa não, sabe? Parece que o Álvaro tomou um prejuízo de 200 milhões e eu não sei como é que vai ficar a edição do livro. Já escrevi pra ele e tou esperando a resposta. Depois você me telefona aqui pra farmácia que te conto a resposta dele. Já tou com mais um livro pronto. Mas só edito o meu depois do seu.

- Pera aí que o Roberto tá querendo falar com você.

Nós somos do Colégio Frei Orlando e escolhemos o senhor para patrono do nosso grêmio. O senhor poderia ir no colégio dia 29, sábado?

Achava graça vendo as menininhas falando senhor, perguntando sobre adolescência, literatura, o mundo de hoje.

- Sexta-feira de tarde então a gente se encontra.

- Tá.

- Fico na farmácia até oito horas da noite.
- Falou com o Roberto?
- Ele é que marcou o encontro.

Roberto falava sobre o primeiro livro e o primeiro filho. Tinha reescrito a novela mais de 10 vezes. Quantas vezes você reescreve suas coisas?

- Tou trabalhando muito nesse livro.
- E seu negócio pras Estados Unidos?
- Quê que têm os Estados Unidos?

Se você fosse eu, já estaria preocupado. Toda hora tenho que respirar fundo, um peso na barriga. Fico pensando uma porção de coisas: câncer, angina no peito, enfarte, colapso, uma porrada.

Célio garante:

- Enfisema é troço perigoso e chato pra burro. Roberto:
- Vão bater um papo lá com o Pedro?

Gostava de conversar sobre literatura, falar dos projetos literários, os livros que estava escrevendo.

- Com esse livro acho que me lanço.

O entusiasmo dos amigos e conhecidos. E você, Renato: você também não se acha um cara entusiasmado? Falou comigo? A música me deixa mais triste ainda, uma verdadeira lavagem no espírito, em grandíssima escala. E Renato passeia o próprio anonimato pelas ruas centrais dessa cidade de matéria plástica, sabendo que este momento era o único e o último, porque o outro momento é sempre diferente. O mundo era uma febre, uma alucinação, um caso de sonâmbulo. Eis aí o mundo - finalmente. Eis-me aqui no mundo. Eis tudo. Tudo sempre pronto pra me devorar, mas sempre como ameaça. Como um sujeito ameaçado, sempre.

Sempre uma fumaça estranha, purificada por muitos filtros, saindo de uma longa chaminé cilíndrica: a fumaça dos mortos. Sempre muitas pessoas com roupas escuras nos corredores largos, nas salas de espera e no bar do enorme edifício: os

parentes e amigos dos mortos. Haverá outras pessoas de avental, percorrendo as imensas geladeiras, cheias de corpos à espera da vez de entrar nos fornos. E as pessoas de avental levarão os corpos por ordem de entrada, até a menor sala do prédio, dentro de caixões que deslizam sobre carrinhos com rodas. Na sala de cremação, outros homens de avental abrirão a porta dos fundos dos dois fornos de aço. Que estarão sempre quentes, sempre prontos, sem precisar de muito combustível, porque o calor dos próprios corpos cremados é capaz de mantê-los quentes.

- Vamos ali na lanchonete comer um troço?

- Vamos sentar que assim a gente conversa melhor.

- E aquele almoço que você tá devendo pra nós, quando é que sai?

- Muito breve!

Pedro trabalhava pouco, não era de procurar muito os amigos.

Afinal, tinha lá sua família, os filhos, a mãe e a farmácia. De vez em quando ia no Suplemento Literário, então se lembrava de chegar até o jornal para se encontrar com Roberto e Renato.

Tinha 45 anos de idade. Roberto e Renato tinham quase 40 anos de idade cada um. Minha sobrinha mais nova aprendeu andar sozinha. Não estou bem certo do que acontece, mas o ânimo vai diminuindo aos poucos, como pilha que enfraquece. Diana Davis veio e me mostrou um conto dela muito bom chamado Gravidez. Aliás, Pedro se parecia com Amílcar, a mesma altura, os cabelos brancos e pretos, a gordura, e os dois eram artistas. Pedro tira algumas notas do bolso e diz: hoje tou pobre, tou só com 50. Que milagre! riu Roberto. Pode deixar que eu pago, disse Amílcar. Como bons mineiros, Roberto e Renato sequer tentaram enfiar a mão no bolso pra tirar o dinheiro. Vocês ainda têm que trabalhar, não têm? Pedro deu tiau pra turma e foi a pé pra farmácia, tinha deixado o carro perto da

rodoviária. Um grande cara esse Pedro! comentava Roberto. Não posso ficar muito tempo sem conversar com ele, a prosa dele me faz bem. Com insistência a mão direita subia e descia lentamente, descrevendo formas ovais no espaço. Deliro com esse cara! Pena que ele não fuma nem bebe.

- Falou pra você telefonar urgente pra ele, segunda-feira. É um editor que talvez pode publicar seu livro.

- Tá. Segunda-feira dou um pulo na farmácia dele.

- E você? Não acaba seu livro nunca?

- É que o negócio virou romance, e agora não sei quando é que vou terminar.

Roberto, Pedro e Renato eram conhecidos na cidade como escritores:

- Olhaí a intelectualidade mineira!

Renato:

- Que hora que ele chega na farmácia?

- De tarde ele volta.

Pedro é farmacêutico, Roberto e Renato são jornalistas. Pedro, Roberto e Renato são escritores. Pedro já publicou três livros, Roberto ainda era inédito, Renato se considerava póstumo.

Não era pra Renato entender, o recado era pro Tião, e Tião entenderia: "Árvore de cristal deu primeiro fruto. E quero que você seja o primeiro a experimentar".

Pedro veio e abraçou Renato:

- Ó meu querido, tenho que falar um negócio muito bom pra você, negócio de edição de livro.

Renato já conhecia o consórcio de escritores e, embora achasse boa a solução, não estava interessado. É. Logo vi que não podia ser grande coisa. Grande coisa não costuma acontecer pro meu lado. É o Diabo! (Ou o bom Deus!)

Pedro havia pintado a farmácia, os funcionários agora andavam uniformizados, avental branco.

- Me desculpa o atraso, mas é que fui fazer uma obra de caridade, fui tirar da cadeia um pretinho que trabalha aqui pra mim. Você vê. Como é que pode? Prenderam o menino só porque ele tava na zona. Prenderam e levaram pro depósito. Puxa vida! Você precisa ver que desumanidade aquilo! Num lugar onde só cabem uns quatro, colocam uns 10 meninos. Chorei, viu? Eu choro mesmo.

- Mas o bom é que consegui tirar o pretinho de lá. Tá tudo bem agora.

Eu tinha que te falar um negócio de edição de livro. Roberto ainda não havia terminado o livro dele. Dia 15 Renato queria ir ao Rio ver essa coisa de livro, Pedro falou que talvez vá junto, ele e o Fábio, que chegou esses dias dos Estados Unidos. Podiam ir de carro, de ônibus ou de trem. Roberto falou que com o Pedro dirigindo ele não ia ao Rio de jeito nenhum.

- Então vão de avião.

- Pior ainda. Ninguém tem dinheiro pra pagar e eu não entro em avião nem bêbado.

Apesar de protestante, Pedro rarissimamente falava em religião. Aliás, religião não era a preocupação de Pedro nem de Roberto nem de Renato, pelo menos os três amigos não tocavam no assunto pra não sujar a conversa. As preocupações dos três eram principalmente literatura e mulher - para Pedro era só mulher. Apaixonado por literatura era Roberto, entusiasmado, preocupado com os livros que estava escrevendo e com os livros que precisava ler.

Foi só depois de 10 anos de casado que nasceu a primeira filha de Roberto, e ele então dizia que ter filho era melhor do que ganhar concurso literário.

- Você já tem uma filha e já escreveu um livro. Agora só falta plantar uma árvore.

- Já plantei.

- Tá com tudo então!

As pessoas riam e se cumprimentavam na vida e na morte. O nascimento de uma criança pode matar a mãe. A mãe grita, e a criança nasce berrando, surda muda e cega por algum tempo. Geralmente a mãe fica no hospital, e o marido nervoso passeia pelo corredor. Uma criança nasce - para renovar o mundo? ou para que o mundo a massacre em longa prestação? Afastai de mim este cálice, Ó, mestre! Pedro falava em Bíblia, quando falava. De qualquer modo, se a filha do amigo havia nascido, o jeito era cumprimentar o cara por causa da alegria dele e não por causa da criança mais linda do mundo.

- Tou resfriado, reclamou Pedro.

- Hem?

- Um resfriado fodido!

- Então outro dia a gente se encontra.

- E seu negócio lá no Rio?

- Ainda não pude ir. Mais tarde. Vamos ver.

Foi sempre assim, por isso ninguém estranhava. Era mais fácil procurar o cara do que esperar que ele procurasse. Henrique, por exemplo, estava com cancro e foi fazer uma consulta com Pedro. Na farmácia de Pedro deram injeção na veia de Henrique e queimaram o pinto dele com um preparado especial, Henrique suava, fazia careta e xingava por causa da dor. Depois Pedro, Henrique e Renato ficaram batendo papo, mas Henrique e Renato foram embora logo. Henrique dizia:

- Mas esse Pedro é um cara espetacular, poxa!

- Ele ajuda muito os outros, principalmente esses caras aqui da zona.

O cara tinha apelido de Primitivo, era pintor, pobre, casado, com filhos, trabalhava como contínuo no jornal. Chegou assim pra Pedro e a primeira coisa que falou foi isso: minha mulher morreu. Aí então começou contar as dificuldades da vida dele, contou que a direção do jornal mandou flores pra colocar no caixão da mulher dele: mas pra que isso? ele nunca teve dinheiro pra comprar nem uma flor pra mulher quando a mulher

estava viva, e agora gastam esse dinheiro todo com flor. Ficou conversando com Pedro pelo menos umas três horas, ele não tinha outra pessoa com quem desabafar.

- Nossa! Mas isso é um material excelente pra conto, dizia Roberto.

- Acho que vou fazer é um romance, explicou Pedro.

Renato falou que estava aproveitando a agonia da tia dele pra colocar em livro que estava escrevendo.

- Você e o Pedro estão com um material excelente nas mãos, dizia Roberto.

Renato pensou:

- Tá até parecendo mundo-cão, porra!

um material excelente

- Não falei pra você? Aposto que agora você entende melhor o que é ter filho, a gente começa ver certas coisas que nunca viu antes. Aposto como sua filha modificou uma porção de coisas na sua vida, não modificou? Ter filho é a melhor coisa do mundo.

- Muito melhor que concurso literário, não tem nem comparação.

- Você vai ver quando sua filha crescer, o primeiro uniforme, a escola, ela conversando com você, é uma coisa de doido.

- Também acho, é lógico!

Deliro com meus meninos. Só quem tem filho é que pode entender certas coisas.

A filha de Roberto crescia, então agora ele reagia diferente de quando não era pai. Por isso ficou puto da vida quando soube o que fizeram com uma menininha de nove anos, no bairro do Sion. Um cara pegou a menina e obrigou a menina entrar num apartamento, se a menina gritasse ele matava a menina. Então o cara tirou a roupa da menina, ficou chupando e mordendo os peitinhos dela, lambeu a menina toda, fez a menina

chupar o pau dele, tudo isso. Só não deflorou a menina, o resto ele fez tudo.

- Devia castrar esse filho da puta!

- Não falei pra você? Ter filho é a melhor coisa do mundo.

Havia brigado com a mãe porque chegou bêbado em casa: e a mãe ficava perguntando uma porrada de coisas, e Renato não gostava de interrogatórios nem de preocupações maternas, por isso falou que ia acabar morando sozinho, que não servia para viver perto de ninguém, esse drama todo. Então a mãe Benedita falou que ele era dono dele mesmo e que devia fazer o que achasse bom. Renato bebia e ficava com raiva, esquecia o que tinha acontecido, confundia a realidade com os sonhos ou com os fantasmas da bebedeira. E depois ainda apareciam essas meninas de 20 anos expondo problemas e se lamentando, porra! Também tou saturado de problemas, e não vou resolver problema de ninguém também não, cada um que se vire, que se resolva!

Estava com 36 anos (faria 37 em julho) e tinha fixação em velhice. Fisicamente sentia-se bem, mas sabia que já não era mais nenhum menininho: sentia o tempo escoando, como se fosse uma sensação mais do que física. No entanto, por paradoxal que pareça, ainda procurava reagir estoicamente diante do mundo e diante dos outros homens. Então achava engraçado quando Pedro dizia que ele Renato ainda era muito moço. Pedro dizia: vocês não sabem o que é ter quase 50 anos! O Mário tem 50. Pois é, pergunte pra ele o que ele acha! Eugênio, por exemplo, não achava nada desse negócio de idade, também estava com quase 50 anos mas vivia rindo e brincando com todo mundo. É lógico, é uma questão de temperamento. O corpo vai murchando e perdendo as energias, mas a mente ainda continua por mais tempo, pelo menos até o corpo permitir e a cabeça não ficar esclerosada. Porque nenhum exercício mental que impeça o envelhecimento: o máximo, que se pode fazer, é retardar esse envelhecimento - pelo menos, isso o que tem acontecido até hoje, eu não sei o que vai acontecer amanhã. Aliás, não estou muito interessado

em saber o que vai acontecer amanhã porque, pra mim, não existe amanhã, só existe hoje. Posso ficar curioso com o dia de amanhã, mas estarei sempre desinteressado.

- Não existe esse negócio de "nosso tempo" também não, porra! "Nosso tempo" é, agora, aqui, não importa a idade do cara não.

Pedro estava com quase 50 anos. Mário tinha 50. Renato estava quase com 40. Célio e Marília haviam ultrapassado os 30, se não me engano. A filha de Pedro devia ter uns 15, 16 anos. Estava a turma toda numa mesa de uísque e salgadinhos. Pedro, Mário e a menina não bebiam.

- Olha aqui, ó Renato. Meu romance é esse aqui. Quero que você leia pra mim e fale alguma coisa sobre ele. Tá vendo esse cartãozinho vermelho aqui? Olha aí. Tá escrito o que eu quero que você verifique pra mim. Olha aí. Termos preciosos (forçados); vocábulos chulos (gratuitos); autenticidade dos diálogos; verossimilhança da trama; "linguagem" do narrador; "vida dos personagens"; e o respaldo filosófico. Principalmente essas coisas, tá bom? vê se me devolve o livro em 10 dias, pode ser?

- "Naquele tempo". Porra! "Naquele tempo" é hoje, agora. Negócio é aproveitar enquanto o esqueleto ainda estiver aguentando. Tem desse negócio não. Meu tempo é agora, é hoje.

- Tá bem. Já vi tudo. Também concordo.

Era o quarto livro que Júnior lançava, dessa vez ele não estava de gravata borboleta, veio na base do esporte. A turma toda estava lá pro lançamento, ali naquele bar do Teatro Marília, conhece?

Apesar da chuva, apareceu muita gente.

- O Júnior tem um cartaz desgraçado hem?

Ana Maria pra Renato:

- Seu livro a gente vai lançar aqui também.

Maurício gritava, não sabia falar. Era cunhado de Renato, casado com Maria Lúcia. Tinha duas filhas: Luciana e Júnea.

Luciana gritava igual o pai. Quando Maurício se encontrava com Rubinho e Délio, era difícil saber quem falava mais. Rubinho e Délio, outros dois cunhados de Renato, falavam muito, e Maurício gritava. Quando estavam bêbados, a coisa piorava. Walter conversava pouco, Renato também, Lamartine ficava rindo. Walter era cunhado de Renato, Lamartine era namorado de Maria Lice. Durante a semana Maurício: viajava de carro (ele trocava de carro várias vezes), no sábado e no domingo gritava na casa dele ou no apartamento de Benedita, a sogra. Fazia mais de um ano que estava com aquele bigode, precisava cortar o cabelo, nascia muito depressa, era crespo, de vez em quando bebia e xingava a mulher. Os cunhados vinham assim e, na mesa do bar, lamentavam a vida de casados, as mulheres estúpidas que tinham, eles dando um duro desgraçado e as mulheres gastando o dinheiro deles à vontade.

- A foto ficou escura, mas foi até bom, assim esconde a careca dele.

Júnior está com 36 anos, Roberto diz que não, diz que Júnior está escondendo idade. Renato também diz que está com 36 anos, vai fazer 37 em julho. Então Júnior exclama: poxa! pareço 10 anos mais velho que você! (Essa agora! Será que ele tá me gozando?)

Júnior é desquitado e tem três filhos do primeiro casamento, duas meninas e um menino. Mora sozinho em apartamento no centro da cidade. Já fez de tudo na vida, foi aviador da aeronáutica, corretor de imóveis, dono de banca de jornal, gerente de linha de ônibus, mexeu com publicidade, foi motorista de táxi.

Ele dizia: cada escritor tem sua realidade própria e exprime essa realidade sob ângulos também próprios. Não se trata de dizer que isso ou aquilo deve ser assim ou assado, pois há vários tipos de escrever, e todos eles podem ser perfeitamente válidos. Há campo pra todo tipo de literatura e não adianta ficar pensando num caminho único. No Brasil,

acontece que muita gente usa a literatura não para transmitir seu mundo singular e pessoal, mas para esconder a realidade: o negócio é que o escritor complica tanto as coisas que, às vezes, nem mesmo os colegas de ofício entendem o que ele escreveu.

Atualmente é dono de alguns táxis na praça, ele agora vive disso. Depois de autografar uma porção de livros, a festa do lançamento virou carnaval. Não sei como é que acabou a festa porque saí antes com Fernando e Tê. (Tê era o apelido de Maria Tereza, mulher de Fernando.) Os dois moravam em São Paulo, e toda hora Fernando falava no filho dele que se chamava Felipe - Felipe, o Belo! Foi todo mundo pra Cantina do Lucas, lá a gente topou com o Moacyr, que veio passar o natal na cidade. Ficamos bebendo e batendo papo até tarde.

Quando disse que estava com vontade de morar no Rio, Ana Maria me olhou de modo surpreendido e esquisito, como quem diz: você também?! Eu também havia bebido uns copos de uísque e não percebi direito até onde ia a surpresa de Ana Maria. Vera também olhava entre surpreendida e risonha, o riso contido no canto dos lábios. Ana Maria e Vera eram irmãs: Vera desquitada, Ana Maria solteira e tinha um carro. Fernanda era advogada, muito amiga das duas. Marcinha, irmã de Vera e Ana Maria, se casou com Libério e foi morar no Rio: Marcinha era risonha, Libério era músico, usava barbicha, também ria muito e passava a mão na barba, irmão de Neuza.

- Mas, meu querido, como é que você sumiu!

Pedro veio e abraçou Renato, entraram na farmácia e ficaram conversando.

- Como é. E o meu romance? Já leu? Gostou?

Pedro tinha costume de trocar de óculos toda hora, era quase cego de tão míope, e os óculos pesavam no nariz, coitado! Sempre perguntava as coisas rindo. Apesar de ser um sujeito interiormente sofrido, estava sempre brincando e rindo com os amigos mais chegados.

- Pra mim, sua opinião é a que mais vale, a sua e a do Fábio. Você não fica perdendo tempo com coisinhas, você olha logo o que é importante. Te acho muito bom.

Pedro tomou água mineral, Roberto pediu coca, Renato bebeu duas garrafas pequenas de cerveja. Conversaram sobre literatura, sobre o romance que Pedro tinha acabado de escrever, sobre mulheres.

- Pode deixar que eu pago, tenho prazer.

Pedro gostava de pagar a conta porque, além do prazer, tinha dinheiro e era amigo. Roberto aproveitou pra telefonar pro Fábio, um papo ligeiro sobre concursos literários.

- Então fica assim. Outro dia a gente marca um encontro. Você, o Renato, o Fábio e eu a gente vai jantar lá no Sifão. Vê se convida o Mário também, tá?

ESTADO DE ESPÍRITO

Pavana Para uma Princesa Morta, de Ravel

Duas Melodias Elegíacas, de Grieg

Andante Cantabile, de Tchaikovsky

Adagio Lamentoso, de Tchaikovsky (Último movimento da 6ª sinfonia)

Adagio, de Albinoni

Adagio, de Joaquim Rodrigo (2º movimento do Concerto de Aranjuez)

Área Para a Corda de Sol, de Bach

Valsa Triste, de Sibelius

O Cisne de Tuonela, de Sibelius

Apenas um Coração Solitário, de Tchaikovsky

Oh My Love, de John Lennon e Yoko Ono

How to Open at Will the Most Beautiful Window, de Lalo Schifrin

Singlong Junk, de Paul McCartney

Em Tempo de Adeus, de Edu Lobo e Ruy Guerra

Bachiana nº 5, de Vila-Lobos (com Joan Baez)

Morte de Aase, de Grieg

Canon, de Johann Pachelbel

Um Gosto de Sol, de Milton Nascimento

Dear Friend, de Paul McCartney

Tudo Começa de Novo, de Nelson Ângelo

O menino chora na sala de visitas e Renato fica pensando no casamento e no filho dos outros. E olha que esse menino da Benvinda é o mais manso dos seis. Então Renato fica revoltado lá por dentro, pois Renato tem 36 anos (faria 37 em julho), era solteirão e não gostava de choro e barulho de criança, o choro incomodava o peito. Sentia raiva principalmente porque, antes de nascer, ninguém o consultou para saber se queria nascer ou não, então Renato nasceu como quem leva um susto, e por isso até hoje carregava uma cara assustada, como se alguma coisa o estivesse ameaçando e ele sem saber o quê. De forma que, na verdade, Renato não pôde interferir no próprio nascimento. Então ele via as irmãs casadas e os filhos, a mãe brincando ou consolando os netos e ele Renato nada tendo a ver com esse círculo vicioso da família. Então ficava dentro do quarto quando voltava do trabalho. Ficava lendo e estudando e, se estivesse cansado, ia ver televisão depois da meia noite. Era formado em jornalismo pela Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, e trabalhava no jornal Estado de Minas. Escrevia ensaios e críticas no Suplemento Literário do Minas Gerais. Anos atrás, escrevera um romance em que contava sua vida desde seu avô Estevão até a época em que ele saíra do Banco de Crédito Real de Minas Gerais S/A, onde penou durante oito anos. Tinha um diário também em que anotava tudo. Realmente era um escritor, tinha todos os sintomas - para Renato, ser escritor era como ter contraído uma doença vergonhosa.

- Ele é jornalista, ele coloca essa notícia pra nós.

O dentista tinha consultório no edifício Codóe falou que Renato podia pagar o tratamento em três vezes.

- Você tava abatido mesmo. (Renato ficara dois dias de cama, com febre.)

Célio declamou:

- Belo Horizonte é uma cidade onde os fatos se recusam a acontecer!

- Que isso! Há uma porção de milagres acontecendo por aí. Sempre aparece um monstro pra assustar a turma. Até o Diabo já apareceu.

1,80m mais ou menos. Carteira Profissional nº 14.872, série 224ª. Solteiro. Moreno. Instrução superior. Jornalista profissional. Noticiarista. Editoria de Pesquisa. O titular da presente carteira foi registrado nesta delegacia como jornalista profissional no livro nº 1, digo, livro nº 5, sob o nº 1578, às fls. 179, conforme processo DR-19843/68.

- Que hora Nossa Senhora vai aparecer?

- Dessa vez ela não marcou hora não!

Há 10 anos que Renato não muda muito, apenas ficou mais careca, o rosto continuou chupado, comprou óculos novos (conjuntivite, astigmatismo e um pouco de miopia, coitado!) e provavelmente ficou mais corcunda, sem falar na idade. Não é à toa que norte-americano só fala na idade dos outros chamando os caras de old, e tá certo, a gente fica cada vez mais old. O caçula da Benvinda que tá aqui em casa tem um ano de velho, eu tenho 36 anos de velho (faço 37 em julho), minha mãe tem 68 anos de velha, assim por diante. Agora Renato não usa mais gravata, não precisa, e não usa terno, não gosta, deu o terno de linho branco pro cunhado, deu uma sandália franciscana pro irmão da empregada, Renato tinha duas sandálias, não precisava de duas, só precisava de uma, precisava só de um par de sapato, pra que dois?

- Puta que pariu! Mas como é que você sumiu!

- Sou meio cu de ferro, sabe?

Primeiro trabalhou na 3ª Seção, depois foi para a Editoria de Pesquisa a convite de Felipe, que era o chefe. Na Editoria trabalhava (ou fazia hora) em companhia de Henrique (que estava fazendo reflexologia pra curar o alcoolismo) e de Clóvis, espécie de contínuo. Na 3ª Seção trabalhava (ou fazia hora) em companhia de Roberto, Geraldo, Valtinho e Berta (que foi pro Rio e depois se fixou em Nova Iorque).

- Olha, agora não é possível, tou ocupado, depois a gente conversa, não fiz nem minha coluna ainda. (Roberto escrevia uma coluna diária sobre futebol, torcia pelo Atlético em Minas e Botafogo no Rio.)

- É esse aqui? Vida de Bombeiro é Fogo. Título mais manjado! Aquele que você deu naquela matéria é melhor.

- Qual?

- Aquele da televisão a cores.

- Quem te Viu e Quem te vê a Cores.

- Esse!

Em 1º de julho foi admitido como Repórter de Setor para cumprir o horário reduzido de duas horas e trinta e seis minutos. Pera aí, tenho que explicar esse negócio direito. Assinaram minha carteira me pondo como repórter de setor, mas meu trabalho é de noticiarista. Trabalho em horário reduzido porque não querem me pagar o salário mínimo do jornal, por isso só me pagam pelas duas horas e trinta e seis minutos de trabalho.

- Enquanto esses chefes ficam ganhando milhões, você não pode ganhar nem uns trocados. são uns sacanas!

Agora Renato só ia no Suplemento pra levar matérias ou pra receber dinheiro: pagam pouco por artigo, puta que pariu! E ainda acham que estão pagando bem. Quem trabalha no Suplemento agora é o Osvaldo, Jaime, Márcio, Adilson e Luquinhas. Célio falou que na revista pagam bem melhor, pra eu mandar uns contos pra lá.

- Os latino-americanos

- Que latino-americano porra nenhuma! Nós não temos nada a ver com os caras.

- É uma questão geográfica.

- Acho que é uma questão de cultura, troço que até hoje o Brasil não entendeu direito o que é.

Falando do Célio:

- Ele tá meio corrosivo, mas é ótimo cara e ótimo escritor, sério mesmo.

- E o grupo mineiro?

- E o caralho?!

De vez em quando assistia algum filme e ia no Mineirão ver o Cruzeiro jogar.

Mas nunca pensou que a moça tivesse antipatia dele ou não fosse com a cara dele, ou melhor, ficava na indiferença, não acreditando nem desacreditando no amor ou amizade da moça, quer dizer, preferia não pensar nas reações negativas que provocava em muita gente, pois não é possível que todo mundo queira provar meu elixir de longa vida, lógico! Renato não pensa no que os outros pensam dele, quer dizer, só pensa no que os outros pensam de bom dele, quer dizer, se os outros falam mal dele o masoquismo gosta e ele logo esquece.

Pensava que talvez tivesse nascido pra proletário. Gostava de comidas simples. Usava calça jeans e camisa esporte. Sapato de preço baixo. Um sujeito barato e econômico. Andando na rua, economizava a paisagem mas, em compensação, esbanjava as ideias, conversava muito com ele mesmo, era até engraçado ver a discussão dentro dele, dois Renatos masturbando o mundo, um dizendo coisa sérias e inteligentes, e o outro sempre gozando, mas os dois em paz, sempre juntos, como duas vozes vindas do mesmo corpo.

- Comentam por aí que o Wilson Curi é analfabeto em três línguas!

- Porra!

John Lennon, usando um terno comum, e sua mulher Yoko Ono, com um discreto vestido negro, compareceram ao Serviço de Imigração dos Estados Unidos, em Nova Iorque, para conseguirem uma prorrogação de dois meses em seus vistos de permanência nos EUA.

Os vistos já estavam vencidos e eles foram ameaçados de deportação. Ambos anunciaram que pretendiam residir em caráter

definitivo nos Estados Unidos, depois de resolverem alguns problemas pessoais. Se lembra? Nostalgia, né?

Enquanto isso, o calor das cinco horas da tarde continua abafando (porque o quarto de Renato era o mais quente) e no apartamento vizinho a soprano esgoela a Bachiana nº 5 de Vila-Lobos ao mesmo tempo em que um inquilino do quinto andar fica imitando a cantora, caçoando com os agudos dela.

Uma coisa que poderia ter vindo de muito longe, embora Renato não soubesse de onde, não soubesse quando. No fundo, a depressão estava quase que diretamente relacionada com a falta de dinheiro, pois quando Renato tinha dinheiro no bolso (ou em qualquer outro lugar), sentia-se mais bem disposto, como quando acabava de tomar banho e deitava na cama, tragando o último cigarro do dia. Depois da febre (ficara dois dias de cama), a garganta é que incomodava, garganta afetada, uma dorzinha quando engolia alguma coisa ou, mesmo, quando bebia a saliva. Os olhos como se tivessem areia, apesar dos óculos. E aquela necessidade de dizer tudo, livrar-se de tudo, não tanto por questões literárias e estéticas, mas porque não podia acumular tudo aquilo dentro de si mesmo. O mundo tinha forma pastosa e, de vez em quando, era como se Renato já tivesse esgotado todos os anos da vida, e ele então olhava o mundo de modo esgotado, como se tudo já tivesse sido feito e ele estivesse apenas repetindo o que os outros tinham dito muitas e muitas vezes durante muitos e muitos anos.

dos carros na avenida a buzina dos ônibus um aparelho de assoviar como em tempo de carnaval carros pequenos e grandes o som de uma ave qualquer batendo as asas pra levantar voo a buzina dos carros e o apito dos guardas de trânsito na avenida mas tudo soando como em conjunto ouvia-se cada ruído particular mas o que realmente contava era a coletividade do ruído ou o ruído coletivo em nova iorque está proibido respirar o cigarro polui o ar a buzina do trem logo ali perto na estação (renato morava perto da estação) qualquer coisa

raspando qualquer parede o ofício de construtor e de pedreiro estão acabando de construir o prédio aqui perto de casa vozes de criança como se estivessem em recreio numa escola do passado a tosse do menino da benvinda que pretende ir embora no próximo domingo a propósito um cavalo propriamente dito diziam mesmo que as plantas também têm sentimento a sirene que pode ser da rádio patrulha do corpo de bombeiros ou da ambulância todos os problemas mundiais para serem resolvidos e todas as soluções apressadas ou pessoais na área logo aqui perto pedaços de papel que jogam lá de cima e o papel então fica se arrastando a garganta reclamando aos poucos a gente vai copiando máquina sempre em paz amor liberdade fraternidade direitos do homem essa calça me aperta o saco henrique vai fazer operação de fimose porra depois de seis filhos foi intimado a comparecer no fórum pra pagar os atrasados da empregada seria o caso de dizer que os olhos estavam ensanguentados o relógio da igreja são josé não funciona sempre há uma careta no edifício acaiaca pio doze achava que o nazismo era preferível ao bolchevismo a moça sempre debruça na janela do apartamento e chama a tia dela várias vezes no outro apartamento até ver que a tia não está com aquela vontade de fechar os olhos e dormir mas tá fazendo um calor muito grande e a música indistinta que brota da radiola ou da televisão não sei mas a musica é grave a buzina dos carros na avenida seis horas de uma tarde mansa a carga da caneta pode acabar de uma hora pra outra mas eu tenho quatro de reserva que tolhe os pecados do mundo a descarga da privada close a janela sendo puxada razoavelmente instalado no próprio egoísmo e isolamento enquanto o mundo acontece no oriente desceu até a china vai rússia ver a balada do soldado algumas coisas que caem os dedos segurando o papel praticamente nenhum vento a felicidade que passeia no corpo das meninas bonitas e boas mas também a preocupação a infelicidade e os problemas que não consigo descobrir na face descoberta das pessoas a buzina do carro

toca a música os olhos descansam a paisagem descansa os olhos os homens vivendo em sociedade e dessa forma a solidão o isolamento de renato funcionando de acordo com a engrenagem da sociedade os bons costumes eu posso até pensar que a moça está interessada em mim e eu estou viciadamente interessado no mundo em algumas palavras com que represento o mundo em

O complexo de câncer veio de muito tempo atrás, talvez de quando Renato tinha seus 15 anos de idade e começou prestar mais atenção nas coisas. Costumava falar em complexo de câncer porque nascera dia 13 de julho, e o horóscopo era câncer. Mas o motivo principal é porque o pai dele morrera de câncer e muitas pessoas morriam de câncer e havia uma publicidade muito grande em torno de câncer. De forma que Renato sempre pensava em câncer e não sabia como fazer se realmente pegasse essa doença. Por isso pensava em câncer toda vez que sentia uma dor qualquer. A garganta estava incomodando, então pensava em câncer. Depois também ele lera, não sabia onde, que a dificuldade para engolir os alimentos pode ser sintoma de câncer. Além do mais, fumava um maço de cigarro por dia (quando tinha dinheiro pra comprar) e cigarro dava câncer, segundo diziam os médicos. Havia uma infinidade de coisas que davam câncer. Então Renato achava que 36 ou 40 anos era uma bela idade para se morrer, mas pensava nisso teoricamente porque, na prática, era só pensar na morte pra se sentir incomodado. Muitas vezes já havia repetido pra mãe que ele gostaria de morrer num avião a jato, o avião explode no ar e a morte é instantânea, não chateio ninguém e ninguém me chateia, a coisa é bastante prática e higiênica. Mas, se fosse escolher o instante da morte, Renato seria capaz de decidir? Então Renato pensava que não faria ninguém nascer para que esse ninguém não precisasse morrer. Desse modo ele não condenaria ninguém à vida. Não era difícil nem esquisito conviver com a morte, difícil era imaginar minha morte.

Às cinco da manhã voltaram da rodoviária, onde foram levar Benvinda e o filho dela, que naquele dia fazia um ano de idade. Renato perguntou pra Maria Lice:

- A Benvinda não chorou dessa vez não?
- Não deu tempo!

A mãe acordou depois das quatro e o ônibus pra Araxá saía às quatro e meia, por isso tiveram que se apressar depressa, não deu nem tempo da Benvinda chorar porque, sempre que Benvinda se despedia da mãe, costumava se despedir chorando. Ela disse pra Renato:

- Tou fazendo você levantar cedo, mano.
- Tem importância não, respondeu o mano.

Como era domingo, Renato voltou da rodoviária e foi dormir de novo, só acordou às duas da tarde. Às cinco, Maria Lúcia apareceu com as duas filhas, Luciana e Júnea. Maurício, cunhado de Renato, tinha saído de carro.

Informou:

- Naldo é um escritor bicha.
- Bicha? O cara é tricha!

Escreveu um artigo no O Correio falando mal de Roberto e Lúcio.

- Esse cara tem um livro bom, um romance financiado pelo governo de Alagoas. Aliás, os livros dele foram todos financiados pelo governo de Alagoas.

- A máfia da pederastia!
- Hem?
- É aquele negócio de viado só elogiar livro de viado, entende? Se o cara é bicha, falam bem do livro.

- Viu o que o Leo fez com o livro do Pedro? Porra! Em vez de comentar o livro, ficou falando que o Pedro tinha farmácia na zona da cidade. Puta merda! Quê que tem a ver o cu com as calças?

- Deixa falar. Acho que vocês estão dando muita importância pra esse pessoal. Se um livro é bom, nenhum crítico consegue destruir o livro não, o livro se impõe.

De acordo com os pronunciamentos científicos, a nicotina prejudica o organismo. Mas Renato não podia ficar sem cigarro porque senão dava uma tristeza desgraçada nele, começava ver tudo mais preto, um abatimento que não deixava fazer nada. Renato começou fumar aos 18 anos mas, naquele tempo, ele estudava em seminário, e em seminário era proibido fumar, por isso fumava pouco e escondido dos padres. Começou fumar por macaqueice, só pra imitar os outros, achava bonito ver os outros fumando, então começou fumar também, custando muito para aprender dar tragada porque tinha vergonha de perguntar como é que fazia. A primeira vez que quis parar de fumar já estava viciado e não tinha mais jeito, mesmo assim conseguiu ficar um ano sem fumar, depois começou de novo, Antes fumava dois maços por dia, agora só fumava um maço. O médico mostrou o pulmão de um fumante e o pulmão de uma pessoa que não fumava, era impressionante a diferença. Mas Renato continuou fumando.

Acabou. Praticamente nem existiu. Nem nasceu. O sonho era a curiosidade de saber como é que o sonho acabaria, já que nunca começou. O sonho era um modo de aliviar a queda. O sonho está perdido. O sonho era apenas eu sonhando, mas com a certeza de que acordaria. O sonho está morto. O sonho acabou. O sonho.

Oswaldo:

- Estão achando ruim com as coisas que você tá escrevendo.
- Não pode falar não? A gente tem que gostar de tudo que esses caras escrevem? Não pode mais dizer o que pensa? Só pode elogiar? Diabo! Todo mundo deu agora pra ficar sentidinho. Porra! Esse negócio de literatura tá me enchendo o saco cada vez mais. Não sou critério de verdade não, porra! Só digo o que penso. Quem não gostar, foda-se!

Aquela estória do monstro é ótima, não acha não? Transformar aquilo numa estória de ficção, estudar o negócio sob os mais variados ângulos, puta merda! Viu só? A polícia baixou lá pra caçar o cara, demoraram toda vida pra pegar o cara, falaram até em subversão e, quando pegaram o cara, foi aquela decepção: o coitado do sujeito era doente, magro, baixinho, fraco e, no entanto, conseguiu enganar a polícia muito tempo, pôs medo na tropa toda. Já pensou contar uma estória que começaria assim: era uma vez um louco, chamava-se Orlando? (O nome do louco era Orlando.)

Irritava, doía pra engolir. Então Renato pensou que, se a garganta não estivesse avacalhando, ele poderia estar mais satisfeito da vida. Pra ficar mais satisfeito da vida, Renato precisaria de dinheiro, mulher e saúde. Saúde é troço fabuloso. Com dinheiro, mulher e saúde seria bem mais fácil enfrentar a "democracia" grega ou até mesmo a prussiana. Não se desespere, meu amigo, o mundo ainda não está totalmente perdido e, além do mais, você não é o único habitante deste mundo. É. É muito bonito pensar assim, mas a garganta continua doendo do mesmo jeito. Tá pensando o quê? Tá pensando que dor a gente cura com teoria e frase bem bolada?

EMBASSY OF THE
UNITED STATES OF AMERICA

Renato,

Peço-lhe que me telefone
(224-9327) o mais breve
possível.

Grata.

Maria Rita.

Diabo! Será que vai começar de novo essa onda de bolsa pros Estados Unidos? Deviam acabar com a esperança da gente já de uma vez, matar logo. (A bolsa é pra Iowa City.)

- Consulado americano?

- Sim.

- Poderia me chamar Maria Rita, por obséquio?

- É ela mesma que está falando.

- Eu sou o Renato.

- Hem?

- Renato de Paiva Bueno. Você pediu pra eu telefonar.

- Ah sei! O Renato. Como vai, Renato? Tudo bem?

- Tudo bem.

-É o seguinte.

Desde que saíra do seminário, poderia ser visto mais ou menos dessa forma: magro, alto, óculos, a careca bastante desenvolvida, disfarçadamente (?) corcunda, olheira, lábios grossos, sobrancelhas cerradas, barba cerrada com fios brancos no queixo, dedos compridos, unhas chatas, cabeludo no peito, olhos castanhos, balançava a perna, esfregava a mão uma na outra, nariz grosso (quando não tinha ninguém perto, enfiava o dedo no nariz), língua e dentes amarelos de nicotina, bunda murcha, sem barriga, gogó saliente, e tudo o mais.

- Não. O cara é bem nascido, inteligente, bonito, tem uma mulher linda. Diabo! Um cara desse só pode ser viado!

- Ah é?!

Verdade: Renato tinha certo parentesco com Jeremias. Aquele modo triste de olhar pessoas e coisas. Então pensava: até onde tristeza é deficiência orgânica e até onde é uma visão seca da realidade? Até onde o mundo é realidade e até onde eu sou eu (a realidade do mundo)? Aviso: Renato é um sujeito profundo, não estou gozando não, nem estou querendo diminuir o cara, ele é profundo mesmo, grande pensador, e ele sabe disso, embora não fale pra ninguém, e muito menos

demonstre. Grande masturbador o cara! A consciência da própria força - como um tigre, majestoso.

Você estava fazendo pouco caso do comprimido, taí: não faz nem 10 minutos que você tomou e a garganta já parou de doer.

- Desbundou, literalmente. À medida que a peça ia sendo representada, ele viu que o negócio era sério mesmo e foi escorregando da cadeira, na hora que a peça acabou ele tava sentado no chão.

Cantemos todos. (Porra! Que hora mais imprópria pra cantar! Depois também, cantar a troco do quê?)

E de repente, assim sem mais nem menos, como que por milagre, aparece um pacote de cigarro na minha mesa.

- Você fuma bastante hem? observou o dentista.

e a dor de garganta passou, eu fico alegre, mais disposto, como criança que ganha presente de aniversário

então aperto o nariz e acho gostoso a remela grudar lá dentro, suspiro fundo e vejo que nem tudo está perdido, que ainda há esperança de me encontrar com as coxas de Mônica (dou uma tragada formidável no cigarro) e o corpo de Mônica poderá principalmente me dizer grandes coisas, contar maravilhas a meu-dela respeito, o coração bombardeando sangue com maior tranquilidade (outra tragada formidável no cigarro).

Hoje, quarta feira: faço os pagamentos de minha mãe Benedita (viúva, professora aposentada), dou um pulo no jornal (embora vá calmamente), às quatro horas vou ao consulado americano, depois me encontro de tarde com Roberto, Ângelo, Célia, Tião e Luís Márcio lá na Interlivros pra bater um papo com Roberto Freire, autor de Cleo e Daniel, que está recebendo mais de 1 milhão por mês de direitos autorais.

então percebo que não estou definitivamente perdido, nem perdido, nem definitivamente, só porque Maria José acabou de telefonar e de calça comprida e com sorriso loiro me perguntou:

- Como é mesmo que você se chama?

- Os outros costumam me chamar de Renato, mas você pode me chamar de hipotenusa.

- Hipotenusa é do Millôr Fernandes.

- À ninguém dói mais.

- Quê?!

- Combateremos à sombra.

- A! Não tou entendendo nada.

Maria ou José? Maria José? José Maria? Jesus Maria ? Maria José do quê? de quem? pra quê? Eu não sou um puro objeto sexual. E eu não sou um puro instrumento da maternidade. Dois e dois são quatro quando a conta está certa. Além do contínuo de espaço-tempo. Einstein ou Einsenstein? Qual o verbo que era no princípio?

- A!

Saiu da sala depois de dizer que estava difícil arranjar publicidade pro caderno do jornal mas que mesmo assim continuaria tentando.

Tão escuro e nublado que mais parece arremedo de noite.

- Puta merda! Boa essa menina!

- Estúpida!

- Hem?

- Ser boa desse jeito já é estupidez. Devia ter mais consideração com a gente, Diabo! E, ainda por cima, com microssaia.

Uma Rosa é uma Rosa e uma Rosa é uma Rosa. Caralho! Renato é Renato é Renato é Renato é Renato. Porra!

Rosa era loira (as morenas me perdoam), óculos pra miopia, cabelos compridos, nariz afilado, seios pequenos, simpática - e as coxas, meu Deus, e as coxas, certinhas, redondinhas, exatas, enxutas, lisinhas, roliças, coradas, perfeitíssimas, e as coxas trombando nos olhos de Renato como coice de mula - Deus onipotente perfeitíssimo criador do céu e da terra (Renato era ateu) - as coxas da Rosa. Como que inconsciente das próprias coxas, Rosa saiu mansamente da sala: foi então

que, como num grito de guerra, a turma toda explodiu com os braços levantados:

- ô ô ô ô ô ô ô ô ô ô ô...

Ee ainda por cima é misógino, não tem nem mulher. mas, é claro, na vida dele nunca existiu mulher.

- Tive muito prazer em te conhecer, Renato. (As mãos de Renato tremiam.) Tou curiosa pra ler as coisas que você escreve. (Suava.) depois você me mostra. (A garganta seca.) Na próxima oportunidade.

O mundo não era do modo como Renato olhava o mundo, mas acontece que o principal modo de Renato olhar o mundo era ele ser Renato de Paiva Bueno e nenhum outro.

- Você não acha não, Marília, que escrever é uma coisa esquisita?

- É mesmo.

e não se trata de técnica, mas de cada autor mostrar o próprio ângulo, não importando os graus nem a forma da figura.

- Então você acha que aquela música que a censura proibiu é do Chico Buarque? Difícil acreditar. O Chico é muito melhor do que aquilo, não tem nem dúvida. A não ser que ele tivesse querendo gozar a censura. Só pode.

- Vai ver que é isso.

Pro filho:

- Você vai na Rosária conosco?

- Conosco?!

- Hoje ela faz 39 anos.

É ela que faz 39 anos, não sou eu. Tenho 36 (faço 37 em julho). Aqui em casa todo mundo já passou dos 30. Não confie em ninguém com mais de 30. Não confie em ninguém com menos de 30. Acima de tudo, não confie em ninguém. E saiba que não existe nada acima de tudo. Meu desapontamento, meu desabamento, meu desbotamento, meu desabafamento.

A mãe não insistiu. A coisa mais inútil do mundo seria a mãe insistir com o filho. E a mãe não insistiu com o filho,

apenas falou, recebeu a resposta e fechou a porta do quarto (da toca). Seria inútil insistir com o filho. O filho queria ficar sozinho naquele sábado. Seria inútil. Não que o filho quisesse ficar sozinho, naquela hora da tarde ele queria era ser sozinho, não queria ser ele, queria ser sozinho. Estúpida! Gostosíssima! Renato queria. É. Queria. Renato. Sozinho. Nada. O parto do mundo, de mim. A minha cesariana. (A César o que é de César.) As dores do mundo. A ponta microscópica do cigarro. Vontade de beber, não beber isto ou aquilo, simplesmente beber.

Ou beber-se, para aumentar infinitamente a sede. Como a água que jorra da torneira, da infância em Ouro Fino, Minas, Brasil. A cabeça baixa apoiada na mesinha. Extraíndo-se. Letras. Sono de tarde, olhos pesados. A matéria inorgânica. É isso. Sou eu, somos nós, todos nós, tudo.

A mãe (Benedita) pro filho (Renato):

- Já vamos indo, viu? (Benedita e Maria Lice vão indo.)
Elas vão indo. Eu estou sendo. Ou apenas: estou. Eu estou.

É isso mesmo, porra! Estou. Olha eu aqui.

Conceição morava em Monte Sião, no sul de Minas. Veio com Antônio, o marido, e deixou os dois filhos por lá: Toninho já estava no terceiro ano de engenharia, Marilda ia se casar em janeiro, era professora. Conversaram muito, ou por outra, Renato é que não estava acostumado conversar muito, assim, o dia todo. Maurício bebia pinga e cerveja, Antônio acompanhava, Renato experimentou um cigarro que Roberto tinha dado pra ele. Pegaram o carro e foram no Mineirão ver Atlético 1 X Peñarol 1. Lúcia estava sentada na poltrona da sala com Rogério, os dois iam se casar no próximo mês. Maria Lice tossia. Júnea estava dormindo no berço, Luciana brincava na sala. Benedita conversava com Conceição. Fazia calor, por isso a janela estava escancarada. Da janela Renato viu um casal se abraçando dentro do carro, porra! Foi à privada mijar, distraído passou a mão na barba. Na sala de visitas conversavam sobre a família

e sobre os problemas da família. Alzirinha, por exemplo, desquitou-se de Gérson. Nelson, o filho da Alzirinha, apareceu em Monte Sião de cabelos compridos e roupas extravagantes, e os parentes ainda não entendiam esse tipo de comportamento, achavam estranho. Aliás, depois do desquite Alzirinha havia mudado pra São Paulo com os filhos. Renato então comentou que daqui uns 20 anos não vai existir mais esse negócio de casamento como existe hoje. E a mãe exclamou: 20 anos? Acho que daqui 10 anos não tem mais casamento! (A mãe-vó Benedita estava com 68 anos.) Nossa! Os filhos da Didi vivem enganando a mãe, e o Macedo bebe pra burro. O noivo da Marilda se chama Luiz, tá com um bigodão deste tamanho, é até engraçado. (Conceição ri, quando conta o fato.) Ela dá aula de manhã e de tarde. Quer dar aula de noite também, aí eu falei que era bobagem, pra quê? ficar se cansando à toa. Já tou providenciando a transferência dela pra Itajubá, depois de casados eles vão morar lá. A Rosária, coitada! com aquele marido que tem, vou te contar. Brigou com a Benedita. não quer que a filha venha mais na casa da mãe, proibiu, nem conversa mais com a sogra. O Délio não tem conserto mais não. Coitada da Rosária! ótima pessoa, nem parece que já tem 39 anos. (Porque Rosária era a filha mais velha, logo depois vinha Zé Ronaldo com 38, Renato com 36 - faria 37 em julho

- as gêmeas Maria Lize e Benvinda com 35, Terezinha do Menino Jesus com 34 e, finalmente, Maria Lúcia com 32.) Até hoje não esclareceram o caso, apareceu morto lá com a fulana e só dois dias depois é que Alzirinha ficou sabendo: o filho tinha só 25 anos, foi assassinado no carro junto com a fulana. Coitada da Alzirinha! Aquela lá vai direto pro céu. Como sofre! Casou mal, teve que aguentar o marido muitos anos, mais pobre que nordestina na seca, os filhos passando fome, sem roupa direito pra vestir e, agora, com o divórcio, ela recebe pouco por mês. Por que será que certas pessoas sofrem tanto? Existe sim. Até hoje aquele hotel tá lá. Já têm quantos anos

que você não vai lá? A Marilda já falou que o padrinho do civil vai ser você. É, porque eu não me meto nesse negócio de religião não. Tem que pôr gravata?

e o dia de hoje é definitivo."

Podia ser ciclotimia, não nego, uma hora lá embaixo, outra hora mais ou menos, nunca lá em cima. Célio veio e sentou na cadeira, batia um papo sobre futebol com Ângelo e Renato, falou que tava duro, sem dinheiro nenhum, que Henrique pedia dinheiro emprestado e não pagava, e Renato não se lembrou de pagar o que devia pro Célio, continuaram conversando normalmente. Geraldo corrigia uma matéria qualquer, Eugênio lia uma revista. Vanessa morreu e Ângelo ficou chateado, desastre de carro em Nova Iorque, ela morava em Nova Iorque. Porque Vanessa era minha irmã, e eu nunca soube, e ela também nunca soube, só percebi isso quando Ângelo começou a me falar dela, como ela era, o que fazia, as cartas que escrevia. E tudo isso dava um tremendo abatimento, porque só conheci Vanessa depois de morta, mas nem morta eu vi Vanessa, apenas sabia que Vanessa tinha morrido porque Ângelo me deu a notícia e fiquei quieto, como se nada estivesse me afetando. E nem Ângelo sabia que Vanessa era minha irmã, e eu também nada disse a ele. Quando me mostrou a foto dela, apenas disse como ela era bonita! e continuei folheando o jornal distraidamente.

Renato, Célio e Ângelo discutiam futebol, Geraldo corrigia uma matéria, Maria José apareceu. Maria José gostava de usar calça comprida colorida, e as pernas dela não eram feias, embora não fossem com as da Rosa. Loira (as morenas me perdoam), um riso constrangedor, sacola pendurada no ombro. Célio disse tou fazendo hora desde as três, porra! Renato perguntou onde você vai? Célia falou vou entrar num boteco desses aí. Viram o disco do Bituca? Tá um troço! Logo depois Renato saiu e foi andando pra rua, já que não podia sair pulando feito canguru, mas estava triste feito canguru, a tristeza nasceu de repente. Diana Davis vinha pelo mesmo

passeio, sempre rindo, 20 aninhos, a bolsa na mão, vestido vermelho, cabelo de black. Nossa, cara, tou te procurando faz tempo, tenho que te contar umas transações, tou dando uma de movimento cultural, é. Paternalista? Acho que foi o Roberto que falou. E Diana Davis apertou o braço de Renato como se encostasse num poste, Renato riu, não sabia do quê. Renato havia esquecido que estava triste como canguru, quando estivesse sozinho a tristeza voltaria. Preferia a palavra tristesse, era mais terna, mais melancólica, mais lânguida, mais... entende? O mundo superlotado de pessoas: qual a importância de uma pessoa num mundo superlotado de pessoas? Renato era a própria superlotação. Vamos jantar, meu filho! Não te conto nada, tou numa curtição! Conhece o Ângelo? Ângelo abaixou o jornal que tapava a cara dele. Prazer! disse Diana Davis rindo. Diana Davis dizia tenho que enfrentar três problemas: sou mulher, sou preta e de uma condição social baixa, mas tou na luta. Vamos comigo ali no banco tirar um dinheiro? Pode deixar que pago o cafezinho, disse Diana Davis. Olha, cara, eu vou sair de férias e te procuro no jornal, tá? Noooooossa! Me dá um abraço aqui, faz tempo que não te encontro. Renato sempre abraçava mantendo certa distância, não gostava de jogo pela metade e não podia obrigar ninguém jogar o tempo todo com ele, por isso abraçava pela metade. Da sala de visitas vinha o barulho dos talheres no prato. Então depois te procuro. Tá bom, tou por aqui de duas horas em diante.

E a tristeza volta como canguru, já que não existe ninguém perto de mim pra me distrair, pra me acalantar na cadeira de balanço que balança e acalanta. Ainda não tinha entrado na toca nem a toca tinha entrado nele (estou com sono só porque me levantei às nove horas)

e um amigo do Henrique, que trabalhava com ele na Justiça do Trabalho, veio me pedir a Náusea de Sartre para uma amiga que estudava pedagogia. Pedagogia? É. Pensei que fosse Letras. Renato: peço-lhe emprestar em meu nome o livro de Sartre A

NÁUSEA ao portador. É para uma colega de serviço, que precisa do mesmo com urgência. Um abraço do Henrique, da Editoria de Pesquisa (por enquanto). Porque Henrique trabalhava de manhã em agência de publicidade e, de tarde, trabalhava na Justiça do Trabalho (onde Célio também trabalhava) e no jornal, estava procurando um trabalho pra de noite, como é que consegue? Não sei como é que o Henrique se vira com os problemas dele: seis filhos, tá desquitando, tem outra menina (menor de idade) e deve pra todo mundo. Antigamente ele era poeta (e bom poeta), agora estava com 30 anos de idade, mas tinha cara de 20: depois que fez reflexologia, parou de beber, mas não sei até quando vai durar isso. Como canguru. Pra brincar com Juliana, Roberto falou que eu era o guru de muita gente e, se não sou, tenho cara. (Se não resolvo nem meus problemas, como vou resolver o problema dos outros?) Ângelo dizia o que admiro no Roberto é o esforço dele pra ser escritor, dá um duro desgraçado pra ser escritor. Quem é que está escrevendo aqui em Minas? Só conheço o Roberto e esse cara aí. (Esse cara aí era eu.)

Oito horas em ponto: o jato passa logo aqui em cima da minha janela. A febre é um fermento, mas não sei se fermento é uma febre. O toco de cigarro me queima o dedo, porra! Ah! quanta coisa vão falar de mim. A tristeza virou abafamento, nebulosa - e canguru virou cachorro vira-lata. Quando consegui entrar na toca, lavei os óculos e limpei direitinho, esperei minha mãe chamar meu filho vem jantar tá na mesa. Na mesa havia arroz feijão batata frita cebola alface tomate muito sal novela das sete horas Maria Lize na poltrona pode mandar a empregada tirar a mesa. Poderia levantar mais tarde no outro dia, não gostava de levantar cedo.

comunicar-se com Miss Kathleen, no telefone 224-9339.

- Consulado americano?

- Sim.

- Queria falar com Miss Kathleen.

- Sou eu.
- Aqui é o Renato de Paiva Bueno.
- Oh yes. Rio telefonou. Querem prova escrita.
- Sim.
- Quando pode?
- Quando vocês quiserem.
- Segunda feira. Duas horas.
- Tá bem. Aí mesmo no consulado?
- Sim.
- Tá bem. Eu apareço.
- Ok.
- Tá.
- Então, segunda.
- Até segunda.

Prova de inglês pra quê? Pra provar que não sei nada?

Caralho! Ano passado terminei o curso, mas continuo não sabendo muita coisa, não entendo o que Miss Kathleen fala, entendo melhor as conversas do cônsul ou da Maria Rita. Bem que podiam matar minha esperança de cara, liquidar logo o negócio.

Roberto:

- Vamos encontrar o Pedro hoje?
- Tou podendo não, Roberto.
- Preciso falar com você, Renato. Às cinco horas aqui no jornal. Tá bom?
- Sei não.

Pior é estar com esse mundo todo dentro de mim e não ter meios de explicar para os outros, ou então sentir que os outros não podem realmente perceber o que se passa, assim como não posso realmente perceber o que se passa com os outros. A solidão radical. Tomar as coisas pela raiz. Um homem completamente só. Dentro de si mesmo. Eu lá dentro da concha.

com a sensibilidade que você tem, Renato,

- Como passou, sr. Renato?

- Bem.

A mãe estava no planeta Terra, na América do Sul, no Brasil, em Minas Gerais, em Belo Horizonte, na Rua da Bahia, no Edifício Satélite, no apartamento 202, no quarto de Renato ----- Renato estava na supergaláxia, no Verso do mundo, muito além de espaço- tempo, ultrapassada a velocidade da luz (mais luz! mais luz!)----- Qual o diálogo possível entre mãe e filho?

De vez em quando usava sandálias franciscanas, geralmente usava sapato (sempre preto e esporte) e meia. Camisa quase sempre esporte, cueca tipo calcinha. No bolso esquerdo da calça punha o dinheiro, no direito punha as chaves (juntas no chaveiro que o cunhado Maurício deu) e a caixa de fósforo. No bolso direito de trás punha o lenço (geralmente branco). No bolso esquerdo de trás não punha nada. A camisa esporte só tinha um bolsinho, onde Renato punha o maço de cigarro juntamente com a carteira de jornalista, um pedaço de papel com anotações, o cartão do CPF, quatro pedacinhos de cartolina com nomes de livros para comprar, a carteira de identidade, uma caneta esferográfica e uma cadernetinha com telefones.

Ângelo:

- Me cita aí uma frase que fala de amor.
- Casamento é uma merda!
- Não, porra! É sobre amor. Uma frase pra eu pôr aqui.
- Você não tem nenhuma não, Roberto?
- O quê.
- Uma frase sobre amor. Que não seja do Drummond nem do

Vinicius.

- Tem aquela do Pablo Neruda.
- Qual?
- Aquela.
- Aquela qual, porra?
- Porra! Não conhece não?

Ângelo desiste e inventa uma frase da própria cabeça.

De primeiro pensava nos autores que escreviam bonito e via que nunca seria capaz de escrever bonito daquele jeito. Depois viu que muitas pessoas escreviam diferente e que ele poderia escrever desse modo diferente das outras pessoas. Ainda mais que o professor de português sempre fazia boas anotações no caderno dele de composição. Mas só depois de ter estudado filosofia é que sentiu a primeira fisgada. (Elementa Philosophiae Aristotélico-Tomisticae, Auctore Iosepho Gredt O.S.B.) Encontrou-se com Sartre em plena avenida e, a partir do existencialismo, entrou em contato com todo tipo de filosofia. Leu Faulkner (antes de ler Palmeiras Bravas já havia assistido Acosado de Godard). Leu Clarice Lispector. Então apareceu Henry Miller. Depois, entre uma infinidade de outros e entre uma infinidade de assuntos, leu os seguintes autores: Kafka, John dos Passos, Camus, Claude Simon, Guimarães Rosa, José Agrippino de Paula, Saroyan, Salinger, Huxley, Simone de Beauvoir, Robbe-Grillet, Marguerite Duras, Rubem Fonseca, Lawrence Durrell, Gide, Genêt, Tchekov, Dostoiévski, Fitzgerald, Proust, Malraux, D.H. Lawrence, Machado de Assis, Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Sant'Anna - e uma porrada de outros e uma porrada de outros e uma porrada de outros. Depois de tudo isso e depois de criar familiaridade com todas as correntes (não confundir com escravidão), escreveu 11 livros e ficava se comparando com os autores consagrados, contando quantos livros esses autores já haviam escrito. Então, como que para coroar tudo, viu finalmente que tanto fazia publicar os livros como deixar os livros mofando na gaveta. (Deixar os livros na gaveta é apenas expressão, porque os manuscritos estavam no guarda-roupa. Manuscrito também é expressão, porque os livros estavam batidos à máquina.) Depois também, não sabia se a ditadura grega ou prussiana permitiria que ele falasse em ditadura grega e prussiana e falasse do modo como falava, por isso ficava esperando pelo ano 2000, quando estaria com 64

anos de velho (porque agora ele estava com 36, faria 37 em julho).

- Mas é uma questão de tática, explicava Célio.

- Mas a verdade é que não tenho muita tática pra isso, sério mesmo, sem gozação.

- Você tem que dibrar a censura, porra!

- Mas eu tenho medo é da autocensura, que é pior ainda que a censura. Depois também, se não puder publicar, não publica. Prefiro nunca publicar livro nenhum. Mas não vou fazer o jogo da censura.

- Não é fazer o jogo da censura, você tá é doido! O negócio é criar uma tática nova. A Grécia tá num regime fascista, diante disso a gente tem que usar outro tipo de comportamento. Não é fazer concessão, e usar as mesmas armas do inimigo mas contra ele.

- Olha aqui, Célio. Eu sei o que você quer dizer. Mas meu problema é uma questão de saco, entende? Não tenho saco pra pensar numa palavra e escrever outra. Pode até ser deficiência da minha parte, falta de tática ou seja o que for. Mas não vai. Se tão pensando em ditadura, fascismo, porra, buceta, só posso falar em ditadura, fascismo, porra, buceta, não tenho outro jeito. Se não puder publicar, azar meu, o mundo ou o Brasil não vai ficar melhor ou pior por causa disso. Quer dizer: eu morro, e a Prússia continua.

- Quer dizer então que literatura não tem utilidade nenhuma, não ajuda nem um pouco?

Tem uma pedra no meio do caminho

no meio do caminho tem uma pedra

tem uma pedra

no meio do caminho tem uma pedra

no meio do caminho

tem uma pedra no meio do caminho

no meio do caminho tem uma pedra

CENSURA em jornais revistas tv rádio cinema na vida particular de cada cidadão em prosa e verso AUTOCENSURA. Liberdade de expressão? Pressões sistemáticas represálias oficiais perseguições apreensões medos.

permaneceu incomunicável durante quase uma semana, no começo de fevereiro.

foi preso em regime de incomunicabilidade durante 27 dias, até ser posto em liberdade surdo e mudo.

foi preso em regime de incomunicabilidade desde 3 de fevereiro.

- As autoridades públicas só tem o direito de limitar a liberdade de imprensa quando a publicação de certas notícias puder prejudicar o bem comum - no caso, por exemplo, de uma guerra.

Pobre Grécia! Ainda bem que a gente sempre viveu numa democracia!

- Fica falando, fica.

- Não quero ser mártir da democracia não, porra! só quero dizer o que penso, quero que todo mundo possa dizer o que pensa. Não pode? E eu nem sou grego!

Ângelo desabafava:

- Pra compreender Joyce a gente tem que entender matemática, teologia, música, física, o caralho. Não tou a fim de ler esse cara não, é muito complicado.

- Não é assim também não. Você lê e vê o que conseguiu entender. Ninguém é obrigado a ter a cultura do Joyce. A gente aproveita um livro dentro das limitações da gente também, é claro!

- Muito chato.

- Acho o cara grandioso, mas prefiro o Retrato do Artista.

- Prefiro Luluzinha!

- É. Pelo menos Luluzinha é cultura de massas.

- Macarrão!

- Já começou falar pelo rabo, porra!

- Rabinovitch. Conhece?

- ...

O tradutor é um traidor, o escritor é um ladrão, o poeta é um ressentido. (Bacana!) A suave fragrância de Kreolinos apresenta ----- telenovela Kreolinos ----- ai, amor, se você não me deixar eu pôr ----- O PREÇO DE UM HOMEM ----
----- quanto é que custa, amor, o teu coração?

Mentalmente fechado entre quatro paredes, nasceu assim, vivia assim. Barcelona e Iowa City podiam arrebentar as paredes ou, pelo menos, arejar mais.(EUA, Espanha, França, Inglaterra etc. Somália, Índia, África, por aí.) Nasceu parado, viveu sedentário, o pensamento é que não parava nunca - mas pensamento é defesa. Comodamente instalado na toca, como avestruz com a cabeça enterrada na areia e a bunda de fora, feito radar. Precisava (eu sei que precisava). Homens e mulheres na rua, a cor dos homens e das mulheres, o riso e a satisfação deles, a brincadeira das crianças, domingos e dias feriados, moças de biquíni na piscina, ele de óculos pretos olhando e as moças de biquíni não sabendo pra onde, tudo isso.

EXAME PARASITOLÓGICO DE FEZES

Resultado = negativo

E agora apresento pra vocês algumas frases que me ensinaram quando eu estudava em seminário pra ser padre (tudo em latim, porque naquele tempo a língua oficial do seminário era latim):

intelligentibus pauca (inteligente paca!)

nihil volitum quin praecognitum

aquila non capit muscas (gosto muito dessa)

quod gratis asseritur, gratis negatur

qui tacet, consentire videtur (Jesus autem tacebat)

qui spernit módica, paulatinum decidet

franga, non frecta (ótima essa!)

omne agens agit propter finem (segundo Gredt)

similia cum similibus (pares cum paribus facile se congregantur)

ignoti nulla cupido

Putá merda! Naquele tempo eu era bem pessimista, e também fazia alguma pose, embora fosse uma pose inconsciente. Num desses cadernos antigos, com anotações de filosofia (não sei porque até hoje não joguei essa coisa fora), está escrito assim: Renato de Paiva Bueno, abstração e nevoeiro. (Caralho!) Existe até uma "poesia" escrita lá. (Já escrevi muita "poesia", mas depois vi que era enganação e parei; e isso foi bom, porque eu nunca seria um grande poeta, e hoje já posso me considerar um bom escritor - não sei direito o que tou querendo dizer com isso não, mas vou me proclamando.) A "poesia" deve ser minha e não de minha amiga Diana Davis, porque tá lá escrita no caderno: também porque eu tinha 19 anos e tava com a cabeça lotada de Santo Tomás de Aquino, o gordo, e Aristóteles, o peripatético, sem falar na caverna de Platão. Os "versos" eram assim:

Certamente que na vida existe
o mel tão triste da ilusão que empana
o brilho fosco da besteira humana;
eu sou estrume como nunca viste!...

(de stercore erigit pauperem)

É. Até que nessas últimas décadas progredi consideravelmente, ou apurei meu senso crítico. Também pudera! Quantos livros que rasguei, quantos exercícios, quanto fosfato, quanta loucura (quanta bebedeira).

Putá que pariu! Quanto mais avacalho as coisas, mais vejo como sou sério e compenetrado, e até hoje não consegui me livrar desse ranço, dessa educação, desses 2000 anos de categorias em cima de mim. Sou eu sozinho (com os outros) contra 2000 anos de categorias: isso é pior que bafo de múmia!

Tá lá escrito num dos cadernos: "Fim de ano, após guerra." Comovente, não? Adolescência é foda!

tomou banho e penteou o cabelo (era careca em cima, mas ainda tinha muito cabelo dos lados), ficou menos desconsolado. Mas a condenação continuava: daqui quatro anos você será quarentão (faria 37 em julho). Foi então que Roberto, com a tranquilidade de sempre, me apresentou:

- É a Suzana.

- Como vai?

Quando ria, costumava por o dedo tapando a boca. Embora olhasse diretamente para os outros, Renato tinha a impressão de que ela não estava olhando para ele, mas dentro dele, ou procurando conhecer os contornos de uma pessoa. Ou seja: embora olhasse fixamente, seu olhar era de ausência. E Renato começou falar em Fernando Pessoa (ela riu), seu segundo livro é mais maduro, quais os poetas que você lê? Roberto falava nos latino-americanos. Diabo! Não sei se chamo você de menina ou mulher, porque você é muito criança ainda. Bonitinha, sem dúvida. Pernas bem feitas, mais baixa (ou menos alta) que Roberto e Renato, principalmente simpática, acho muito engraçado esse negócio de autógrafo, gosto de fã, mas chega um ponto que enche, no começo é novidade mas depois.

Naldo voltou a criticar a literatura mineira outra vez, Cortázar e os novos já eram, posso levar essas duas revistas? depois eu trago. (Estava com raiva do quê? da beleza das mulheres? da amizade dos amigos? de eu ser eu e mais ninguém? da bolsa em Iowa? do prêmio em Barcelona? da falta de dinheiro? do romance que tava escrevendo? do quê, afinal?)

Me dá licença, vou ter que sair, aparece pra gente bater um papo, ela disse que sim, tiau, tiau. (Tristesse é mais melancólico, mais terno, mais lânguido, mais...entende?)

Fuma um toco de cigarro com filtro que Maria Lize costuma deixar no cinzeiro. Pega a tesourinha e segura o toco de cigarro com a tesourinha, depois traga até queimar o beijo.

Sem cigarro o mundo ficava quase que "horripilante", como um macaco arrepiado.

Ângelo não admitia que Roberto ficasse saindo daquele jeito com Suzana, é um verdadeiro incesto, não é possível, ela é menina de tudo, disse minha mão tá fria então peguei na mão dela, pôs a mão no meu rosto pra mostrar como é que a mão dela tava fria, até as oito e meia, depois ela teve que ir pra casa, não tenho restrição nenhuma contra incesto, qual das três vocês preferem: a Diana Davis, a Suzana ou a Rosa? Sou tarado com a Diana Davis, prefiro a Suzana, eu também, eu fico com a Rosa, mas a Rosa é muito fria, a gente esquentar!

as coisas estavam sempre incompletas, e sempre seria assim.

Pois é, Renato, preciso muito de você. Estamos programando na Faculdade uma semana de Arte Moderna, que vai do dia 10 a 15 de abril. Já viu o tempo né? A semana constará de cinema, literatura, pintura e desenho, música e teatro. Gostaríamos de contar com sua colaboração em todo sentido com trabalho seu, "material" com sua cuca, presença, publicidade etc etc. Vê se comunica comigo ou marque um local que te procuro. Passarei lá pelas 6 horas na Interlivros. Beijinhos. Neuza.

Seriam eleições indiretas, nada de povo votar diretamente em ninguém. Todo mundo proibido de falar contra a "revolução" de março, se lembra? Apenas por mera formalidade falava-se em democracia, liberdade, direitos humanos. E quando Renato explodisse? Eles também explodiriam com Renato. (Que explodisse, que nada! Tá pensando que vida é literatura?)

A situação do mundo, cada homem diante do mundo, uma única vida diante da morte. O mundo era uma febre. De tarde choveu. O que faria em Iowa City se nasceu caramujo? O espetáculo do mundo. Continuam chovendo chuvas de estrôncio, meu caro Campos de Carvalho. Com a chuva veio o frio. Espero resposta de um dia pro outro.

Assim: cada país tem a Diana Davis que merece.

E você é a Diana Davis dos subdesenvolvidos.

Pior ainda: você é a Diana Davis de Minas.

E nós somos teus súditos eróticos.

Ela faz teatro, escreve ficção e poesia. Pretende fazer um movimento de jovens em Minas. Mas gente jovem mesmo, sem essa desses coroas com mais de 30 anos. Que você acha? Quê que eu acho? Porra! Você me chama de coroa e vem perguntar o que eu acho? Ô cara, você me levou a mal. Levei não, minha filha! Você é um coroa bacana, pode crer! E você é uma menininha muito saudável! Se abraçaram, apesar do choque.

- Ei, Roberto. Você, que já tem 45 anos, o que pensa da velhice?

- 45 anos porra! Não cheguei nem nos 30 ainda!

- A!

- Não mesmo.

- Ainda bem que eu tou com 20, desabafou Ângelo.

- Depois vocês ainda ficam falando que só mulher esconde idade. Tá todo mundo com medo de ficar velho, caralho!

- Velho é uma coisa, caralho é outra.

Tibério:

- Minha namorada é lésbica.

- Ótimo! Manda ela pra mim que eu sou viado.

Henrique:

- Você vai me dar hoje, Renato?

- Tou com hemorróida!

- Clóvis falou que meteu tanto esse fim de semana que não tá podendo nem sentar!

- Puta que pariu! Acho que a cabeça de vocês é vazia, diabo!

- A minha é cheia.

- De porra, né?

Segundo Freud, quanto maiores as proibições, maiores os recalques e as explosões.

- Falou!

Estava escura, mas não a ponto de ferir ou cegar os olhos, pelo contrário, a nuvem dava sensação de repouso e ternura e, mais do que isso, uma sensação de melancolia, como se a nuvem estivesse me dizendo que este momento era só este momento, não havia outro. Era realmente um imenso sentimento de ternura, mas uma ternura solitária, coisa muito parecida com tristeza e abatimento. Ao acender o cigarro, sentiu que todas as portas estavam fechadas ou se fechando, e por isso é que falou pro Roberto que, no ano 2000, poderia acontecer alguma coisa no país. Mas Getúlio ficou na ditadura só uns sete anos, esclareceu Roberto. A melancolia da nuvem escura não dava vontade de chorar, era apenas um sujeito tremendamente emotivo pensando na fraternidade humana. A lágrima não era coisa física, mas um estado de espírito, o coração é que soluçava frequentemente. Ele disse: também pensei que a "revolução" fosse durar pouco tempo. Mas todo o território estava condenado com as bombas químicas, com as miniaturas de cogumelos, com as mini-metralhadoras, com a exposição (imposição) de armas pré-nucleares. A guerra era um bom negócio, o amor ao próximo rendia pouco. Com o reflexo da lua cheia, a nuvem ficava como que deslumbrada, e havia então aquele jogo entre o escuro e a lua cheia de luz clara, quando aumentava a sensação de ternura: porque a claridade da lua era molhada, terna, macia, em tons que nunca poderiam magoar. O abatimento nascia porque Renato pensava assim: tudo poderia ser de outro modo, mas as coisas são assim. Uma nuvem escura. Ou uma nuvem acentuada com a claridade da lua cheia. Aqui na terra os carros buzonavam, as pessoas faziam compras, os meninos pediam esmolas, sábado, domingo, segunda, algumas pessoas riam, outras investiam, e o homem era precisamente um homem. Sentimento de ternura e abatimento, total incapacidade ou impossibilidade de dizer as coisas com palavras, de exprimir, de contar, de fazer compreender que este mundo é o

único, e a gente perde-ganha esse mundo como se houvesse outros para gastar. Uma imensa, descomunal

- Pera aí, meu! Senta aqui.

Roberto, Suzana e Jésus batiam papo na lanchonete. 20 poemas de amor e uma canção desesperada. De noite.

- Tiau, Jésus. Roberto, Suzana, tiau.

uma canção desesperada

Neuza:

- Como é que faço pra encontrar o Célio?

- Toma aqui o telefone dele.

Chorar por quê? É o tipo do troço inútil.

As pessoas estavam sempre se encontrando e se despedindo. A toca mágica. A flauta de Mozart ou de quem quer que seja. Os sonhos coloridos - com o tempo ficam marrons - as recordações são marrons. Não há um único lugar onde a noite não penetre, os homens vestem-se de noite, camuflados como guerrilheiros. 20 poemas d

Aquele modo de respirar fundo, a respiração vinha da barriga. Pode ser vício de respiração, ou outra coisa pior. Pode ser falta de dinheiro também, sei lá. Penso em morte no avião a jato, mas sem nenhum entusiasmo. Há um tipo de fixação: as coisas podem acontecer comigo. Quando estiver morrendo, aí vou ver que não aconteceu nada. Se pelo menos dissessem logo o que querem, mas não, fica essa ameaça no ar, a gente tem que esperar, aguardar a hora da bomba explodir.

A verdade é que depois do cigarro, o mundo era outro. Fumou durante 20 anos, o pulmão reclamou, então tentava parar com essa idiotice de engolir e soprar. Então o mundo era outro, o cheiro das coisas, o ventinho entrando pelo nariz, sentindo tudo como se fosse pela primeira vez - pisando no ar como sonâmbulo, umas dores no corpo de vez em quando, e uma vontade de chorar, não eu, o corpo é que tinha vontade de chorar. E eu procurava resistir, sonhar com mulheres bucetudas e melosas, procurava me distrair com outras coisas mais

inofensivas. Mas o mundo todo parecia me encurralar cada vez mais, como se já não houvesse saída.

Não, em hipótese alguma pinte seus lábios sem antes cobri-los com uma camada de talco branco, bem fina.

Roberto:

- Aprendi uma coisa.
- Aprendeu?
- Quanto mais a gente escreve, mais vai dominando a coisa.
- Você aprendeu isso quando?!
- Virou gozação é?

Jésus:

- Sei não, viu? Ela sumiu, a Diana Davis, acho que andou cortando o cabelo, lá na televisão eles chamam ela de Ângela Davis, não dá de jeito nenhum.

- E o Ângelo?
- Tá em crise!

Estava com 65 anos e morreu depois de tomar forte dose de soníferos. Deixou um bilhete assim: "Estou chateado, já vivi o bastante." Casualmente chamava-se George Sanders, artista de cinema. Tá certo. Se cansou de viver, ninguém pode impedir o cara de morrer.

Ainda mais que ele tava chateado.

- Você engordou, Renato.
- Engordei.

Pensou em Barcelona e tirou o sapato, enfiou as sandálias franciscanas. Tudo existia, absolutamente tudo, mas era como se estivesse impedido de usar as coisas. Este ano duas bombas podem estourar: se estiver por perto, certamente vou subir com a explosão.

Jaime:

- Escrevi um conto porreta pra burro! É assim ó.

O conto era realmente porreta.

Renato:

- Tou num desânimo filho da puta!

Célio:

- A enfisema é o caminho mais curto para o câncer no pulmão.

- Porra! É terrorismo?

Amílcar:

- Toda doença é mental, até câncer.

(Amílcar falava que pederastia era doença mental - eu, porém, diria que é uma "doença" anal.)

- Gostar de mulher é troço mental também?

O que acontecera anos e anos atrás com a cidade e com as pessoas estava acontecendo agora, de novo, talvez de modo mais acumulativo. Os músicos de 15 a 20 anos de idade faziam música na base da porralouquice, e a porralouquice era bem bolada, consciente. Os diretores faziam cinema, mas não conseguiam driblar a censura. Os escritores sofriam um processo gradativo de esvaziamento (o país todo estava se esvaziando, institucionalizando a mediocritas, o bom-mocismo).

O céu estava azul há anos e anos atrás, e as nuvens brancas contrastavam com o azul do céu. E já havia um cara que timidamente se chamava Renato de Paiva Bueno, mas hoje

"Sabe, Renato? entre dois amigos não há indiscrição mas sinceridade. Você nunca me falou de sua parte sentimental. Nunca te aconteceu de você conviver com uma pessoa tanto tempo sem perceber que ela é aquele tic que faltava no seu tac? Ou você também acha que amor à primeira vista é apenas atração física?"

ou você pensa que o mundo sente falta de você?

A GRANDE POTÊNCIA A GRANDE IMPOTÊNCIA SALSICHAS GILSON AS PIRANHAS DO EGITO TRADIÇÃO DE BOM GOSTO DOCEMENTE PORNOGRÁFICOS

Câncer - Convença-se do que ocorre ao seu redor e não se esqueça de que o amor é como a paisagem que se apresenta suave à distância, mas acidentada de perto. Entenda as coisas e não volte aos erros de sempre.

Miss Kathleen recebia os convidados na porta da casa, eu era um dos senhores convidados (você não acha que tá ficando muito amigo dos americanos?), Felipe também foi. Todo mundo em pé, bebendo uísque, discutindo besteiras. As bucetas em exposição, os machos de hoje são tímidos, mas eu tou aqui bem à vista. Dormir e acordar, indefinidamente. Escrever livros por vício solitário. Miss Kathleen lia Faulkner, gostava de música erudita.

- Já li tudo de Faulkner. Estudei muito Faulkner.

- Bom o uísque!

A sala iluminada com vela.

Renato queria ficar bebendo a noite toda, mas gostava também de ler e estudar. Além do mais, precisava ler e estudar pra mostrar aos pacientes que era um sujeito de muita leitura e muito estudioso (tenho que ser é um bucetomaníaco).

Já engordei sete quilos em menos de dois meses.

A grafia certa é enfisema - "Tumor originado pela infiltração do ar ou formação de um gás nos tecidos." A enfisema pulmonar a dilatação anormal dos alvéolos pulmonares. (Quê que é alvéolo pulmonar?)

Depois fomos lá pro lado da Pampulha comer peixe e beber batida. As mãos já estavam mais enrugadas. Mais ou menos umas quatro horas da madrugada. A noite sem afetividade alguma. E Renato falava muito porque havia bebido.

- Eu nunca fico bêbado, dizia Felipe rindo.

- Não, né? E aquele dia lá na sala da Pesquisa que você até queimou a lata de lixo?

- O que tá havendo com essa turma da Pesquisa?

- Não sei. Quê que houve?

- O Felipe ficou daquele jeito dele, foi pro hospital por causa de desquitar da mulher. O Henrique bebe uma e fica doido, desquitou também e já vai casar de novo.

- Vai ver que jornal tá deixando o cara doido!

- Só tá faltando você e o Clóvis pra fazer loucura.

Felipe continuava rindo, a mão esfrega no rosto gordo, bigode preto e cerrado, andando inquieto de um lado pro outro ou batendo máquina, e sempre contando algum caso pitoresco ou falando sobre folclore e umbanda:

- Eu nunca fico bêbado!

- Então tá!

Geraldo, Felipe e Renato tinham estudado muito tempo em seminário. Renato virou ateu, Felipe ainda tinha sentimento religioso, Geraldo não dizia nada. Geraldo era casado, Felipe desquitado, Renato solteiro. Por sinal, Roberto continua esperando o primeiro filho, Pedro vendia remédios e arrumava pílulas pra turma - e a família continuava sagrada - a ditadura grega cada vez mais sufocante - a gente sem saber quando é que as coisas se modificariam, em que século.

havia projetos, sim, havia muitos projetos
esperar que um dia passe sobre outro como navalha,
indolor,

- Mas eu preciso falar um negócio sério com você, Renato, pera aí, é só um minutinho.

saber que o dia de amanhã é hoje, e verificar que hoje já
passou

em estado permanente de sonolência, apesar da aguda
consciência das

apesar

esperar que um dia

Clóvis imitava as bichas da cidade. Bancando viado e como se estivesse dançando balé, cantava aquela música muito conhecida do prezado leitor:

somos, somos prostitutas,

somos todas putas,

nós queremos dar,

lá lá lá lá lá lá lá lá

(música tirada de uma opereta de Offenbach, Orfeu no Inferno, se não me engano)

Ou então é como declamava aquele jornalista em São Paulo:
- Nós, as mulheres de Minas...

As manifestações de protesto contra a guerra nos Estados Unidos. De norte a sul a polícia tem de empregar a violência para conter os pacifistas, como aconteceu em Portland, no Oregon, como em Los Angeles contra os pretos, como sempre.

Se você está só e sem ninguém,

Vocês se lembram: o napalm é uma bomba gelatinosa, cuja substância química se agarra ao corpo da pessoa atingida, queimando-a em profundidade.

Se você está muito só e não tem ninguém pra ficar com você, O napalm é uma bomba gelatinosa,

(todo o desespero do mundo no rosto daquela menina, a boca escancarada de dor e espanto, correndo na estrada, fugindo sem saber pra onde)

Se você

a foto na primeira página do jornal.

As cantilenas precipitadas. Na verdade, não sabia de onde saíram essas "cantilenas precipitadas" e porque apareceram aqui, agora. Uma fungada e um grito na garganta. Certamente estava engolindo pus. Antigamente houve a cerra elétrica. Um jato de sons e de imagens. Seria muito simples olhar, principalmente se não houvesse objetos. Buzinas em panorâmica. Essa esquisita e estranha tranquilidade em que viviam as coisas intranquilas de hoje. Um relâmpago no Oriente atinge meu quarto. O mundo todo servia de matéria para que esse grito soasse com tal colorido. A massa dos sons e das imagens. O mundo e as ideias sobre o mundo eram em forma de massa não muito cinzenta. Um bloco. A tomada em grande plano, englobando tudo. Tudo: era o máximo. O sentimento não ocupa espaço, por isso fica diluído no ar que eventualmente ocupo (ocupamos). Minha partícula era o máximo. Se a febre agravava a situação, também criava marasmo, o corpo amolecido, os olhos lamentosos. Que o relógio tem ponteiros, isso não causa surpresa a

ninguém. Uma tosse magnética na sala de visitas (e não me perguntem como é essa tosse e quem é que está tossindo). Eu só sei. O problema não era o mundo, mas as ideias que o mundo provocava. E extremamente engraçado era interpretar (interpelar) o mundo. Vários temas para visão: Israel, Egito, China, Rússia, Irlanda, África - e um maestro norte-americano regendo a Sinfonia Fantástica da América Latina. Brasil (com s ou com z), Minas Gerais, Belo (?) Horizonte. Toneladas de maconha queimadas, a moral e os bons costumes. O asfalto é de uma ternura impressionante, mesmo quando não há nada que impressione. CENSURADO. Estou lendo um livro que fala da ditadura nazista. Podia ser diferente, não há dúvida. O espetáculo do mundo: é exato. Olha! É uma estrela ca(n)dente. Eu: é estranho que as coisas sejam como não são. Força de vontade de (infinita) potência. Monstros pré-históricos, históricos, atuais, ou apenas monstros. A monstruosa cidade construída pelos nossos contemporâneos-antepassados. Amor ao próximo: que beleza de utopia! Foi apenas um raio que permanece. Os bárbaros estrelados verde ordem amarelo progresso (processo) o lábaro que ostentas o cruzeiro do sol o mastro fálico furando um céu azul-abstrato. Eis que. Um homem pregado de espinhos: ecce homo. Olho o mundo desodorantemente, o prefeito procura humanizar a cidade, e olha que esse cara tem faro de administrador. Esse mundo é uma prévia, mas para qual espetáculo? Acidentes de trabalho, de todos os trabalhos reprodutivos. O povo trabalhador, isso mesmo, esse povo todo trabalhando para que eu tenha condições de vagabundar, isto é, colocar a bunda em lugares vagos e ociosos. Por falar em bunda. Pedro veio e me deu Id, Ângelo falou pra tomar Ergo, o cabeludo aconselhou pincelar a garganta. Foi boa a reunião de ontem? Infelizmente não pude ir. Não esquece de pôr o nome dele nessa matéria. Estado de sonâmbulo. Vogais e consoantes. Consoante é conjunção. Conjugo as vogais com as consoantes, depois faço uma farra desgraçada com elas. As circunstâncias

confinadas. Os títulos que ainda protestam sem escândalo. Vide verso. Hoje não era como cartomantes. Se eu sugar frases e palavras, quem é que vou alimentar com isso? Gostei da matéria. É. Escandalosíssimo sol, comovente noite. Pelo contrário, sempre pelo contrário, mas o contrário está sempre revelando a favor, não há pelo contrário definitivamente. Como por exemplo. A estesia, o existencimento. Soda causticante. Enfiou o cu na ponta do mastro, depois ainda comentaram: que morte suave! Em suaves prestações. Mancomunado (depois você olha no dicionário do Millôr Fernandes). Hoje é feriado, comemoram dia santo comendo bacalhau. 1º de abril, dia da mentira universal (todos os cretenses são mentirosos). Essas ninfomanias, essas taraquicardias. Leopold Bloom Joyce, Cabrera Bustrófedon Infante. Se muita gente escreve com caneta, por que não posso escrever até com máquina elétrica ou num computador? Sentimento lubrificado. Não sei se é catatonia ou qualquer coisa parecida. Mel é bosta de abelha. Não sei como se escreve o título do filme em inglês. Minha ignorância é comovente (não apoiado). Como você escreve? E ele respondeu: de preferência com esferográfica! O outro respondeu que escrevia de pé ou deitado, com ou sem chinelo. E você, Amazônica? Bem, obrigado. Eis o gigante, fortemente gripado. A cabeça (de cima) é um labirinto.

- E amanhã?

- Devo estar ocupado também, não sei. Depois te aviso.

- Escrevendo muito?

"Sempre achei que o menos que um escritor pode fazer, numa época de violência e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ele caia a escuridão, propicia aos ladrões e assassinos. Segurar a lâmpada, a despeito da náusea e do resto. Se não tivermos uma lâmpada elétrica, acendamos o nosso toco de vela ou, em último caso, risquemos fósforos

repetidamente, como um sinal de que não desertamos nosso posto." (E.V.)

Camisa esporte azul piscina, calça jeans, barba feita, 70 quilos, segunda ou terça-feira, sapato preto e meias pretas - o Rio de Janeiro ficava nove horas longe de Belo Horizonte, fevereiro, março, o ano todo.

ladrões e assassinos

O barulho das garrafas conjugado com a noite, e eu fico sem saber se é a noite que conta ou se são as garrafas, ou se são as duas. O silêncio é eloquente e me fala de participação e alienação, sem que eu compreenda direito o que o silêncio quer dizer com isso. Desde cedo a noite me diz as mesmas coisas e, no entanto, é como se cada noite as coisas estivessem sendo ditas pela primeira vez. O que acontece talvez é que desde cedo minhas palavras são sempre as mesmas, mas cada noite é especial. Tanto é que os leitores podem estar viciados ou chateados com as palavras, mas cada um vive ou dorme a própria noite com tranquilidade e sem qualquer ressentimento. E quando falo de noite, estou falando de todo esse silêncio da meia-noite e da madrugada, como quem me garantisse que estou vivendo outro tipo de vida. Não só a noite, mas todos os ruídos são especiais. Vou citar aqui um verso e cada pessoa deverá mergulhar profundamente nele, no verso, mergulhar no silêncio em que o verso mergulha. O verso é de Guilherme de Almeida, se não me engano. O verso diz assim: "percebo a fermentação do silêncio" Perceberam? O silêncio, a fermentação. A noite fermentando. Eu fermentando. Fermento. É assim que sinto a noite, é assim que esse verso nasce da noite. Uma vassoura, por exemplo. Uma vassoura é a coisa mais banal do mundo, mas uma vassoura vai se tornando especial à medida que a noite avança para a madrugada. Suponho que o empregado da prefeitura esteja varrendo a rua, porque sinto o barulhinho da vassoura varrendo a rua, ajudando aumentar o silêncio dentro de mim. Então essa vassoura não é

apenas ela, mas é o silêncio que ela me provoca, juntamente com outros instrumentos de suaves percussões que vou sentindo eletronicamente, mas de modo lírico, romântico, bastante emotivo. Para dar um ar mais pomposo a esta noite que estou vivendo, cito Kierkegaard, o dinamarquês: "O mais seguro dos mutismos não é calarmo-nos, mas falarmos." (Segundo Camus, na introdução de Jean-Paul Sartre ao romance O Estrangeiro.) Ou como no próprio romance de Camus, A Queda, em que está escrito: "Tem razão, o mutismo dele é ensurdecedor." A única coisa que não me atrai muito é o barulho da cadeira que, a cada mexida do meu corpo, dá uma fungada seca - pra não falar na ameaça dessa febre que ronda minha parte interna. E há esse ventinho que toda hora fica empurrando pedaços de papel logo ali na área. E todo esse silêncio entra principalmente pelos olhos, depois de ter ligeiramente ferido os aparelhos do ouvido. O silêncio é completo, como uma coisa qualquer que a gente chama de completa. E o problema todo não é a palavra "silêncio" que tenho repetido várias vezes, mas o problema (ou a solução) é o silêncio, é o que a coisa é, independente da direção para onde se dirige a palavra. Desse modo, não é da palavra que estou falando, mas desse silêncio que não admite palavras como explicação. A coisa esgota o assunto, e a palavra é apenas acréscimo (ou apêndice, se quiserem), por isso é que eu poderia chamar os homens de redundantes, e os escritores então seriam superlativamente redundantes. A noite é um modo de me contorcer dentro de mim mesmo, ou é a noite que se contorce dentro de mim. Seja como for, ele sempre sentia as minúcias da noite, e a noite também o olhava minuciosamente. A conjugação dos sons não dava para exprimir, pois os sons não seguiam nenhuma categoria, aconteciam assim no ar com a maior gratuidade, com uma espontaneidade dificilmente encontrável em qualquer outro lugar. Era isso: os sons simplesmente aconteciam. E a noite, apesar de ser um momento bem definido e preciso, participava da gratuidade dos

sons. Porque a força dos sons vinha do realce que a noite oferecia. Aquela pastosidade, o jeito especialíssimo da noite amortecer o som, como se a gente visse os sons em estado puro, isto é, em todo o seu silêncio. Um espetáculo fora do comum, sem dúvida. E o diálogo então entre os vários sons! Um simples desconhecido assovia na rua, e o assovio adquire proporções estranhíssimas em contato com a noite. É como se a gente estivesse sentindo a respiração da noite bem perto da gente. Nada de agressivo, de contundente, de chocante: a noite não magoa ninguém, a noite é quase que um gesto subliminar de ternura. Por mais forte que uma pessoa grite, o grito vem sempre coado pela noite. Em contato com a noite, tudo adquire sua expressão própria. E, naturalmente, nem seria preciso falar numa noite de lua cheia de estrelas, o contorno das montanhas acentuando o azul do céu, aquela estranha luminosidade da lua cheia que, diante da noite e diante das luzes artificiais da cidade, gera um colorido de esfinge. É muito difícil dizer uma coisa que nunca pode ser dita, mas apenas sugerida: porque uma coisa, que é, a gente não diz - e exatamente por isso é que Renato já andou dizendo tanta coisa. Um latido de cachorro, por exemplo. Não há nada num latido de cachorro. No entanto, que tremenda transformação a noite opera num simples latido. Nem é preciso que o cachorro esteja chorando pra lua nem é preciso que ele se chame Veludo. Não é preciso complicar nada, basta pensar nas diferenças naturais entre ser e dizer, e todo mundo sabe perfeitamente distinguir esses dois comportamentos. Se fosse música eletrônica (ou serializada), talvez o público estranhasse a (de)composição. Mas, de noite, toda (de)composição soa natural. As luzes artificiais também compõem o ambiente, e a artificialidade não deixa de ser um modo prático de realçar a noite. É uma espécie de embalo, o vento servindo de tempero e acentuando a cadência da noite. Aqui não seria provavelmente o caso de mergulhar na noite, mas deixar que a noite vá to mando conta de tudo, ou

por outra, compreender o compasso da noite, sentir a linguagem da noite. Desse modo, dá-se a descoberta de muita coisa de que a gente nunca poderia suspeitar. Porque a noite é uma revelação, e só mesmo compreendendo a noite é que se pode desfrutar de todo esse escândalo do dia. Às vezes, quando começa chover, é como se um carro viesse em direção do quarto, ficando difícil distinguir entre o barulho do carro e a chuva que vem chegando, até que a chuva chega na janela do quarto e então não há mais dúvida. Acontece também que a noite é como uma imensa caixa de ecos e ressonâncias e o latido desse cachorro, por exemplo, e de tom grave: porque o latido e fundamentalmente o mesmo, mas a noite dá um tom especial a esse latido. A noite é realmente uma transformação, basta ficar com o corpo atento. E são infinitas as tonalidades desse silêncio quem vem com a noite, e a noite e o silêncio se confundem. Para perceber o mundo é necessário que se passe pela percepção da noite, de tal forma que, se alguém perceber a noite, estará apto para o curso superior do mundo: a noite é a primeira vivência de um homem. Por isso mesmo é preciso haver não mais uma concordância entre a noite e a pessoa, mas uma fusão entre a pessoa e a noite, de tal forma que as estrelas e as nuvens estejam pasmadas aqui comigo, o ritmo do coração sendo a mesma coisa que a piscada de uma estrela. Tudo isso pode parecer muito romântico, mas a verdade é que esse tipo de noções éticas e estéticas não está em jogo, aliás não há nada em jogo, pois se trata simplesmente de constatar um fato. Ao mesmo tempo em que sou a natureza-noite, essa noite-natureza sou eu, no mesmo sentido em que não se pode pensar sem o corpo humano e não há corpo humano que não pense de uma forma ou de outra. Talvez eu já tenha falado em transfiguração, mas a palavra não é bem correta, porque nenhuma palavra é correta, porque toda palavra é organicamente uma afronta, um desvio, uma aberração. A noite, portanto, não é uma transfiguração, pois o máximo que se pode dizer é eu-

noite. Dá-se aqui uma coisa interessante: quanto mais uso a palavra e quanto mais penso e racionalizo, mais a palavra e a racionalização vão se esvaziando, até chegar o ponto em que não se precise mais explicar a noite e a noite exista simplesmente, da mesma forma como eu não precisaria de ninguém mais para me apontar, pois as coisas são únicas e não se refletem. A grande dificuldade é que a noite não tem conceitos nem ideias, e assim é que tenho de me apresentar noite, porque é assim que a noite me apresenta eu. Em poucas palavras: a noite-eu é. Ou mais simplesmente ainda: noite. A sonolência dessa máquina, por exemplo. Esse som de grilo no mato, como um apito de seda. O ventinho que não é nem frio nem quente nem morno, mas é noite. Sem querer magoar ninguém: se a noite é sempre especial, toda pessoa tem que ser especial, só assim é possível ser essa especialidade da noite. E a noite não depende dos acontecimentos, porque a noite é amoral, porque a noite não obedece categorias, normas. A noite não obedece nada, a noite é apenas comovente. Tão comovente que meu coração começa sair do compasso, como se eu estivesse pressentindo um ataque cardíaco, sabe como? Sinto demais as coisas, me emociono, então essas emoções me afetam, dentro de um tom agradável desagradável. Ou seria apenas o tique-

Roberto: Não existe esse negócio de grupo mineiro não, porra!

Renato: Você ainda tá muito impressionado com os outros, Roberto!

Gilú: Viu só as transas dela?

Geraldo: Ela trabalha bem.

Roberto: Fim do mês entro em férias e acabo meu livro. Fim de abril levo pra editora. Pode cobrar. Até é bom que você cobre.

Tião: Precisa sair um livro seu de qualquer jeito.

Benedita: A Benvinda vai embora amanhã cedo, você pode ir com ela na rodoviária?

Ivan: Quando é que você vai aparecer lá em casa? Faz mais de um ano que você não vai. Tou com uma porção de discos novos pra gente ouvir. (Ivan era cunhado de Renato, casado com Elza, tinha uma filha de nove anos, que estava ainda no primário.)

Amílcar: Você acredita mesmo no seu romance? Acha que dá pra ganhar o concurso?

Roberto: Por que não manda seu romance pro concurso?

Oswaldo: Não existe ninguém na literatura mineira, tá todo mundo ruim.

Roberto: Então amanhã, às seis e meia, na Interlivros. Já avisou o Tião e o Luís Márcio?

Gilú: Ela é ótima!

Rosa: Você é pró-lixo!

Geraldo: Tem que fechar essa página agora as duas horas, a oficina já tá reclamando.

Eugênio: Falei pra ela que você disse que ela é estúpida de tão ótima.

Renato: Amor é uma indisposição.

Clóvis: O lugar do mundo onde tem mais bicha é na França.

Maria Lice: Não apareceu ninguém por aqui?

Tião: Escritor é bonito quando já tá tudo feito. Mas, enquanto o sujeito tá lá com a bunda na cadeira, é só ele que fica se fodendo sozinho no quarto. É igual você vive falando mesmo. Ninguém pode sofrer o sofrimento dos outros.

Neide: Um longo papo!

Júnior: Mas se você não sentar na cadeira e não der duro, não vai fazer obra nenhuma não, meu caro!

Adilson: Quem é que vai pagar a conta?

Maurício: O Brasil tá progredindo muito sim, senhor! Você não vê porque é revoltado, comunista.

Oswaldo: Suplemento tá cheio de comunistas!

Renato: Merda pra comunismo, pra capitalismo. Porra! Você bebe umas doses de pinga e depois fica falando que Brasil tá progredindo. Você tá por fora. Quem manda aqui é dinheiro

americano. Dinheiro americano mando no mundo inteiro. Até a China deve pros americanos, porra!

Geraldo: Amanhã você me entrega?

Renato: Já falou com o professor de inglês pra mim?

Benedita: A Conceição e o Antônio vieram se despedir de você, eles vão embora amanhã.

João de Deus: Você deve experimentar, Renato, é espetacular. Com a sensibilidade que você tem, vai ver só. Você precisa experimentar.

Orley: Já leu aqueles negócios meus? Depois a gente bate um papo, tá bom?

Jésus: Fiz até uma poesia pra ela. Se não existisse mulher no mundo, seria a coisa mais chata, o mundo ficava muito prosaico.

Diana Davis: Por causa disso mesmo é que acabei com ele.

Valtinho: Não adianta ficar falando que literatura é doença, você já tá desenganado mesmo!

Roberto: É ela!

Benedita: Pão fresquinho. Maria Lice comprou agora. Vem tomar cafezinho. Não quer que eu prepare nada pra você não?

Maria José: Ei!

Roberto: Fluidos magnéticos.

Renato: A literatura já era. McLuhan...

Gilú: A Maria José não quer casar comigo!

Célio: Essa menina é boa pra-ca-ra-lho!

Renato: Um vazio filho da puta!

Maria José: Aceita uma bala de hortelã?

Roberto Carlos: Jesus Cristo, eu estou aqui!

Paulo XXIV: Oraí, irmãos!

Geraldo: Saiu o resultado?

Gilú: A intelectualidade mineira!

Roberto: Minha filha nasceu. Vai se chamar Ivana. É a menina mais bonita do mundo.

Maria: Meu pai casa com sua mãe e você casa comigo. Pronto. Fica tudo resolvido.

numa época de violência e injustiças como a nossa,

Camisa esporte azul piscina, calça jeans, barba feita, 72 quilos, segunda ou terça-feira, sapato preto e meias pretas - o Rio de Janeiro ficava nove horas longe de Belo Horizonte (de ônibus), fevereiro, março, o ano todo - você sabe que, depois que parou de fumar, você ficou até mais branco?

- Sinceramente, não posso me queixar de nada. Tenho fama, muitos amigos, ganhei dinheiro e corri o mundo. Para uma pessoa de origem tão humilde como eu, a vida foi boa demais. No futebol eu poderia dizer que ainda me falta uma coisa, que não chega a ser uma decepção: ser titular da seleção brasileira.

Eduardo, a grande sensação do time no estrangeiro, apoiado por Lauro e com deslocamentos de Dirceu, forma um triângulo e força todo o jogo pela direita. Rinaldo, nas subidas de Dirceu, fica ao lado de Pizza, o libero do time, cabendo a Fontana e Perfumo impedir as entradas dos dois adversários Lima e Hélio.

acontece que cada 450 gramas, que você carrega além do peso normal, obriga seu coração a impulsionar o sangue através de quase cinco quilômetros de vasos sanguíneos que, em caso contrário, ele não teria de servir

Geraldo:

- Cada foda que você dá é igual subir oito andares a pé.

- Puta merda! Hoje então já subi 16 andares!

Perguntou:

- O Rio de Janeiro é bonito?

- É o quê?

- É bonito o Rio?

- Muito bonito. Eu acho. Gosto muito.

FAVOR NÃO COMER A GRAMA

Às vezes Renato estava lá em cima, outras vezes estava bem por baixo, o estoicismo sempre ajudando a tapear as coisas. Com tristeza e melancolia pensava na figura tremenda de Liza e, apesar da dor passageira, ficava satisfeito por saber que ela existia do jeito que era. Quando pensava em Diana Davis ou Jean Seberg, ou quando ainda saía com elas, não era a mesma coisa do que quando ficou com Liza, porque Liza foi um momento mais do que especial. O vestido preto de Liza, o decote deixando ver quase tudo, a saia quase na mesma altura da calcinha. Jane Fonda, por exemplo. Renato ficava confuso quando pensava em Liza. Renato estava sentindo era uma tremenda falta de afetividade - como todo mundo. Eram as duas coisas de que mais falavam no momento os animais: carência afetiva e poluição. E era triste saber que, mais dia menos dia, Renato acabaria se esquecendo de todo mundo - como todo mundo.

Sempre um Rio de Janeiro no subconsciente de cada mineiro. Quem falou isso foi o Jésus. O Jésus vai pro Rio. Jésus dizia que há sempre um Rio de Janeiro no subconsciente de cada mineiro. O Jésus. Ele vai pro Rio. Poeta e humorista.

Mas quem dava uma das versões sobre minha saída do seminário, onde fiquei 10 anos, era o Walter, marido da Benvinda, cunhado de Renato. Quando saí do Seminário Maior São José, de Mariana, dirigido pelos padres lazaristas, devotos de São Vicente de Paula, antes escrevi uma carta pra minha mãe explicando os motivos daquele meu comportamento. Mariana era uma cidade histórica, sede de arcebispado, o arcebispo chamava-se dom Helvécio Gomes Pimenta, cara mais feio que múmia, com o tempo a gente se acostumava com a pimenta. Na mesa do bar, Walter contava que dona Benedita recebeu a carta e ficou até doente, de cama, chorou porque o filho não queria mais ser padre. Sua mãe tem uns negócios gozados. Ela sabe que sou espírita, mas não admite isso não. Tudo o que o padre fala

ela aceita, pode ser a coisa mais besta do mundo. A única coisa que sua mãe ensinou pra vocês foi religião.

- Você foi pro seminário porque quis, dizia Benedita pro filho Renato.

E o filho Renato respondia:

- E desde quando uma criança de nove anos pode querer alguma coisa? (Renato foi pro seminário antes de completar os 10 anos e antes de terminar o quarto ano primário, que ele fazia na cidade de Ouro Fino, onde nascera, no Grupo Escolar Bueno Brandão, como aluno da dona Conceição, uma professora muito amiga da mãe de Renato e que também era católica e amiga de padres.)

Walter insistia que a religião católica atrapalhou completamente a vida de dona Benedita.

- Também, coitada! ela já tá com quase 70 anos. Você vê que, no tempo dela de mocinha, não se podia nem mostrar a calcinha pra ninguém, a própria moça é que tinha de lavar essas peças íntimas, e com o banheiro fechado. Hoje, calcinha e sutiã são mostrados até em televisão, via Embratel, pra todo o país, como aconteceu naquele programa do Flávio, se lembra? Aquela moça bonita, a Íris, ela ganhou sutiã e calcinha de presente, e o Flávio ainda mostrou pra todo o país, em primeiro plano, mas o melhor foi que Íris disse que não usava sutiã porque não precisava e que costumava dormir peladinha - e todo mundo riu e aplaudiu beatificamente, como convém a um programa de televisão, via Embratel, pra todo o país. Tempo inocente aquele! Era o máximo hem? (Ou era o mínimo?)

Mas que vocês são engraçados, isso são. Casam, e depois ficam falando que casamento é uma merda. Mas será que não dá pra perceber isso antes de casar não? Porra! Você sabe que meu problema não é casamento nem filho, meu problema é mulher que me ame, entende?

uma simples excitação elétrica da parte temporal do cérebro

e nós somos apenas um dos inúmeros aspectos da vida, entende?

- Ah, eu não gosto de mulher desse jeito não. Chego em casa, janto, sento na sala pra ver televisão e olha que ela também fica sentada lá perto mas não resmunga uma única palavra o tempo todo. Pra não falar na criançada fazendo aquela bagunça dentro do apartamento. Assim não dá! Assim não vai!

aprenda a criar porcos

Parentes e amigos se casavam pra depois lamentarem a vida de casados. E Renato ficava olhando, cada vez mais desconfiado, mais arisco, mais sozinho. Acreditava em mulher, sexo e amor, mas não acreditava em casamento, uma coisa não tinha nada a ver com a outra.

Realmente dava desânimo. Mas Renato não sabia por que estava desanimado. Geralmente, quando ficava desse jeito, costumava pensar em falta de dinheiro e mulher. Gostaria também de ter dinheiro suficiente pra poder ler, estudar e escrever sossegado. Na maioria das vezes costumava era olhar assim pra frente, sem pensar em nada, como se estivesse sonâmbulo, nem triste nem alegre, não participando de coisa alguma, tudo sendo feito de modo maquinal.

essa massa gelatinosa, que é o cérebro, com seus 14 bilhões de células

essas pessoas honestas, dignas e bem comportadas, e portanto fartamente interessadas no pecado

esse mundo

Renato

Te conto algumas passagens. Um filipino dançando de cuecas. Um tchecoslovaco, ex-hóspede de um campo de concentração, agora condenado em seu país como espião de Israel, dançando com roupa de prisioneiro e depois sendo preso na rua por dirigir bêbado. Todo mundo tremendamente embriagado, cada um tentando segurar a mulher do outro.

Nenhuma briga por causa disso, já que quase ninguém era brasileiro. Algumas crianças e velhos fantasiados, igual num filme de Fellini. Um hindu que me tirou pra dançar, porque não havia mulher pra todos - e eu recusei, é claro, saindo atrás da primeira loira que passou na minha frente. Uma japonesa que tirou a Marília pra dançar e ela aceitou, encabuladamente e sem malícia, porque isto aqui felizmente não é o Brasil. Uma sueca, dona da casa, que beijava nós todos enquanto o marido ria. Todo mundo dizendo que amava todo mundo. E era verdade, pelo menos nessa noite.

24 horas depois caiu na cidade a tempestade de neve mais filha da puta dos últimos anos, dizem. Uma espécie de calamidade, impedindo o tráfego nas ruas, estradas, aeroportos etc. Matando algumas pessoas e gelando a todos. Você sabe qual é a temperatura: 20 graus abaixo de zero. Mas o ruim mesmo é o vento: você sai na rua e volta correndo. Correndo não, porque se correr em cima do gelo escorrega e cai. Eu levei um tombo ridículo ontem. É foda.

New York. Um cara que vai a segunda vez, se não for muito deslumbrado, talvez chegue à conclusão, como eu e a Marília, que a cidade está feia e decadente e cheia de gente fodida nas ruas. Mas vale sempre a experiência. A impressão que se tira da cidade é que ela não pode ir mais longe desse jeito. Entre outras coisas, vimos Hair, que nestes anos tornou-se mais velha que uma peça medieval. Mas vimos o Modern Jazz Quartet, que continua bom pra caralho. E no mais, aquela febre de natal. Entre algumas coisas na vitrine, pudemos anotar um caralho elétrico (juro!) anunciado para homens (homens?) e mulheres. E a mulher de plástico já se tornou na América uma realidade. Estou até pensando em desembarcar no aeroporto de braço dado com uma.

Mais coisas de New York. Não mais o Greenwich, mas o East Village. As coisas lá, sem qualquer julgamento moral da minha parte, estão assim: os viciados de heroína nas ruas topando

qualquer parada por alguns dólares. Pra mais uma dose. Mas estivemos por lá no sábado e sábado é sábado em qualquer lugar: o pessoal todo nas ruas, com ar de sábado. Mas passamos pelo bairro dos bêbados num dia de semana e não deu não: voltamos depressa. A turma do delirium tremens toda na rua e partindo pra cima de você, querendo uns trocados. E as ruas escuras. E eu lá em New York fico tímido como um garotinho.

No mais, os preços de New York estão de arrebrantar a gente. Mas filmes é o que mais tenho visto por aqui. Um "Novo Cinema Novo" na América, mas ainda inseguro do que quer. O underground influenciando os produtores e diretores e transformando tudo. TRASH, que significa lixo e que filma, meio na base do improvisado, os viciados de heroína do Village. Entre outras coisas, uma mulher se masturbando com uma garrafa e um viciado sendo filmado o tempo todo nu e com pau totalmente mole. No Brasil não vai passar, é lógico, porque vão cortar o pau do cara, que é importante no filme, porque significa a impotência. O filme é de Andy Warhol, um dos papas daqui. E também vimos GIMME SHELTER, festival pop na Califórnia, com os Rolling Stones, mas que, ao contrário de Woodstock, foi o festival da violência. O filme mostra, inclusive, um negro sendo morto à faca por um Hell Angel, na primeira fila de espectadores. Mas o filme mostra ainda o inacreditável Mick Jagger, dos Rolling Stones, e que, no palco, é o artista mais extraordinário que o rock and roll já produziu. E vimos LITTLE BIG MAN, de Arthur Penn, que lembra um pouco Cem Anos de Solidão e é uma desmistificação da história americana. E, pela primeira vez, a gente vê os índios ganhando no fim do filme. E uma porrada de coisas mais nós vimos. São filmes sobre os quais eu gostaria de escrever, se tivesse onde publicar. Uma reportagem cujo título seria bem simples e conciso: LIXO. Mas no jornal de vocês acabam pondo aqueles títulos imbecis. Não gostei daquele título na minha reportagem. Não gostei não: nem da inversão burra dos meus

parágrafos nem daquela contribuição do Roberto. No jornal de vocês tudo acaba saindo mal feito e provinciano. Sei que dizem por lá que o leitor não entende um negócio inteligente. Mas acho que os leitores é que vão ficar cada vez mais burros lendo o jornal de vocês. Mas obrigado a você por ter levado a reportagem. Minha intenção ao mandá-la era dar uma informação nova aos meus coestaduanos. Uma espécie de consciência revolucionária em que tento acreditar às vezes. Consciência revolucionária pra mim é tentar modificar o meio em que se vive. Por isso mesmo eu gostaria de falar sobre certos filmes que não serão exibidos no Brasil. Pra mostrar que nem todo mundo está na nossa: na nossa cultura medíocre, fascista e provinciana, com talentos abortados e milagres esporádicos. Então, se eu mandar mais alguma coisa, por favor: peça a eles pra não introduzirem tanta genialidade. Faça o negócio diplomaticamente, e desculpe-me encher teu saco.

A vida continua a mesma, só que estou sozinho agora. Estou enfrentando bravamente a Odisseia de Homero. De tanto ouvir falar, resolvi ler. Também li o contista americano Donald Barthelme. É o melhor autor jovem que descobri por aqui. Lembra muito o Rubem Fonseca. No mais, a literatura nova americana é um negócio dos mais medianos e comerciais. E acho, sinceramente, que a força nova, sem qualquer patriotada, está vindo mesmo da América Latina.

Assisti o filme Z proibido pra brasileiros. Por motivos óbvios, porque os generais são desmistificados e até ridicularizados. Vi também Dynamite Chicken, um filme pop, com cheiro de Village. Sabe de uma coisa? Está tudo virando lugar comum: drogas, sexo tribal, cabeleiras e barbas. E a buceta deixou de ser tabu. Ela está em todos os filmes e peças de teatro. Com ou sem cabelinhos. O que pode acontecer é a turma sair disso meio broxa. Sei lá. Eu, continuo gostando.

No mais, os tambores de guerra continuam tocando. Os estudantes, aqui, estão putos da vida. Ontem houve uma

manifestação. Quebraram uns vidros etc. Mas com esse inverno não dá. O presidente foi vivo e escolheu o momento certo e ainda mandou uma nave à lua, como cortina de fumaça. Só que esse negócio de astronauta na televisão já está enchendo o saco. Mas a primavera americana promete ser violenta. No inverno, as agitações hibernam. Aqui há alguns veteranos de guerra. Voltaram putos da vida e todos tomando drogas.

Hoje tem reunião. Com vinho, cerveja e um poeta polonês, muito bom. Entre outras coisas, o cara conheceu pessoalmente Henry Miller. Aqui, parece que todo mundo conhece todo mundo que é famoso. A gente chega provincianamente deslumbrado e depois vê que é besteira. Os poemas do Tião e do Valdir são melhores do que muita gente por aqui. A turma daí tem talento: o que atrapalha é a falta de perspectiva e vai todo mundo estagnando. Viajar também é bom, pra perder complexos.

(Célio, Universidade de Iowa, anos 70)

Eu que sou tão profundamente eu e que tão profundamente preciso dos outros, e que peço gestos emprestados para me reconhecer no meio de toda essa algazarra.

Ele gritou:

- Eu-gostaria-de-não-ser-tão-feliz-a-ponto-de-ficar-
tão-angustiado.

- Pierre!

- Françoise!

- Alô.

- Pronto.

- É verdade que o senhor tem um elefante aí na sua casa?

- Tenho, por quê?

- Porque não pode.

- Não pode por quê?

- Não pode, uai!

A temperatura da bola de fogo, um sol flamejante, é de 100 milhões de graus centígrados.

- Vem comigo?

- Vou sim.

gozar esse povo que vive dizendo coisas sérias. pois não havia nada para esperar.

- Não fez não, Fernando?

- Não, Marta, não fiz.

- Não disse nem uma palavra?

- Nem uma palavra.

naquele bloco que afundava maciamente.

- Atormentando?!

- Amor atormenta. Será que você não entende? Sou um sujeito que odeio as pessoas que amo, entendeu agora?

Ela dizia pra mim:

- Sua complicada metafísica interior.

- Vó, o Tevinho tá enchendo aqui.

- Tou não, vó.

- Tá sim.

- Num tou não, cavalo!
- Olha os dois, intervém avó Benedita.
- É esse cavalo aí.

O que você sente por mim não me interessa, o que importa é a reação que você me provoca.

- Era uma vez um cão, chamava-se Veludo.

O último filho de Benedita, calado e sério,

Na mesa do barzinho, ali perto da TV Mundo, estavam Jean Seberg, a irmã gêmea que também se chamava Jean Seberg, Diana Davis e eu. Pediram chope, eu pedi cerveja e salgadinhos.

aquele miserere mei Deus descarregado contra a comida, o medo de se tornar mau padre, os pecados, as negligências, o mau comportamento.

aquele baque surdo e seco na espinha, apenas o espanto e o gemido, uma dor imensa,

E, mais ainda, o público sente-se ofendido porque o trapezista obriga olhar a vida sob outro ângulo e seria incômodo que todos tivessem de adotar o ângulo do trapezista.

Havia Mônica, sem dúvida,

Por quê? Pra quê? Eu não pedi o mundo!

- Eu não tou dormindo, tou descansando.

- Então descansa, porra!

Não, eu não estava bagunçando nada. Estava apenas dizendo que estou triste, do mesmo modo como quando pego uma laranja e digo que está madura, é isso.

os administradores, os secretários, as hienas e, principalmente, os túmulos e os terrenos aplainados.

No ano passado também devolveram.

É isso mesmo, né?

Peseta.

Buceta?

Samambaia não. É trepadeira!

Pensava principalmente que a vida era um convite e ele sabia qual o endereço da festa.

O homem está sentado no quarto e

Eu não falei pra você? Ter filho é a melhor coisa do mundo.

- Então você me ama.

- Sim, te amo. E gosto de ver os outros se amando.

- Mas eu amo você mais do que você me ama.

- Não. Te amo igual.

- Igual todo mundo.

Você pode amar todo mundo, eu posso amar todo mundo. É isso.

- Até que a vida nos separe.

- Sim. A vida, naturalmente.

"Agora e na hora do nosso nada."

Ficou com vontade de chorar, mas viu que era besteira.

John Lennon, Paul McCartney, George Harrison, Ringo Star.

- América Latina! América que late mas não morde! É uma puta. Vive dando a bunda pros Estados Unidos.

As fotos de John, Paul, Ringo e George estavam realmente expressivas, principalmente a de John, por quem sinto uma simpatia muito grande.

Minha mãe diz, na língua dela:

- Seu avô também pensava assim. Ele queria morrer rápido, de um raio ou de um desastre, mas ficou muitos anos na cama, com arteriosclerose.

embora dando sempre a impressão de que estou amando ou sendo piedoso.

- Dê um beijo na boca desse cavalo, dizia o amigo.

"A dor é apenas uma das formas de sensibilidade,

A moça loira dizia que gostava do formato do meu nariz, gostava do jeito do meu nariz. Fiquei surpreso: do meu nariz?! Depois disse: tenho um amigo que gosta de mulher cabeluda.

Ele gritou: é metáfora, tua vida é uma metáfora.

As coxas gritavam: olha como sou ótima! E meus olhos diziam: veja como estou longe! Com os gestos ou com as palavras, as coxas teriam que dizer: eu quero. Então minhas mãos diriam: eu topo.

Eu havia dito: estou com uma imensa dor de cotovelo, mas isso passa. E a moça falou: posso te consolar. E eu disse: mas o que que você receberá de volta? Aí a moça falou: você me dá prazer, não?

então Renato nasceu como quem leva um susto,

No mais, os tambores de guerra continuam tocando.

E a chuva não para de cair. Aquele barulho monótono de chuva, que dá sonolência. Subitamente, como num choque, senti

que as frases já não seguiam categorias, e eu então estava escrevendo frases sem sentido para homens sem rosto. A chuva não para de cair. Aquele barulho monótono. E então, a caneta esferográfica, tinta preta, ia puxando as palavras, e as palavras puxavam minha mão. Aquele barulho monótono de chuva que dá vontade de dormir, mas que dá também uma impressão de ternura. Subitamente, como num choque, vi que as palavras escritas não eram as palavras que estavam na minha cabeça, pois na minha cabeça não há palavras, mas sons e imagens. E a chuva não para de cair. Aquele barulho monótono de chuva. Barulho de monótono aquele de chuva. Chuva de monótono barulho aquele. Que bar tono de huva. Q ba ton de hu. B to. T...